



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

EUGÊNIO BRITO ROCHA

A FABRICAÇÃO DE UM CARBONÁRIO:
Sebastião Bráz e a experiência de militância no Brasil (1952-1970)

TERESINA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB

EUGÊNIO BRITO ROCHA

A FABRICAÇÃO DE UM CARBONÁRIO:
Sebastião Bráz e a experiência de militância no Brasil (1952-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito para a obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

TERESINA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

R672f Rocha, Eugênio Brito.
A fabricação de um carbonário : Sebastião Bráz e a experiência de militância no Brasil (1952-1970) / Eugênio Brito Rocha. -- 2021. 103 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2021.
“Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.”

1. Ditadura - Brasil - História. 2. Comunismo. 3. Militância.
4. Bráz Filho, Sebastião I. Brito, Fábio Leonardo Castelo Branco.
II. Título.

CDD 981.063

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

EUGÊNIO BRITO ROCHA

A FABRICAÇÃO DE UM CARBONÁRIO:
Sebastião Bráz e a experiência de militância no Brasil (1952-1970)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito para a obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

APROVADA EM ____/____/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito – UFPI
Orientador

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva - UFERSA
Examinador Externo

Prof^a Dr^a Cláudia Cristina da Silva Fontineles – UFPI
Examinadora Interna

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento – UFPI
Examinador Interno

*“O caminho é mais importante do que a caminhada”
Carlos Drummond de Andrade*

Pelos que lutaram contra a Ditadura por um país melhor.
Aos mortos e desaparecidos políticos.
A todos que torceram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Essa história começou em 2016 após terminar a graduação em História, logo após terminar curso me bateu uma vontade danada de fazer uma pós-graduação a curiosidade que para muitos termina ao finalizar a graduação para mim serviu de estímulo para seguir adiante. Percorri terras maranhenses na busca pelo tão sonhado mestrado, mas esse sonho se realizaria em terras piauienses. Foi quando em 2018, ao término da especialização em História do Brasil, o amigo Wellington falou assim: “cara vamos fazer seleção esse ano”. E assim seguimos na maratona de estudos, durante a semana, aos sábados, domingos e feriados. Obrigado por ter sido um grande incentivador desse sonho. Após todo o processo, ainda em 2018, consegui a tão sonhada aprovação no Mestrado em História do Brasil da UFPI. Naquele instante a ficha caiu, de fato seria um aluno da 16^o turma do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil.

A nova aventura que iniciava me apresentou novas possibilidades e novos afetos. Agradeço imensamente aos colegas da turma que sempre estiveram à disposição cada um dentro das suas condições em especial gostaria de agradecer aos amigos Carlos, Ana Karoline, Davi, Val, Ramone, Wiliane, Francimary. Tenho grande carinho e consideração. Vocês são incríveis! Os professores do curso dispensa comentários, um corpo docente altamente competente e capacitado, em especial a Prof. Marylu pela assistência e orientação sempre que precisei, agradeço ao meu orientador Prof. Fábio Leonardo que, mesmo diante da dificuldade que enfrentei para a construção desse trabalho, permanecia ao meu lado. Você é um exemplo! Agradeço a todo o corpo administrativo do PPGHB, sempre solícito às demandas. Agradeço ao Prof. Francisco Filho, que desde a graduação me estimulou a seguir à docência e enveredar na pós-graduação, obrigado pela mão amiga sempre que precisei.

A minha família por sempre acreditar no meu potencial e por sempre levantar minha cabeça quando pensei em baixá-la. Vocês são o alicerce para que tudo isso pudesse se concretizar. Agradeço em especial a minha esposa por ter paciência e compreensão durante esse tempo, ao meu pequeno Miguel Arcanjo por sempre me perguntar: “Pai já está terminando? A gente ainda tem que brincar hoje”. Aos meus pais, Raimundo e Zélia, e irmão Sávio por me proporcionarem todo o amor e uma boa educação. A minha vó, Josélia (*in memoriam*), por ser exemplo, a minha Tia avó, Olinda Bráz, e Tia Conceição que desde pequeno me davam puxões de orelha quando não queria estudar, eles serviram. Ao meu Tio Sebastião Bráz que, pelo fato de existir, foi material primo fundamental para que a viabilidade da construção dessa dissertação.

Agradeço a Deus por ter mantido a minha fé firme mesmo nos momentos turbulentos sem a Sua presença nada disso seria válido. A todos o meu muito obrigado. Gratidão total.

*Nossa geração teve pouco tempo
começou pelo fim
mas foi bela a nossa procura
ah! moça, como foi bela a nossa procura
mesmo com tanta ilusão perdida
quebrada,
mesmo com tanto caco de sonho
onde até hoje
a gente se corta.*

Idílica estudantil – Alex Polari

“A gente quando é jovem, a gente é cheio de sonhos”

Sebastião Bráz Filho

RESUMO

Este trabalho propõe analisar as experiências de militância de Sebastião Bráz Filho entre as décadas de 1950 e 1970. Nascido em Valença (PI), Sebastião se desloca para o Rio de Janeiro em 1952, onde se integra nas vivências do Partido Comunista Brasileiro, vivendo os momentos que envolvem sua colocação na clandestinidade, quando ocorre o golpe civil-militar de 1964. Tomando Sebastião Bráz como um ponto de partida para a compreensão de uma época, o texto aborda os eventos constitutivos da política brasileira no recorte estudado, problematizando de que forma as experiências históricas de um tempo configuraram essa dada subjetividade e sua relação, em especial, com a emergência e a efetivação da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Nesse sentido, o personagem central da pesquisa se relaciona com outros sujeitos do período, tais como Stuart Angel, Carlos Lamarca e Cid Benjamin. Realizando uma leitura de documentos oficiais, material hemerográfico, fontes orais e demais registros de memórias de Sebastião Bráz, bem como de outros escritos da militância de esquerda brasileira, a pesquisa busca perceber de que forma foram produzidos, em torno dele, agenciamentos na sua forma de pensar a si e sua experiência nos tempos de ditadura. Para tanto, se vale da reflexão em torno da historiografia produzida, dentre outros, por Dulce Chaves Pandolfi, Edwar de Alencar Castelo Branco, Jacob Gorender, Daniel Aarão Reis Filho, Marcos Napolitano, Fernando Gabeira e Zuenir Ventura; bem como da teoria construída a partir de Gilles Deleuze, Michel Foucault, Pierre Bourdieu e Jorge Larrosa e das possibilidades metodológicas oferecidas por Sônia Maria de Freitas e Verena Alberti, a respeito da metodologia da história oral, e Helena Brandão, no tocante à análise dos discursos.

Palavras-Chave: História. Brasil. Ditadura. Comunismo. Militância.

ABSTRACT

This paper proposes to analyze Sebastião Bráz Filho's militancy experiences between the 1950s and 1970s. Born in Valença (PI), Sebastião moves to Rio de Janeiro in 1952, where he joins the Party's experiences A Brazilian Communist, living the moments that involved his hiding in hiding, when the civil-military coup of 1964 took place. Taking Sebastião Bráz as a starting point for understanding a time, the text addresses the constitutive events of Brazilian politics in the studied context, questioning how the historical experiences of a time shaped this given subjectivity and its relationship, in particular, with the emergence and effectiveness of the Civil-Military Dictatorship in Brazil. In this sense, the main character of the research relates to other subjects of the period, such as Stuart Angel, Carlos Lamarca and Cid Benjamin. Reading official documents, hemerographic material, oral sources and other records of Sebastião Bráz's memoirs, as well as other writings of the Brazilian left militancy, the research seeks to understand how agencies in his form were produced around him. to think about themselves and their experience in times of dictatorship. To do so, it draws on the reflection on the historiography produced, among others, by Dulce Chaves Pandolfi, Edwar de Alencar Castelo Branco, Jacob Gorender, Daniel Aarão Reis Filho, Marcos Napolitano, Fernando Gabeira and Zuenir Ventura; as well as the theory built from Gilles Deleuze, Michel Foucault, Pierre Bourdieu and Jorge Larrosa and the methodological possibilities offered by Sônia Maria de Freitas and Verena Alberti, regarding the methodology of oral history, and Helena Brandão, regarding the analysis of speeches.

Keywords: History. Brazil. Dictatorship. Communism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 COMO NOS TORNAMOS AQUILO QUE SOMOS: o <i>sujeito-signo</i> Sebastião Bráz e as experiências históricas no Piauí da década de 1950.....	22
2.1 As condições de existir em Teresina da década de 1950.....	22
2.2 “Pode ir enrolando a bandeira nacional”: política, religião e anticomunismo	34
2.3 “Olhei para minha carteira de identidade e li: ‘Válida em todo território nacional’”: a decisão em ir para o Rio de Janeiro.....	46
3 A LINGUAGEM DA REVOLUÇÃO: Sebastião Bráz e o <i>corpo-militante-partidário</i> brasileiro	54
3.1 “Naquele momento eu entrei na luta por esse Brasil”: inserção na juventude comunista..	54
3.2 “A militância para min foi um aprendizado”: a forja do <i>corpo-militante-partidário</i> no contexto da luta.....	62
3.3 Sebastião Bráz e a luta sindical: trabalho, militância e clandestinidade	69
4. AS VIVÊNCIAS DO TRAUMA: inquérito, prisão, perdas pessoais e diagnósticos do presente.....	80
4.1 “Naquele dia ali, eu fui preso pelas coisas que eles achavam que eu deveria responder”: o Inquérito Policial Militar para apurar atividades subversivas	80
4.2. Para além do “combate nas trevas”: perdas e danos de uma atuação macropolítica.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	926
REFERÊNCIAS	989

1 INTRODUÇÃO

Creio que é importante recuperar essas memórias e transmiti-las sobretudo para essa nova geração que desponta com os anos 80.

Alfredo Sirkis – Os carbonários

Entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, quando se vivia no Brasil os primeiros sinais do processo de abertura política com relação ao regime instaurado no país em 1964, começava a aparecer, de forma sintomática, um conjunto de livros resultantes das memórias de militantes ligados às esquerdas brasileiras, relatando suas experiências em espaços de resistência, tais como o movimento estudantil, as guerrilhas e a resistência acadêmica. No interior dessas memórias, destacando-se as mais emblemáticas, é possível citar obras tais como *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, publicado em 1979¹; *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis, publicado em 1980²; *Batismo de sangue*, de Frei Betto, publicado em 1987³ e *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender, ambos publicados em 1987⁴; e, por fim, *1968: o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura, publicado em 1989.⁵

Para além de narrativas de memória, esses textos serviram como emblemas para que, naquele momento, fossem denunciados os desmandos do regime ditatorial brasileiro, de forma a propor uma conscientização da sociedade da época com relação às agruras vividas por diversos grupos que resistiam a esse regime. Tomando como um dos exemplos dessa construção discursiva, a narrativa de Sirkis nos oferece uma reflexão a respeito de quais as ações tomadas pelos militantes como forma de fazer frente ao autoritarismo vigente no país. Focado na resistência armada, aproxima no título e no desenvolvimento de seu texto, os personagens em questão à imagem dos carbonários – neologismo oriundo do italiano, que significa, na língua nativa, carvoeiro (*carbonaro*, no original) –, associada a grupos de resistência europeus no final do século XIX, mas também estendida a todo grupo que pregasse uma imagem revolucionária. Assim, Sirkis narra a trajetória do militante Felipe, jovem de 19 anos, e sua relação com figuras do contexto revolucionário da época, a exemplo de Carlos Lamarca:

¹ GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** 25. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

² SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

³ BETTO, Frei. **Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

⁴ GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas: as esquerdas brasileiras da ilusão perdidas a luta armada**. São Paulo: Ática, 1996.

⁵ VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Paulista rabiscava umas notas de papel. Ele tinha o hábito de esconde-las [sic] numa pasta. Naquele dia, porém, ele deixou o papel em cima da mesa [...] o que me chamou a atenção foi a caligrafia. Redondinha, bem desenhada, [...] parecia letra de menina-moça, bem comportada. Eu conhecia aquela letra. Era a mesma dos bilhetes do comando nacional pro setor de inteligência, assinadas Cláudio. Agora tudo encaixava-se: o Smith e Wesson 38, [...] o “conheço esse cara de algum lugar”, a caligrafia. Paulista era Cláudio, isto é: Carlos Lamarca.⁶

Felipe, Lamarca, o próprio Sirkis, além de Gabeira, Frei Betto, Gorender e tantos outros, que registraram ou não suas memórias, fazem parte de um conjunto de nomes que fizeram parte dos movimentos de resistência à ditadura civil-militar no Brasil.⁷ De fato, foi esse um período de tensão social, que por vezes causou uma série de enfrentamentos contra os indivíduos que se opunham ao regime. Em diversas ocasiões, é possível perceber como as arbitrariedades provocadas pelo estado acabaram por ocasionar situações que até os dias atuais ainda não foram explicadas, as memórias dos sujeitos que viveram esse período são uma chave de compreensão para que seja possível esclarecer alguns acontecimentos que ocorreram nesse momento da história do Brasil.

As memórias, em vários momentos, demonstraram de fato o que ocorreu, porém, fornecem fortes indícios que permitem que algumas análises e reflexões sobre esse período sejam lançadas a partir de uma direção mais crítica e questionadora. Constituem, assim, um material para ser problematizado pelo historiador, esse incumbido da função de observar como determinadas experiências históricas foram construídas, fabricadas, ao longo do tempo.

As produções historiográficas em torno da memória, especificamente entre os anos de 1974 a 1994⁸ dão conta de uma produção mais crítica sobre o ditadura civil-militar no Brasil, isso ocorre devido uma perda de apoio da sociedade em relação aos militares, era notável identificar que o projeto instaurado com o golpe de 1964 definhava pouco a pouco. Com a perda de espaço na sociedade as discussões em torno da ditadura militar também mudaram, ocasionando um debate mais centrado em críticas sobre o período em que os militares permaneceram a frente do governo.

⁶ SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**: memórias da guerrilha perdida. São Paulo: Global, 1981. p. 246-247.

⁷ Daniel Aarão Reis realiza uma discussão em torno conceito de ditadura civil-militar bem anterior ao golpe, ao fazer menção ao golpe civil-militar que resultou na queda de João Goulart. A partir desses fenômenos o autor nos possibilitar compreender a complexa relação estabelecida pós 1964 com a ditadura, o projeto autoritário necessitava por apoio da sociedade civil para ser concretizado. Ver: REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁸ Marcos Napolitano traz uma discussão sobre a periodização da memória em torno do autoritarismo do regime militar, e evidencia que em especificamente entre os anos de 1974 a 1994 as discussões mais críticas sobre a ditadura civil militar no Brasil se tornam mais densas. Ver: NAPOLITANO, Marcos. **1964**: história do regime militar no Brasil.

Para buscar uma compreensão desse período recorreremos as memórias de Sebastião Bráz Filho, piauiense nascido em 1932, na cidade de Valença no Piauí (PI), que, posteriormente, mudar-se-ia para a capital, Teresina, local onde inicia seus estudos secundários no Grupo Escolar Gabriel Ferreira. Após concluir seus estudos na Escola Técnica, da qual sai com o curso de torneiro mecânico, no ano de 1953, decide ir embora para o Rio de Janeiro, onde, a partir de uma série de vivências e sociabilidades diversas, passa a integrar a juventude comunista e, conseqüentemente, inicia sua trajetória como militante, posteriormente filiando-se ao Partido Comunista Brasileiro. No âmbito daquele espaço político-partidário, Sebastião inicia, de forma mais efetiva, a sua experiência de enfrentamento político, notadamente com o advento do golpe civil-militar de 1964.

Durante a ditadura civil-militar no Brasil, Sebastião Bráz participou de momentos pontuais do processo de enfrentamento ao regime ditatorial que se consolidava em 1964, dentre os quais podemos citar a Passeata do Cem Mil, uma das manifestações populares mais importantes organizada pelo movimento estudantil⁹, além de abrigar em sua casa personagens importantes que foram perseguidos durante esse período, tais como Stuart Angel¹⁰, Carlos Lamarca¹¹ e Cid Benjamin¹². Nesse sentido, seus relatos nos possibilitam enxergar de uma perspectiva única todo o processo desde a cooptação de pessoas para ingressarem na militância, como também, o percurso feito pelos sujeitos que decidiam enfrentar o aparelho repressor do estado.

Tomando este aspecto de desenvolvimento e as experiências de um tempo que Sebastião Bráz Filho se constitui um sujeito-signo de sua geração, a década de 1950 representa uma mudança cíclica na vida deste indivíduo, a própria condição de existência o forja enquanto

⁹ Ocorrida em 26 de julho de 1968, a Passeata dos Cem Mil reuniu estudantes que militavam no movimento estudantil brasileiro nas ruas da Cinelândia, centro da cidade do Rio de Janeiro. Para mais informações, ver: VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

¹⁰ Stuart Angel Jones era filho da estilista Zuleika Angel, conhecida como Zuzu, e do estadunidense Norman Jones. Estudante de Economia na UFRJ, integrou o Movimento Revolucionário 8 de Outubro, conhecido pela sigla MR-8, onde utilizou codinomes como “Paulo” e “Henrique”. Devido sua participação na luta armada contra a ditadura civil-militar no Brasil, foi levado pelos agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) para a Base Aérea do Galeão, onde foi interrogado. Segundo narrativa do ex-guerrilheiro Alex Polari, foi torturado e morto, dado por desaparecido para sua família, de forma que sua mãe mobiliza um grande movimento para recuperar seu corpo e as informações sobre seu falecimento.

¹¹ Carlos Lamarca era um capitão do Exército Brasileiro, que desertou em 1969. Opositor ao regime civil-militar que se instalou no Brasil, integrou a luta armada, mobilizando um foco de guerrilha na região do Vale do Ribeira, interior de São Paulo, bem como o grupo responsável pelo sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher, em troca da libertação de 70 presos políticos. Após anos de perseguição pelo regime, foi encontrado e morto no interior da Bahia, em 1971.

¹² Cid de Queiroz Benjamin é um jornalista brasileiro que integrou a luta armada contra a ditadura civil-militar, atuando no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), ao lado de figuras conhecidas, tais como Fernando Gabeira. Integrou a operação de sequestro do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick, em 1969, em troca da libertação de presos políticos, dentre os quais o militante Vladimir Palmeira. Chegou a ser preso e exilado, tendo morado na Argélia e na Suécia.

sujeito permeado de inquietudes, a frente de seu tempo e produto dos signos que o constituíram. *Proust e os signos* nos permite compreender com nitidez a relação dos signos enquanto unidade de sentidos que constitui e formam o sistema denominado de “signos”, Gilles Deleuze formula a partir de sua concepção filosófica que os signos e os sentidos se correlacionam e a partir dos sentidos somos obrigados a pensar, ao fazermos tal exercício de pensamento produzimos nossa essência, que se converte em nossas experiências, o que Deleuze denomina em suas reflexões de aprendizado¹³.

Embora já tenha feito algumas observações sobre a pesquisa entrarei agora no momento que considero um dos mais importantes: a minha relação com o objeto de pesquisa e os caminhos que me trouxeram até aqui. Durante a graduação, especialmente nas disciplinas fragmentas que tratavam sobre História do Brasil, desenvolvi um crescente interesse sobre o período da ditadura civil-militar no Brasil, atrelado aos conhecimentos proporcionados dentro da academia me recorreu em um dado momento as memórias de infância de um tio, que com muito entusiasmo, contava suas histórias sobre esse período vivenciado por ele. Começamos então a conversar mais sobre o tema, eu como estudante universitário já com o conhecimento um pouco mais desenvolvido resolvi então questioná-lo mais ainda sobre esse assunto, sem muitas pretensões. Todavia, acabei por descobrir que Sebastião Bráz Filho, meu tio, havia tido contato direto com pessoas muito importantes dos movimentos esquerdistas que se opuseram contra o autoritarismo empregado pelos militares durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Ali começava a minha mais nova descoberta. Vislumbrado pelas histórias por ele contava, resolvi, então, debruçar-me sobre os estudos acadêmicos que envolviam esse período. Havia descoberto apenas a ponta do *iceberg*, pois muita coisa ainda estaria por vir ao longo desses anos de estudos. Aquele momento parecia mágico, pois, acabara de achar – mesmo sem querer – o objeto de pesquisa que daria origem minha monografia intitulada *Memórias de Sebastião Bráz: Subjetividades, vida e memórias da militância*¹⁴, cuja construção me ajudou a perceber que a produção historiográfica que tratava sobre esse período me permitiria adentrar por caminhos novos e buscar compreender esse período por outros aspectos, realizamos em primeiro momento uma entrevista que, apesar da pouca maturidade para a construção da monografia, proporcionou inquietudes que não findariam após a finalização do texto.

As inquietudes que outrora não puderam ser respondidas ao longo da graduação, de forma que voltaram a tornar-se presentes durante o Curso de Especialização em História do

¹³ DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.15.

¹⁴ ROCHA, Eugênio Brito. **Memórias de Sebastião Bráz: subjetividades, vida e memórias da militância**. 2016. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Faculdade Maurício de Nassau, Teresina, 2016.

Brasil ofertado pela Universidade Federal do Piauí, onde tive a oportunidade de aprender com os professores e conhecer novas leituras que proporcionaram um enorme aprendizado para construção do conhecimento que necessitaria para desenvolver o projeto de pesquisa ao final do curso, intitulado *Sebastião Bráz: História e memória de um contra a ditadura militar (1952-1970)*¹⁵. A partir desse momento, comecei a desenvolver e aperfeiçoar o projeto de pesquisa, visando no concorrer a uma das vagas do Mestrado em História do Brasil.

Consegui, então, a tão sonhada aprovação. Sempre otimista, eu continuava a caminhar, enquanto pesquisador, movido pelas inquietudes que, constantemente, ganhavam novas proporções. Em vista delas, tive a oportunidade de realizar novas entrevistas com Sebastião Bráz, já trazendo comigo um maior amadurecimento enquanto pesquisador, o que permitiu um maior entendimento para questões que ao longo dessa trajetória jamais imaginaria ser possível pesquisar. Algumas dessas questões ficam a cargo das narrativas, com o auxílio da história oral que, metodologicamente, indicam os caminhos a serem percorridos. O objetivo da entrevista já deixa claro a intencionalidade do documento¹⁶ que substancialmente serviu como base de nossas análises. É necessário construir uma série de possibilidades que serão atreladas aos conceitos, que por sua vez, auxiliarão as discussões em torno das fontes e sua operacionalização juntamente com a teoria. Nesse processo, percebi que Sebastião Bráz produz suas memórias sob a forma daquilo que Pierre Bourdieu chama de ilusão biográfica, na medida em que afirma que:

[...] o relato biográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação em dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. [...]¹⁷

Dessa forma, o problema central que nos move para desenvolver esta pesquisa parte de alguns questionamentos, nos levando a entender as relações de Sebastião Bráz com os movimentos contrários a ditadura civil-militar. Buscarei responder algumas questões em torno dessas abordagens, para iniciar, um primeiro questionamento é iniciado da seguinte pergunta: De que modo Sebastião Bráz se torna aquilo que ele é? Como podemos nos aproximar a partir das narrativas de Sebastião Bráz Filho dos acontecimentos que giram em torno do golpe de

¹⁵ ROCHA, Eugênio Brito. **Sebastião Bráz: história e memória de um militante contra a ditadura militar (1952-1970)**. 2019. 12 f. Projeto de Pesquisa (Especialização) - Curso de Especialização em História do Brasil, CCHL, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

¹⁶ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fgv, 2013.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 2006. p. 184.

1964? Poderíamos refletir em torno da constituição de Sebastião Bráz no interior do Piauí da década de 1940 e 1950? Quais as práticas e discursos que conformavam o corpo-militante-partidário brasileiro? Que instrumentos fundamentavam uma dada pedagogia comunista no Brasil? Como pensar as condições em torno do trabalho da memória e as condições de produção de suas sensibilidades, ressentimentos, bem como os instrumentos de discurso com os quais este se projeta no interior da subjetividade revolucionário que buscou constituir?

Desse modo, o objetivo do trabalho é tomar Sebastião Bráz como um sujeito-signo, a partir do qual serão analisados um conjunto de experiências históricas que perpassam os espaços e acontecimentos que ele atravessa ao longo de sua trajetória. A partir dele, o trabalho busca pretexto um estudo sobre a “fabricação dos carbonários”, ou seja, dessa dada subjetividade revolucionária no Brasil, compreendendo um conjunto de sujeitos que, no âmbito do Brasil encoberto pela ditadura, rebelou-se, de formas diversas, contra o regime. O trabalho toma a ideia de fabricação na medida que entende que essa construção de uma subjetividade é um processo histórico, processando-se, portanto, como uma invenção no campo dos discursos e das práticas, tecido nos teares do tempo. Concordamos, então, com Durval Muniz de Albuquerque Júnior, quando ele afirma que:

Tecer, costurar, bordar, escrever, como qualquer evento humano, por mais comezinho que seja, põe em relação a matéria e a idéia, a concepção ideal e o trabalho, a mão e a cabeça, o projeto e a ação, a natureza e a cultura, a coisa e a palavra. [...] ao fabricarmos a narrativa histórica mediamos elementos tão distintos como um lugar temporal, espacial, social, cultural, institucional, uma disciplina feita de regras, conceitos, métodos e uma escritura, feita de estilo, gêneros, tropos, convenções.¹⁸

Nesse sentido, compreendendo que não se pode tomar um sujeito apenas pelas suas experiências que o deram notoriedade política, tais como, nesse caso, os eventos ligados à militância, faz-se necessário, para analisá-lo, discutir as condições históricas de existência do lugar de onde ele saiu. As discussões em torno de Teresina na década de 1940 e 1950 são de extrema importância para podemos construir um cenário a partir da cidade. É nesse interim que podemos situar a chegada de Sebastião Bráz a Teresina, em meados da década de 1940. Entendendo que as fontes hemerográficas fornecem importantes indícios das experiências históricas de uma época, proponho aqui uma história escrita por meio dos periódicos, conforme sugere Tania Regina de Luca.¹⁹ Assim, alguns jornais que circulavam a época nos ajudaram a compreender o contexto infra estrutural que fazia parte a cidade existir, o jornal *A Cidade*

¹⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Introdução – Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história.** Curitiba: Prismas, 2017. p. 38.

¹⁹ LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

deixava evidente em algumas de suas matérias, boa parte de suas reportagens faziam menções as questões em torno das obras que estavam sendo realizadas em Teresina. Para fazer uma operacionalização com esses recursos empíricos, serão utilizados os debates historiográficos presentes no livro *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*²⁰, de Francisco Alcides do Nascimento, bem como na dissertação de mestrado *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidades, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)*²¹, de Nilsângela Cardoso Lima. Tais trabalhos contribuem para uma compreensão do contexto político, econômico e social de Teresina, na medida em que muitas das experiências históricas instituídas durante o período do interventor Leônidas de Castro Melo demarcaram, urbanística e socialmente, a Teresina por onde passaria Sebastião Bráz e que o constituiria como sujeito de seu tempo.

A cidade também viva um intenso momento durante a década de 1950, em virtude dos acontecimentos a partir da política regional. Analisar dos fatos em torno da política piauiense desse período é de extrema importância para que sejam realizadas as interlocuções com os anos seguintes a 1950, período no qual Sebastião Bráz conviveu com o cotidiano e as práticas urbanas em Teresina, subjetivando tais experiências e a carregando para suas vivências futuras. As tensões políticas que giravam em torno desse período só tendem a se agravar devido a articulação dos militares com a política e sua aproximação com a chegada ao poder. Nesse momento, outros jornais que circulavam na cidade nos ajudam a perceber como se davam esses conflitos, como o jornal *O Dominical*, que era editorado pela Igreja Católica, e que nos apresenta o contraponto entre as mais diversas camadas sociais estabelecendo em suas publicações uma forte tendência ao conservadorismo que era empreendido pelos militares em seu projeto de deflagração do golpe de 1964. Para uma análise mais pormenorizada deste material, o mesmo será cotejado com debates a respeito de comunismo e anticomunismo, presente na tese de doutorado de Marylu Alves de Oliveira²², bem como a respeito de prescrições sociais e cotidianas da Igreja Católica, o que pode ser analisado a partir da dissertação de mestrado de Ângela Maria Macedo de Oliveira²³.

²⁰ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Edufpi, 2015.

²¹ LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

²² OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Da terra ao céu: culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964)**. 2016. 532 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

²³ OLIVEIRA, Ângela Maria Macêdo de. **Imagens Dissonantes? A família Teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950**. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História do Brasil, CCHL, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

Posteriormente aos momentos de tensão que o Piauí se encontrava, mergulharemos em uma grande aventura que utiliza como personagem principal dessa trama Sebastião Bráz. Compreender as motivações que o levaram a deixar a cidade de Teresina tornam-se de extrema importância para que seja possível entender a sua mudança de perspectiva em relação a esta cidade e como isso iria impactar futuramente sua vida após sua partida para a cidade do Rio de Janeiro. Partindo dessa discussão em torno do sujeito, buscaremos entender como Sebastião Bráz Filho chega a ser o que é. Passearemos por algumas obras que nos ajudaram a compreender a perspectiva proposta em torno da sociedade da época a *sociedade do espetáculo*²⁴ e o *estado de exceção*²⁵. Em relação ao conceito proposto por Guy Debord em torno do *espetáculo* nos proporcionará entender a sociedade a partir da perda de sua essência dos bens de consumo e do poder da mídia em relação a construção do social, ou seja, pensar a sociedade a partir dos excessos midiáticos:

O poder do espetáculo, tão essencialmente unitário centralizador pela força das coisas e de espírito perfeitamente despótico, costuma ficar indignado com vê constituir-se, sob seu reino, uma política-espetáculo, uma justiça espetáculo, ou outros tantos surpreendentes “excessos midiáticos”. O espetáculo nada mais seria que o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode as vezes chegar a excessos. Frequentemente, os donos da sociedade declaram-se mal servidos por seus empregados midiáticos; mais ainda, censuram a plebe de espectadores pela tendência de entregar-se sem reservas, e quase bestialmente, aos prazeres da mídia.²⁶

Nesse sentido Debord estabelece uma ligação direta da sociedade a partir da imagem sedutora das propagandas decorrentes das produções midiáticas, contribuindo assim para a construção de uma sociedade onde a aparência prevalece sobre a essência²⁷, dessa forma nos aproximamos de suas reflexões para pensarmos a sociedade espetáculo na qual Sebastião estaria inserido durante a década de 1950 e 1960 e como esta por sua vez influenciou em seus posicionamentos diante da sociedade de seu tempo.

A sociedade em que Sebastião Bráz esteve inserido durante toda a sua atuação política nos permite a partir dos acontecimentos desse período falar sobre os excessos promovidos pelos militares durante essa época, que naquele momento representavam o estado brasileiro, porém a perspectiva que buscaremos abordar nesse sentido será a partir do conceito proposto pelo filósofo Giorgio Agamben em torno do *estado de exceção*, pois as questões discutidas em torno

²⁴ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

²⁵ AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

²⁶ DEBORD, 1997. p. 171.

²⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 1968: o levante das palavras. In: BRANCOS, Edwar de Alencar Castelo (org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: Edufpi, 2009. p. 86.

do âmbito repressivo da ditadura civil-militar no Brasil nos permite perceber a partir das reflexões propostas pro Agamben a escalada do regime autoritário brasileiro, pois segundo Agamben:

O Estado de exceção, enquanto figura da necessidade, apresenta-se pois – ao lado da revolução e da instauração de fato de um ordenamento constitucional – como uma medida “ilegal”, mais perfeitamente “jurídica e constitucional”, que se concretiza na criação de novas normas.²⁸

Considerando que o Estado de Exceção necessita do um estado de direito para que se concretize e assim possa ser criado novas normas Agamben nos proporciona entender esses aspectos com a deflagração do Ato Institucional N° 5 – AI-5, pois com a chancela jurídica do estado foi criado uma nova norma para atender os interesses dos militares que governavam o País. Nesse aspecto compreender o estado de exceção nos permite entender que Sebastião Bráz ao experienciar tal acontecimento nos permite compreender que o estado de exceção naquele momento era direcionado aos sujeitos como ele, que se opuseram a ditadura civil-militar.

Memórias de ex-militantes contra a ditadura são algumas das fontes utilizadas para que seja possível buscar discussões mais densas em torno desse período. Para além das de Fernando Gabeira, Jacob Gorender e do próprio Alfredo Sirkis, cujos *carbonários* servem de pretexto discursivo para o início da pesquisa, é possível destacar as demais construções de memória a respeito do período em estudo, importantes na medida em que servem de contexto para análise das condições em que Sebastião Bráz circulou pelos meandros do combate à ditadura no Brasil. Dentre elas, *1968: uma geração contra da ditadura*, do piauiense Antonio José Medeiros²⁹, nos fornece importantes fontes e documentos em torno da ditadura civil militar no Brasil. Para analisar tais recursos empíricos presentes nas memórias, o trabalho também lança mão da análise de discurso, para o qual serão utilizadas as considerações de Helena Hathsue Nagamine Brandão, segundo a qual há a necessidade de se compreender a historicidade dos discursos para observar em que condições os mesmos foram produzidos, uma vez que nenhum discurso é neutro.³⁰

Para além das memórias, e como forma de historicizá-las, o trabalho se vale do texto *Companheiros e camaradas: memória e história do PCB*³¹, de autoria da historiadora Dulce Chaves Pandolfi, no qual a autora nos possibilita entender a constituição do Partido Comunista Brasileiro, pois em sua obra disponibiliza além das memórias um importe acervo contendo

²⁸ AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 44.

²⁹ MEDEIROS, Antônio José. **1968: uma geração contra a ditadura**. Quimera. 2014.

³⁰ BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1996.

³¹ PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: memória e história do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995.

informações e diversas reflexões em torno do PCB e da esquerda brasileira, que no âmbito desta pesquisa se faz necessária levando em consideração a estreita relação desenvolvida por nosso objeto de pesquisa com o Partido. Pandolfi trata as questões sobre o PCB de forma a nos demonstrar a formação histórica do partido, desde sua fundação até a sua origem no Brasil, buscando entender as diversas fases enfrentadas pelo Partido Comunista Brasileiro. Assim, Pandolfi busca analisar o processo de construção de identidade do Partido Comunista no país, para entender a visão que esse ator político elaborou sobre si mesmo ao longo do tempo³².

Ao analisarmos a atuação comunista no Brasil em relação a militância em contra o regime ditatorial brasileiro, Sebastião Bráz é tomando como alvo para essa discussão. Sua compreensão se dá a partir de duas entrevistas, concedidas ao autor da pesquisa, realizadas, respectivamente, entre 2015 e 2019. Em cada uma delas, o personagem apresenta diferentes perspectivas do passado, resultantes não apenas das questões lançadas, mas também dos momentos político-sociais do país na época do encontro. Nesse sentido, observa-se o que Emília Pietrafesa de Godói chamaria de “trabalho da memória”, o que nos permite observar que a memória é sempre um objeto de ressignificação.³³ A inserção na juventude comunista era um dos primeiros passos a serem dados aos que decidiam ingressar na luta contra o regime ditatorial brasileiro. Nesse momento podemos compreender como o sujeito da pesquisa constitui o que Edwar de Alencar Castelo Branco chama de *corpo-militante-partidário*³⁴, possível aqui de ser analisado como o oposto ao chamado corpo-transbunde-libertário, constituindo, nesse sentido, uma subjetividade marcada pela disciplina político-ideológica da militância de esquerda brasileira do período em estudo do trabalho. Um aprofundamento desse conceito também é observado no trabalho de Idelmar Gomes Cavalcante Júnior, cujas análises a respeito do período, igualmente, servem para a construção dos argumentos desse trabalho:

O corpo-militante-partidário, portanto, deveria ser, coerentemente com a noção de sujeito universal, também universalizado. Todos os órgãos do militante, deveriam estar a serviço da luta de classes. Dos órgãos reprodutores ao cérebro, tudo deveria ser resguardado para a constituição de militantes higienizados e conscientes de seus deveres sociais. Seus corpos, portanto, não lhes pertenciam e por isso deveriam permanentemente negar suas subjetividades e caso houvesse, todo excesso era prontamente repreendido e denunciado como “problema ideológico” uma doença grave para os corpos militantes [...].³⁵

³² PANDOLFI, 1995. P.9.

³³ GODÓI, Emília Pietrafesa. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas: UNICAMP, 1999.

³⁴ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005.

³⁵ CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica**. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina. p. 75.

As percepções que englobam história, política e sociedade nas quais Sebastião Bráz se insere nos redimensiona a uma discussão que nos levar a analisar as *Revoluções molares* e *revoluções moleculares*, na perspectiva de Felix Guattari e Suely Rolnik. Assim, faz-se necessário para ajudar a compreender as maneiras de narrar a se e suas convicções ideológicas em torno do seu eu. A partir dessa reflexão, é possível compreender que as experiências no campo macropolítico são, necessariamente, construídas de forma conjunta às micropolíticas, conforme analisam os autores:

A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica da formação do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de “molar”), com aquele que chamei de “molecular”. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares.³⁶

Observar as contradições de um tempo por si só já substancia boas análises, nesse sentido, buscaremos entender as contradições de Sebastião Bráz e seu tempo. Perceber os acontecimentos por meio das narrativas e entender as contradições da fala do sujeito em uma tentativa de auto reinvenção é de forma contundente uma das características que nos remetem a iniciar as discussões em torno da *Escrita de si, escritas da história*³⁷.

Este trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a constituição de Sebastião Bráz, no interior da história do Piauí de meados da década de 1940 e 1950. Não cabe realizar uma biografia do personagem, mas sim tomá-lo como signo a partir do qual serão discutidas questões tais como os paradigmas políticos e sociais vigentes no Estado – a relação entre partidos tais como UDN, PSD e PTB, o discurso anticomunista, os discursos da Igreja Católica – e suas interconexões com a própria conformação do personagem em questão. Nele, serão abordadas as condições históricas nas quais se encontrava a cidade de Teresina no período, no sentido cotidiano e político e sua inserção nos discursos e práticas da chamada “modernidade” e, conseqüente, de que espaço se deslocava o personagem central da pesquisa para um centro de maior visibilidade.

O segundo capítulo analisará a inserção de Sebastião Bráz no interior das experiências comunistas traçadas no Brasil dos anos 1960 e 1970. Para sua construção, serão tomados indícios de acontecimentos que se processavam, notadamente nos grandes centros urbanos do

³⁶ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 127.

³⁷ GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

país e do mundo, no âmbito das condições históricas de emergência da pós-modernidade brasileira. É, uma vez que nesse contexto se processa a difusão de informações e valores através de diferentes meios de comunicação, um momento propício para a subjetivação de valores capazes de conformar a emergência do chamado *corpo-militante-partidário* no Brasil do período, ou seja, regimes de sujeição que demarcavam as experiências de militância comunista, dentre os quais o início de atuação do personagem no contexto da vivência sindical e quando esta entra na clandestinidade.

Por fim, no último capítulo, será analisado de que forma a militância de Sebastião Bráz leva a um conjunto de experiências de trauma, dentre as quais seu julgamento em processo policial devido sua atuação no Sindicato dos Aeroviários e as relações com o Brasil pós-redemocratização, no qual os valores propalados pela militância de seu tempo ganham novas configurações e remetem à sua visão a respeito do tempo presente, em torno do qual o personagem lança seus diagnósticos.

2 COMO NOS TORNAMOS AQUILO QUE SOMOS: o *sujeito-signo* Sebastião Bráz e as experiências históricas no Piauí da década de 1950

2.1. As condições de existir em Teresina da década de 1950

Toda rua tem seu curso
 Tem seu leito de água clara
 Por onde passa a memória
 Lembrando histórias de um tempo
 Que não acaba
 De uma rua, de uma rua
 Eu lembro agora
 Que o tempo, ninguém mais
 Ninguém mais canta

*A Rua – Torquato Neto*³⁸

A visão poética de Torquato Neto, ao escrever a música *A rua*, nos coloca o cenário de uma Teresina que não sonhara com as mudanças provocadas pelo tempo e pela própria ação do homem. A cidade lembrada pelo poeta nos remete à vivenciada por ele em sua juventude. O poeta e letrista que se destacaria nos anos 1970 pela escrita da coluna *Geléia geral* no jornal carioca *Última Hora*, nasceu em Teresina no ano de 1944 e viveu o início dos anos de 1950 na capital piauiense. Desse ponto, tomar *A Rua* de Torquato Neto na busca por compreender a cidade é um exercício necessário para entender as modificações estruturais que ocorrem na cidade de Teresina nos primeiros anos da década de 1950.

A rua a que Torquato Neto se refere em sua música faz menção a um espaço de convívio social onde eram vistas “crianças correndo”, rua esta que é tocada pelo majestoso Rio Parnaíba que banha parte da cidade como um “rio manso” e as memórias que corriam pelo leito de águas claras nos revelam as relações de proximidade, também nos colocam uma Teresina simples, pacata e sem muita circularidade, porém é a partir desse ponto que buscamos uma projeção da Teresina a caminho de tomar proporções que nos permite entender o seu processo de desenvolvimento junto ao resto do país, assim, Torquato Neto nos possibilita lidar com uma

³⁸ TORQUATO NETO. *Os últimos dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

cidade que se encaminhava para as vias que a levaria ao progresso e desenvolvimento vivenciado alguns anos a frente.

Buscar entender as transformações que aconteceram na cidade durante a década de 1950 nos ajuda a entender as motivações que levaram ou que atraíram os olhares de famílias das cidades do interior a migrarem para a capital. Seria esse momento de efervescência da cidade o causador desse traslado? Essas famílias estariam em busca de melhores condições vindo até a capital de Teresina? Seria esse o motivo pelo qual Sebastião Bráz vem a Teresina? Buscaremos então a partir dessas perguntas compreender tais aspectos e suas motivações para construir um fio condutor de nossa narrativa. Assim, buscaremos então não apenas discutir a vida desse sujeito e sua vinda a Teresina, como também compreender o que se passava nesse momento na capital do Estado do Piauí, ou seja, entender a condição de existir na Teresina da década de 1950.

Na década de 1950, o Estado do Piauí acompanhava o processo de modernização que era oriundo desde os anos anteriores. Entre os decênios de 1930 e 1940, a capital e o estado cresciam a cada ano e era possível notar as modificações que começavam a ocorrer, acontecimentos que também serviam de pretexto para chegada de famílias vindas do interior em busca de melhores perspectivas de vida na capital. O modelo de cidade que Teresina começava a projetar com o passar dos anos fazia com que as oportunidades de emprego se ampliassem na cidade além do funcionalismo público que era bastante forte, porém, não se restringia apenas ao processo de estruturação da cidade, mas em diversos setores desde a economia, política, cultura, infraestrutura, lazer, entre outros; parte, portanto, de um projeto de Brasil que, desde o Estado Novo, demarcava uma proposta desenvolvimentista para o Estado e o país.³⁹

Naquele momento histórico, o Estado do Piauí começava a experienciar um movimento direcionado a modernização e ao progresso, a vivência entre o novo e o velho começava a criar as diferenças provocadas pelo próprio movimento crescente do Estado nos seu mais diversos setores. Grandes empreendimentos infraestruturais faziam parte do calendário de obras do Estado, entre eles a ampliação da malha viária, a construção de ferrovias, de obras de saneamento, a inauguração de espaço de entretenimento e o contato com novas tecnologias. A exemplo deste último podemos citar o rádio que passava a ser importante meio de comunicação

³⁹ Para um debate mais amplo a respeito, ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Edufpi, 2015.

além do jornal impresso⁴⁰. O otimismo tomava conta da sociedade piauiense, o cenário construído pelo Estado seguia alinhado com a política de desenvolvimento do país, os primeiros anos dessas mudanças foram de grande importância para a visão desenvolvimentista que se construía em torno do Piauí pela própria sociedade piauiense.

Diante das modificações que eram possíveis ser vistas na cidade, é notável perceber que Teresina ensaiava algumas mudanças que seriam notórias em relação as demais capitais do país. Desse modo para melhor compreender tais mudanças, a década de 1940 é um importante marco no que tangencia as modificações que ocorrem ao longo da década de 1960 e 1970, porém não buscaremos prolongar as discussões destes últimos períodos, mas sim perceber os caminhos que nos levam até a eminência do desenvolvimento visto em Teresina em meados dos anos de 1950. Buscar compreender a formação da cidade e suas respectivas alterações nos mais diversos campos nos possibilita tracejar um percurso constitutivo de Teresina. Assim, podemos perceber que os costumes antes verificados por uma cidade de ritmo lento e sem muitas novidades, que era uma característica verificada em Teresina durante a primeira metade do século XX, agora passa por um processo de modernização nos seus aspectos culturais, sociais, estruturais e econômicos. A cidade ganhava forma, as praças assumiam um novo padrão de sociabilidade, cinemas eram inaugurados como novas formas de lazer no cenário urbano da cidade, esse espaço se tornou-se aprazível para a fina flor da sociedade teresinense⁴¹. A cidade outrora sem muitas novidades, agora passa a conviver com a transição entre o velho e o novo, deixando hábitos antes comuns ao dia a dia da cidade para trás com a diferenciação o meio rural e urbano.

O cenário rural de Teresina já passava por algumas modificações sensivelmente perceptíveis ao ponto que os processos urbanos pensados no tempo em que Leônidas de Castro Melo⁴² era interventor do Estado. Isso possibilita um entendimento que o cotidiano urbano começava a passar por um processo de consolidação efetiva e uma desvinculação da vida rural. Um exemplo das modificações que ocorriam na cidade em relação a consolidação do meio urbano na capital foi a inauguração dos cinemas, estes, por sua vez, eram representações de que a modernização alcançava o solo piauiense. Não se restringindo a isso a sociedade piauiense

⁴⁰ LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2017. p 60.

⁴¹ LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2017. p.52.

⁴² Leônidas de Castro Melo nasceu em Barras (PI) em 15 de agosto de 1987, cursou o Instituto 21 de Abril, em Teresina, e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pela qual se diplomou em 1920. Foi professor do ensino secundário, em 1929 foi vereador em seu estado. No dia 23 de outubro de 1937 foi confirmado no governo piauiense como interventor federal. Com a queda de Vargas em 1945 foi substituído por Antônio Leôncio Ferraz. Ver: **Verbetes Biográfico**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonidas-de-castro-melo>> acessado em 28 de abril. 2019.

também mudava seus hábitos que, relacionados ao crescimento urbano, necessitava de novos espaços de lazer. Nesse aspecto, podemos utilizar como referência um importante espaço de sociabilidade que também era palco entretenimento na cidade: a Praça Pedro II. Ela um ícone que tem forte significado ao nos referimos ao desenvolvimento na capital. Atrelado a isso, as obras de pavimentação e saneamento aceleravam ao passo em que a cidade ganhava os moldes de um centro urbano que serviria de referência para o Estado. Partindo dessas questões em torno da cidade, Francisco Alcides do Nascimento em *A cidade sob o Fogo*⁴³ nos proporciona entender como esse processo ocorre em Teresina, desde suas modificações estruturais, econômicas e sociais.

De forma tímida, a cidade começava a dar os primeiros passos rumo a modernização, organizando seu espaço urbano. Investimentos realizados pelo poder público em obras de melhorias na infraestrutura da cidade entre outras medidas, como pavimentação de ruas, construção de galerias pluviais, arborização de praças, ruas e avenidas. Tais medidas eram adotadas para provocar um embelezamento e organização de Teresina. Assim, a cidade é tomada por um ar de modernidade e progresso que a colocava em uma condição que, já naquele momento, deixava ver o paradoxo entre a cidade que se deseja cosmopolita e inserida nas condições de desenvolvimento nacional e, ao mesmo tempo, carregava traços de cidade pequena, marcada pelas famílias que se conheciam e se frequentavam⁴⁴. Aos poucos, Teresina ganhava uma nova aparência, em movimento de “novos projetos” que já havia se iniciado nos últimos anos da década de 1940.

Além dos melhoramentos, que já vinham ocorrendo da cidade promovidos pelo poder público, cabe ressaltar também que os espaços de sociabilidades, como o teatro e os cinemas, começam a ganhar espaços e eram frequentados pela sociedade teresinense. Essa era uma forma em que tais locais promoviam os encontros das pessoas que viviam na cidade. Um fato em especial da cidade possuir cinemas contribuía para uma ressignificação da imagem que se tinha dela, ao ponto que podemos afirmar que a Teresina de outrora agora começa a possuir características que a colocava em direção a modernização. A capital era palco das mudanças que o *moderno* proporcionava, dessa forma concordamos com a concepção de moderno proposta por Antônio Paulo Rezende, que, ainda que em seu livro o aborde do ponto de vista

⁴³ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A cidade dos sonhos. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2. ed. Teresina: Edufpi, 2015. p. 125-207.

⁴⁴ SILVA, Stéfany Marquis de Barros; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. "Mini-metrópole" X "Superprovíncia": Sensibilidades e corporalidades urbanas em Teresina na década de 1970. In: COSTA, Lucas Rafael Santos; FONTINELES FILHO, Pedro Pio (Org.). **(Re) escritas plurais: história, historiografia e temporalidades**. Teresina: Edufpi, 2019. p. 227-246.

da cidade do Recife nos anos 1920, nos oferece uma reflexão pertinente para o contexto estudado:

O termo moderno o significado de novo, recente, de algo que não tem ligações aparentes com o passado, criando uma efetiva oposição entre o moderno e o antigo, entre o novo e o velho que iria marcar uma concepção de mundo instituída com o advento da sociedade capitalista, alicerçada na ideia de progresso.⁴⁵

Partindo do moderno como justificativa para as mudanças que ocorriam na cidade, o progresso⁴⁶ também se aliava a essa situação, a ideia de progresso era utilizada como um firmamento do que era o moderno, essa efervescência conferida em Teresina se ampliaria cada vez mais atingindo as décadas seguintes. Nesse sentido, a década de 1950 passa por um processo de consolidação em relação as mudanças que vinham ocorrendo em Teresina, assim, a cidade é tomada como um grande canteiro de obras. Ao mesmo tempo em que as modificações ocorriam na cidade, os jornais que circulavam na época começavam a expor por meio das notícias as mudanças que a cidade vinha passando. A exemplo disso, o jornal *A Cidade*, era um importante meio de comunicação na capital do Piauí, não se restringindo apenas a notícias da cidade, porém ao passo em que as obras ocorriam era interesse deste comunicar e também questionar junto as instituições do poder público questões relacionadas as obras que ocorriam pela cidade. Dessa forma, a população se dedicava a ler suas matérias se matinha informada sobre o ritmo de desenvolvimento em que a capital passava naquela época. Pode-se observar essa construção discursiva em uma matéria publicada em 14 de dezembro de 1951, intitulada Reforma na rede elétrica, na qual o jornal lançava um olhar esperançoso em relação as obras de melhorias que viam ocorrendo no cenário urbano de Teresina:

No diário oficial vem sendo publicado o edital de concorrência pública para reforma da nossa rede de iluminação elétrica, reforma que vem sendo ansiosamente esperada pelas populações suburbanas. Fazemos votos que as obras em questão sejam entregues a uma firma honesta e competente, capaz de realizar um trabalho realmente eficiente e duradouro.⁴⁷

É possível notar que essas medidas indicam o interesse do município em colaborar com as mudanças na capital. A notícia evidenciada no jornal nos possibilita afirmar que Teresina começava a deixar para trás os aspectos que outrora contribuía para uma visão de cidade pacata. Vejamos o avanço que Teresina começava a vivenciar, “pois até o início do século XX, a cidade tinha aquele aspecto bem característico das cidades coloniais, ruas estreitas, a sujeira e presença

⁴⁵ REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos Modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte**. 2. ed. Recife: Ed. UFPE, 2016. p.146.

⁴⁶ REZENDE, Antonio Paulo. 2016. p. 146

⁴⁷ Reforma na rede elétrica. **Jornal A Cidade**, Teresina, p. 04, 14 dez. 1951.

de animais era comuns⁴⁸”. As mudanças que ocorriam eram, dessa maneira, parte de um projeto nacional guiado por Getúlio Vargas durante o período que esteve na presidência do País, uma vez que aquele presidente pregava um discurso de “um novo Brasil” que começava a surgir a partir das mudanças estruturais nas capitais e Teresina acompanhou esse processo.

As mudanças apresentadas na cidade vinham refletiam um processo mais amplo, que se dava no estado do Piauí como um todo, o que fica exposto, de forma mais específica, nos dados encontrados nos relatórios de governo que eram enviados no primeiro momento por meio do interventor Leônidas de Castro Melo. Em relação as obras públicas realizadas no estado, o relatório enviado à Presidência da República, o interventor demonstra os seguintes dados, relacionados à construção de estradas de rodagem que integrariam, principalmente, a região norte do Estado:

VIAÇÃO – Continua em avanço a importante estrada de rodagem Teresina – Campo Maior – Barras – Boa Esperança – Buriti – Parnaíba. Está em transito franco o trecho Teresina – Campo Maior – Barras. Concluída essa grande rodovia de 374 quilômetros de extensão, estará a capital do Estado ligada ao nosso porto de mar, o que representará uma grande realização piauiense. Agora que o Governo do Estado adquiriu uma patrulha completa para o preparo de estradas, mais rápido andamento terão os serviços e é possível que esteja feita a ligação Teresina – Parnaíba dentro de oito a dez meses.⁴⁹

Boa parte das mudanças que viriam a ocorrer na década de 1950 eram frutos de uma política que já vinha sendo empregada em relação ao desenvolvimento, porém foi no Governo de Juscelino Kubitschek que os investimentos, como, por exemplo, o setor de transportes ganhou maior atenção por parte do Governo Federal, assim os investimentos nesse setor se justificavam a partir da necessidade de ampliação da malharia viária em todo o país⁵⁰. Toda a política desenvolvimentista era também advinda dos discursos modernizadores que circulavam na cidade, justificando assim todo o processo de melhorias e investimentos feitos pelo estado e municípios com a ajuda do Governo Federal.

Havia uma necessidade de interligar outros grandes centros de produção econômica com a cidade de Teresina, de forma que os investimentos que o Estado realizava em torno da ampliação e construção das malhas viárias tinha o objetivo de encurtar a distâncias. Com melhores condições de circulação e interligação dos municípios mais próximos, como também os mais distantes, o Estado promovia uma política de desenvolvimento a partir dessas obras. Ao promover essas melhorias em todo o estado, acabava por viabilizar uma rede de integração territorial capaz de garantir a circulação de mercadorias entre as áreas rurais e os principais

⁴⁸ Op. cit. 127

⁴⁹ PIAUÍ. Interventor. **Relatório do Interventor Federal Leônidas de Castro Melo**. Teresina. DEIP, 1940. p. 45.

⁵⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

centros industrializados.⁵¹ Desse modo é importante perceber uma dinamização nas relações sociais e econômicas que se estruturavam, transformando a capital no local que atraía o olhar da população que habitava as regiões interioranas do Estado.

O ritmo de obras em Teresina, segundo a imprensa do período, também passava por dificuldades na concessão de benefícios vindo do Governo Federal, o município era encarregado das obras de pavimentação da capital, fato este que tinha importante significado em relação a modernização da cidade, ruas calçadas transpareciam um ideal de cidade desenvolvida, porém, apesar das dificuldades encontradas, era perceptível verificar que as obras em Teresina eram vistas com entusiasmo tanto pela imprensa como pela sociedade que desfrutaria das melhorias. O jornal *A Cidade*, mais uma vez, noticiava constantemente acontecimentos relacionados às obras que ocorriam na cidade, uma dessas notícias fazia referência aos empréstimos adquiridos em nome da Prefeitura de Teresina para tocar a diante as obras de pavimentação da cidade, como consta o registro em matéria intitulada “O empréstimo da prefeitura”:

Já se encontra na agência local do Banco do Brasil, a minuta do contrato de empréstimo que a Prefeitura de Teresina contrairá com aquela instituição bancária. Toda Teresina reconhece as dificuldades que foram vencidas pelo Prefeito da Capital a fim de que a transação fosse efetuada. Sentimo-nos satisfeitos, portanto, em vermos coroados de êxitos os esforços do Dr. João Mendes, que dedicado ao progresso de Teresina. As obras de calçamento, que embora, vagarosamente, vinham sendo efetuadas, de acordo com as possibilidades financeiras do município, serão agora apressadas, e as obras de reforma do Mercado da Praça Deodoro, inda serão iniciadas este mês, estando para isso o pessoal técnico da Prefeitura, em intensa atividade. Vence o Prefeito de Teresina a primeira etapa. Resta-nos agora, aguardar a vinda do auxílio federal, que por certo muito representa para o êxito de nosso centenário.⁵²

As obras de pavimentação eram a todo momento associadas ao desenvolvimento de Teresina, o “progresso” que chegava juntamente com as obras de calçamento das ruas, embora estes ocorressem de forma lenta, possuíam um significado que faziam a cidade se encaminhar em direção aos ideais dos discursos modernizadores, que dotados de determinada intensidade eram levados a sociedade teresinense por meio do jornal impresso. É importante ficar atento ao tom dos discursos empregados pelos jornais, pois estes discursos não eram produzidos de forma aleatória.

O contexto social em que estas matérias eram produzidas eram recheadas de intencionalidades propostas pelo perfil editorial dos jornais, no caso do jornal *A Cidade*,

⁵¹ Op. cit. 416.

⁵² O empréstimo da Prefeitura. **Jornal A Cidade**, Teresina, p. 04, 17 de maio 1952.

podemos perceber que o tom discurso empregado ao fato da realização das obras na cidade não tinham apenas a finalidade de levar a informação para o meio social, mas também demonstrar a proximidade política empregada no discurso jornalístico em relação a promoção de melhorias na capital referenciadas na figura do Prefeito João Mendes. Os discurso produzidos nesse contexto repercutiam na sociedade, e, partindo desse afirmação, nos aproximamos do pensamento proposto por Helena Hathsue Nagamine Brandão, ao se referir ao discurso como um espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente, esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber é gerador de poder.⁵³ O estatuto de “verdade”, que era promovido pelos discursos da imprensa e empregados nas matérias dos jornais validariam a veiculação dessas informações diante do público leitor. Esse era um dos mecanismos utilizados nas estratégias e nos embates políticos que ocorreram no pleito das eleições no final da década de 1950.

Como uma “isca”, o cenário otimista que delineava o Estado do Piauí e a capital Teresina fizeram com que uma família vinda do interior da cidade de Valença buscasse melhores perspectivas de vida na capital. Assim, trazido por seus pais e irmãos, o jovem Sebastião Bráz Filho se estabelece na cidade. As características encontradas em Teresina durante a década de 1940 a fazem ser vista por Sebastião Bráz como uma cidade simples, porém em fase de crescimento e com limites territoriais bem definidos e conhecidos pela população que habitava a cidade nessa época. Se por um lado no propomos a estudar um tempo não vivido por este pesquisador, por outro, os depoimentos nos ajudam a compreender uma época, olhar para a cidade descrita por outra pessoa é buscar um passado que não existe, mas que no tempo em que existiu foi permeado de significados para os que o viveram.

O depoimento nos entrega a possibilidade de entender os acontecimentos de um tempo em que não vivemos, o papel da oralidade é crucial nessa construção. Assim, a história oral possibilita enveredarmos por este caminho, amparados por seus métodos e técnicas. Portanto, nos aproximamos neste ponto das reflexões metodológicas em torno a história oral proposta por Sônia Maria de Freitas, referindo-se a história oral como o método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana⁵⁴.

Atrelado a isso, e com ajuda da memória, podemos buscar evidenciar esse cenário de um tempo e suas sensibilidades, Ecléa Bosi propõe o seguinte pensamento em torno dos

⁵³ BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

⁵⁴ FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 18.

testemunhos ao evidenciar o seu caráter sensível na difícil tarefa de reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época⁵⁵. Partindo desse entendimento que as reflexões propõem, emergem na fala de Sebastião Bráz Filho, recém-chegado de Valença do Piauí, cidade interiorana do centro-sul do Estado, ao narrar sua chegada a Teresina e algumas características sensíveis do cenário que se encontrava na cidade daquela época:

Nós somos valencianos, a minha família é de Valença e nós chegamos aqui em Teresina em 1941. E era uma cidade pequena, o limite do centro era ali na Álvaro Pacheco, atrás do quartel da polícia, o miolo dessa cidade era ali pertinho, depois, anos depois veio, aumentou a periferia central. Era uma cidade que não tinha assalto, não tinha desastre. O único desastre que tinha aqui nos 12 anos que eu morei aqui na cidade foi um, um fabricante de pólvora ali perto da João Luís Ferreira que explodiu a casa e matou a filha dele, mas era uma cidade sem desastre essa coisa toda. Não havia, eu quando rapaz fazia serenata a noite, chegava em casa 3 horas, nunca teve nenhum problema. A grande parte do Brasil era provinciana, bucólica, se podia viver com tranquilidade, né.⁵⁶

Assim era a Teresina vivenciada por Sebastião Bráz, uma cidade invisível⁵⁷ por não existir nas características por ele explicitadas, porém, uma cidade sensível regada a calma e a inexistência de grandes acontecimentos envolvendo a violência. Episódios tais como o acidente doméstico narrado anteriormente era motivo de espanto, pois o clima que predominava era o de sossego. Os traços de calma e tranquilidade que faziam parte do cenário de Teresina eram uma característica do próprio contexto social da cidade, conforme o desenvolvimento avançava, a cidade ganhava uma nova entonação os espaços de sociabilidade que podiam ser desfrutados pela população que estava na região central. Entre esses espaços podemos citar a praça Pedro II como importante local de entretenimento da cidade, que, após ser reformada pela prefeitura de Teresina, em 1936, tornou-se mais aprazível para os *footing* da “fina flor” da sociedade piauiense.⁵⁸ Desse modo, Sebastião Bráz nos remete ao cenários da praça Pedro II vivencia por ele durante os anos que morou em Teresina:

[...] O lugar que eu mais gostava de frequentar era a praça Pedro II, que fica aqui mais próximo da minha casa, eu desço direto aqui e saio na praça Pedro II. E aí nós tínhamos uma série de companheiros[...] quando eu estudava na escola inicial, eu vinha em casa tomava banho, jantava e ia lá na praça. E eles às vezes faziam o mesmo também. Nós tínhamos aquele encontro e ali nós convivíamos com as coisas da cidade.⁵⁹

⁵⁵ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003. p. 16-17.

⁵⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

⁵⁷ CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁵⁸ LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis as as ondas zyq-3**: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2017.p 52.

⁵⁹ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

Local de grandes encontros, onde amigos se reuniam, espaço de lazer para a sociedade teresinense, assim era a cidade lembrada por Sebastião Bráz. Essas lembranças nos remetem a uma cidade que não mais existe, porém, a partir dos seus depoimentos podemos utilizá-lo como fio condutor de uma cidade onde a região central era palco dos principais espaços de lazer. Conforme ressalta Francisco Alcides do Nascimento, no texto *Em busca de uma cidade perdida*, as praças públicas eram dignas de uma grande capital, que caminhava rumo ao desenvolvimento produzido em decorrência dos discursos modernizadores que eram produzidos pela elite intelectual, cronistas que sonhavam com a cidade comparada aos principais centros do País⁶⁰. Partindo desse entendimento, é importante evidenciar que para entendermos a constituição do sujeito que ora nos propomos estudar é necessário contextualizarmos o cenário ao qual ele habitou, assim podemos compreender de forma mais intrínseca como Sebastião Bráz “torna-se aquilo que é” dentro de suas experiências históricas no Piauí.

Entender a condição de existir em meio ao desenvolvimento experienciado por nosso sujeito durante esse período em que habitou Teresina, será um dos eixos centrais que buscaremos discutir ao longo de nossa escrita. Vale ressaltar que não cabe aqui – por mais que se aproxime – realizar uma biografia, o que buscamos de fato é contextualizar os acontecimentos em torno da cidade e os elementos que a conectam com Sebastião Bráz. Partindo dessa perspectiva, Durval Muniz de Albuquerque Júnior afirma que *A gente é cria de frases*, evidenciando o importante papel do historiador, assim o historiador faz o absolutamente estranho passar por familiar, por habitual, torna o insólito rotineiro, o historiador usa a linguagem para dizer uma vida de modo a fazer esquecer que a linguagem está aí, que é ela que está presente e não a vida de quem fala⁶¹.

Nesse percurso de intimidade com a história e a vida de Sebastião Bráz, emerge o seguinte questionamento: como nos tornamos aquilo que somos? Para buscarmos uma compreensão em torno desses questionamentos, precisamos entender o processo de construção de si – em torno de Sebastião Bráz – e da cidade que o constitui por algum tempo. Acredita-se que para entendermos esse percurso é necessário pensar a partir de alguns pontos, um deles é compreender como a cidade se estruturou e se comportou com as questões ligadas ao

⁶⁰ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 171-183, 2002.

⁶¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A gente é cria de frases: sobre história e biografia: sobre história e biografia. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 13-27, jan. 2012.

desenvolvimento do cenário urbano em decorrência mudanças provocadas pela modernização das capitais em todo o Brasil.

Nesse sentido, observar a condição de existência de Sebastião Bráz é fundamental, uma vez que se sua vinda para a cidade de Teresina está intimamente ligada com o cenário de progresso da época em que o Estado se encontrava e por fim conecta as tensões políticas no Piauí e sua ida para o Rio de Janeiro. Por esse percurso que buscamos os reflexos de seu tempo na construção da sua dimensão política que se evidenciará após 1950, momento este em que Sebastião Bráz decide mais uma vez se ressignificar. A cidade de Teresina pós 1950 já não era o bastante para si, a dura decisão de ir embora da capital já era uma realidade e fazia parte dos seus planos, a busca por novos ares se inicia com sua chegada à capital do Rio de Janeiro, local este onde Sebastião Bráz dá os primeiros passos para sua iniciação na atuação e vida política.

Os anos que formaram o cenário da década de 1950 no Piauí dentro do contexto de desenvolvimento vivido por Sebastião Bráz o torna um sujeito inconformado, a busca por entender como se forja o caminho subjetivo criado por Sebastião Bráz nos coloca a seguinte questão, “como se chega a ser o que se é?”. Jorge Larrosa aponta algumas reflexões em torno dessas histórias, das tentativas de narrar a si mesmo, nessa história que talvez não seja senão a repetição de outras histórias, possamos adivinhar algo daquilo que somos⁶². A sua oralidade sensível nos possibilita compreender sua formação enquanto sujeito permeado de reminiscência de seu tempo, sua narrativa, além de revelar as práticas culturais do seu tempo, nos entrega acontecimentos cotidianos atravessados por um sentimentalismo e o encanto das experiências em que teve a oportunidade de vivenciar, o interesse em buscar frequentar espaços que disseminavam a cultura trazida pela modernização nos coloca um sujeito que demonstra um fascínio por este período:

Tinha o café aeroclube ali, tinha o Cine Rex [...] o Quatro de Setembro, tudo isso era o centro de reuniões. O Quatro de Setembro, por exemplo, ele tinha aos sábados as chamadas Sessões Colosso, que às vezes eles botavam dois filmes e três séries de seriado, o Super Man, naquele tempo era a primer ave que eu via no cinema um sujeito voado. Era bom, dava vontade de você voar também. A cidade vivia em torno daquilo, a cidade girava em torno realmente de pequenas coisas.⁶³

Além também de nos proporcionar entender como esses espaços eram importantes para o entretenimento na cidade, possibilitando assim que a população pudesse usufruir desse circuito cultura que era convertido em importante espaço de sociabilidade em Teresina, o modo

⁶² LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 21.

⁶³ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

com o qual Sebastião Bráz se permitia frequentar tais espaços denota o papel inclusivo da cultura dentro da sociedade piauiense. Ao relatar sua ida ao cinema com um tom maravilhado com todo aquele universo, nos possibilita buscar nessa narrativa a constituição de si. É visível, na narrativa Sebastião Bráz, a construção de uma imagem de sensibilidade, ligada ao campo das artes, desde a sua juventude, o que, provavelmente, indica seu interesse em ver tal característica como um reflexo de seu comportamento vinculado, futuramente, às causas coletivas. Percorrendo as ruínas de nossas próprias bibliotecas construímos os percursos que seguiram, talvez os homens não sejam outra coisa a não ser um modo particular de contarmos o que somos⁶⁴. Juntando esses fragmentos de um tempo, do sujeito e suas experiências sensíveis nos possibilita construir os caminhos necessários para podermos compreender uma época e a constituição do sujeito enquanto signo de seu tempo.

Ainda em torno das questões desenvolvimentistas vivenciadas durante esse período, a chegada de Sebastião Bráz está intimamente ligada a esse cenário promissor que era vivenciado nessa época. A condição de existir e habitar a Teresina desse período para Sebastião Bráz o torna um sujeito com múltiplas intencionalidades, a experiência desse desenvolvimento vivido por ele refletia-se de forma mais intensa no seu comportamento diante do cenário social no qual a cidade se inseria naquele instante. Os conhecimentos adquiridos durante o tempo que estudou na cidade o possibilitaram se projetar para fora da capital, apesar de o discurso de desenvolvimento os primeiros anos da década de 1950 representar para Sebastião Bráz a necessidade de coexistir em outro espaço. A educação por ele experienciada durante o período em que viveu em Teresina se torna impraticável na capital. Apesar do grande movimento em relação ao crescimento urbano, a cidade ainda não possuía indústrias que possibilitariam na prática a aplicação dos conhecimentos técnicos por ele adquiridos durante o período em que estudou na escola técnica aonde concluiu a formação técnica em torneiro mecânico.

Apesar as tentativas de situar a indústria de forma tímida o que era possível notar era uma forte relação da economia piauiense com a agropecuária e a agricultura, a indústria ainda parecia estar engatinhando em direção aos grandes centros da economia no Estado. Assim, o *Jornal do Piauí* evidencia essas características de forma a colocar em primeiro plano as atividades relacionadas ao meio rural, em matéria intitulada “Esteios de nossa riqueza”, que nas palavras de Cunha e Silva remete essa relação na sua escrita:

O Piauí pode progredir no comércio e na indústria, mas a base de sua riqueza, como esteios de sua grandeza econômica, deve ser sempre a lavoura e a pecuária. Que sempre aumente o gado no Piauí, com a ajuda do poder público e com as iniciativas dos nossos fazendeiros, que deixando de lado a rotina e o

⁶⁴ *Ibidem*, p. 22.

comodismo, verão duplicado depressa o fruto das suas canseiras. [...] afim de que o Piauí se torne um dos Estados mais ricos e prósperos do Brasil.⁶⁵

Ao passo que o Estado se desenvolvia era possível perceber as formas diferentes em que a imprensa destacava o seu posicionamento diante das modificações que vinham ocorrendo ao longo da década de 1950. Obviamente, os interesses políticos ficavam expressos nessas publicações.⁶⁶ As várias visões de enxergar o desenvolvimento eram modificadas ao passo em que vindo dos grandes latifúndios a marcha desenvolvimentista estava ligada ao aumento da produção pecuária e agrícola, por outro lado, aos que habitavam a capital, esses fenômenos econômicos e ligados ao desenvolvimento eram vistos a partir das relações com a cidade. Aos nos aproximarmos da narrativa de Sebastião Bráz no que tange a esse período, conseguimos perceber que a capital possuía um cenário que em projeções industriais ainda poderiam ser consideradas pequenas, a visão ligada a indústria evidenciada por Sebastião Bráz era de uma cidade sem projeções industriais, Teresina não tinha campo de trabalho – em relação a sua formação de torneiro mecânico: “aqui não tinha indústria, as que existiam eram umas de cascas de coco no subúrbio ninguém crescia com aquilo”⁶⁷.

Nesse contexto de mudanças estruturais na cidade, que favoreciam seu processo de desenvolvimento, a desejada “cidade moderna” também convivía com elementos de tradicionalismo e conservadorismo presentes em diversas estruturas ainda muito marcantes, e que servem de vínculo com o amplo apoio dado na capital piauiense à emergência do futuro golpe civil-militar de 1964, ao qual, longe dali, Sebastião Bráz se oporia de forma direta. Um desses elementos seria o conjunto de normativas comportamentais trazidas pela Igreja Católica, através, fortemente, de seus veículos de imprensa, cujos valores, bastante arraigados, também constituíam parte dessa cidade que ajudaria a compor o contexto social do sujeito-signo de nossa pesquisa.

2.2 “Pode ir enrolando a bandeira nacional”: política, religião e anticomunismo

“A Rita matou nosso amor
[...] Mas causou perdas e danos
Levou os meus planos
Meus pobres enganos

⁶⁵ Esteios de nossa riqueza. **Jornal do Piauí**, Teresina, p.3, 11 de junho de 1953.

⁶⁶ WEFFORT, Francisco. Jornais são partidos? **Lua Nova**, v.1, n.2, p.37-40, jul/set.1984.

⁶⁷ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

Os meus vinte anos
 O meu coração
 E além de tudo
 Me deixou mudo
 Um violão”

A Rita – Chico Buarque de Holanda (1969)

Ao lançar seu álbum de 1969, intitulado *Chico Buarque na Itália*, o compositor brasileiro se propôs a fazer críticas sobre a ditadura civil-militar brasileira a partir de suas músicas. Em *A Rita*⁶⁸, Buarque se refere a uma personagem fictícia – e potencialmente metafórica – cujo suposto fim do relacionamento lhe “causa perdas e danos” e, entre outros prejuízos, “leva também seus planos”. Tratava-se, na verdade, de uma referência ao Brasil em tempos logo posteriores ao Ato Institucional nº 5, que cerceava de forma ainda mais contundente a liberdade de expressão e instaurava instrumentos mais diretos de perseguição a movimentos sociais, à imprensa e a diferentes setores sociais que se opunham ao modelo instaurado em 1964.

A ditadura civil-militar no Brasil foi um período de tensão social, que por vezes causou uma série de enfrentamentos contra os indivíduos que se opunham ao regime. Em algumas ocasiões, conseguimos perceber como as arbitrariedades provocadas pelo estado acabaram por ocasionar situações que até os dias atuais ainda não foram explicadas, as memórias dos sujeitos que viveram esse período são uma chave de compreensão para que seja possível esclarecer alguns acontecimentos que ocorreram nesse momento sombrio da história do Brasil.

As produções historiográficas que se propõe fundamentar os estudos em torno do período ditatorial brasileiro começam a enfatizar e problematizar questões que não eram discutidas no contexto da historiografia, a exemplo, podemos corroborar com as discussões proposta pelo historiador Carlos Fico em sua obra *O golpe de 1964*⁶⁹, esta obra se torna um importante instrumento de compreensão desse período. Fico nos demonstra uma preocupação em relação a sua escrita na busca em constituir os momentos decisivos do Golpe de 1964 a partir dos antecedentes a sua deflagração.

Um das grandes questões que giram em torno do período ditatorial brasileira é buscar mecanismos para que pessoas que não viveram esse período tenham a curiosidade de conhecer

⁶⁸ A letra *A Rita* de Chico Buarque de Holanda gravada em 1969 é utilizada na perspectiva a referenciar o período ditatorial brasileiro.

⁶⁹ FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Fgv, 2014.

e aprofundar-se nessa temática. *Versões e Ficções: o sequestro da história*⁷⁰ pode ser tomado como base para entender os múltiplos cenários construídos durante a ditadura civil-militar, vale ressaltar que se trata de uma coleção de artigos feitos por diversos historiadores que dedicam seus estudos ao período ditatorial brasileiro. Daniel Aarão Reis nesta coletânea destina alguns textos que devem ter especial atenção, pois estes escritos nos possibilitam lançar um olhar mais crítico em torno desse período turbulento na história do Brasil, em especial gostaríamos de evidenciar o artigo *Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60*, em que as reflexões em torno das produções levando em consideração a organização das esquerdas durante a década de 1960 é a discussão central, que de forma leve faz referências a duas obras de significativa importância para a compressão desse período: *O que é isso companheiro?*⁷¹ e *1968: o ano que não terminou*⁷². Essas obras nos colocam em um trajeto das utopias de um tempo e de seus jovens que pela mão do Estado sofreram todo o peso que a repressão a eles foi imposta.

Propiciar um mergulho no contexto historiográfico nacional como também local nos permite fazer conexões e análises sobre esse período de forma mais significativa, as pesquisas já consolidadas por alguns historiadores que se propõem estudar essa temática reforçam o compromisso em tempos sombrios de não deixar essas discussões caírem no esquecimento. Para isso, compreender o desenrolar do golpe é fundamental.

Antes mesmo de ser instaurada a ditadura civil-militar no Brasil, os antecedentes do golpe de 1964 remontam uma estrutura que se formava para que o projeto do autoritarismo brasileiro se concretizasse. Era necessário utilizar argumentos tais como a corrupção e o comunismo⁷³ como peças chave para a deflagração do golpe, e assim os militares o fizeram e obtiveram êxito. A produção acadêmica brasileira, principalmente as produções do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, em geral congrega em torno de si uma leitura sobre o período que, em larga medida, estabelece as ações diretas da ditadura concentradas nos espaços centrais do Brasil. Tal perspectiva historiográfica, lida de forma individualizada, tende a uniformizar as discussões sobre o tema, causando a impressão de que as ações mais efetivas do regime civil-militar não se estenderam às regiões ditas periféricas do país, tais como o Nordeste ou, mais especificamente, o Piauí. No entanto, a historiografia piauiense considera a existência de ações

⁷⁰ REIS FILHO, D. A (org.). **Versões e ficções: o sequestro da história**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

⁷¹ GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** 25. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

⁷² VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

⁷³ SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

diretas daquele regime no Estado, dentro da qual é possível destacar a perseguição direta a ações ditas comunistas em território piauiense.

A exemplo disso, o texto intitulado *Esteja preso comunista! Breves considerações sobre práticas anticomunistas no Pós Golpe Civil-Militar de 1964 no Piauí*⁷⁴ da historiadora Marylu Alves de Oliveira é um exemplo de como a historiografia piauiense tem abordado essa temática em torno da ditadura civil militar no Piauí. Do mesmo modo, *1968 uma geração contra a ditadura*⁷⁵ é uma das obras que nos ajudam a perceber como ocorreu a atuação da ditadura civil militar no Piauí, além de fornecer uma vasta documentação pessoal de Antônio José Medeiros sobre o período ditatorial no Piauí, a narrativa que podemos desfrutar nesta obra é de substancial importância para o enriquecimento do debate historiográfico piauiense. Mas como de fato podemos entender o período que antecede o golpe 1964 no estado do Piauí?

O final da década de 1950 e primeiros anos da década de 1960 chamam atenção no sentido de observar como o cenário político do Piauí se constituiu a partir dos discursos que circulavam nas páginas dos jornais. Dentre tantos outros, especificamente, é possível destacar as matérias do jornal *O Dominical*, veículo de imprensa piauiense vinculado à Igreja Católica que circulou no Estado do Piauí desde 1937 e se estendeu até meados da década de 1970.⁷⁶ Tal iniciativa vinda da Igreja Católica buscava estabelecer uma relação entre o universo eclesiástico e o mundo temporal, *O Dominical* congregava em torno de si, além de notícias vinculadas à Arquidiocese de Teresina e à vivência religiosa no Estado do Piauí, diferentes questões vinculadas à vida social e política do Piauí, como forma de proporcionar, a partir do lugar social que ocupava, espécie de discurso pedagógico com relação aos leitores, no sentido de realizar uma intervenção nos costumes, combatendo, dentre outras coisas, práticas que se desviassem do modelo cristão de sociedade, idealizada pela instituição religiosa.

Nesse contexto, uma ampla parcela da população piauiense se autodeclarava católica e frequentava de forma bastante atuante os átrios da Igreja. É possível observar que, nas narrativas de Sebastião Bráz, essa prática se encontra bastante presente em sua família, que, conseqüentemente, se organizava segundo uma lógica fortemente influenciada pelas prescrições sociais do catolicismo:

Nós somos, eu sou originário de família católica e a minha mãe quando nós pequeno, ela tinha sempre uma sexta-feira um rosário que ela fazia dentro de casa conosco, nos conduzia do ponto de vista religioso, as crianças todas.

⁷⁴ OLIVEIRA, Marylu Alves de. *Esteja preso comunista! Breves considerações sobre práticas anticomunistas no Pós-Golpe Civil-Militar de 1964 no Piauí*. *Crítica Histórica*, Maceió, v. 5, n. 10, p.109-132, dez. 2014.

⁷⁵ MEDEIROS, Antônio José. *1968: uma geração contra a ditadura*. Teresina: Quimera, 2014.

⁷⁶ Para mais informações, ver: BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. p. 296.

Minha mãe era uma mulher muito católica, militante, praticante, isso o mesmo não acontecia com o meu pai. Ele às vezes quando se aborrecia ele xingava os deuses. E ele não era um católico, ele era um católico que nem ia a missa, nem ia a missa. Mas também não hostilizava a Igreja. Ele era um católico, simplesmente. E dentro desse meio que eu fui criado. Dia de domingo eu saía de casa geralmente bem vestidinho, antes de ir pra qualquer lugar eu ia a missa. A minha mãe cantava no coro da igreja Nossa Senhora das Dores, eu gostava muito de ouvir a voz da minha mãe cantando, quando era nova tinha a voz bonita e eu ficava muito vaidoso ouvindo minha mãe cantar. E depois aí a gente ia pro centro da cidade, aos domingos tinha uma sessão às 10 horas, depois da missa o pessoal ia para o cinema.⁷⁷

Como pode ser visto, ainda que nem todos os membros da família de Bráz se percebessem como praticantes diretos do catolicismo, essa religião influenciava sua família e seus costumes. Do mesmo modo, no contexto social piauiense, a Igreja estabelecia diversas formas de enxergar o mundo, tomando não apenas o altar, mas também veículos de imprensa, tais como o jornal *O Dominical*, como um desses instrumentos de difusão de suas posições. Nesse sentido, questões de diferentes ordens passam a fazer parte do debate proposto pelo periódico, dentre os quais se destacam questões tais como o próprio comunismo soviético, o qual aparece em matéria de 10 de janeiro de 1960, intitulada *O estopim vem aí*:

Notícia a revista norte-americana “News World Report” (Notícias e informações mundiais) que os russos estão gastando mais de 100 milhões de dólares (17 bilhões de cruzeiros) por ano em sua campanha de conquista da América do Sul, “utilizando como armas a propaganda, a espionagem, as greves, as desordens e a revolução”.⁷⁸

O comunismo começa a ser utilizado – mesmo em escalas internacionais – nas reportagens do jornal, desse modo era necessário criar um espectro em relação ao comunismo que assombrasse a sociedade piauiense mesmo que a notícia não estivesse direcionada diretamente ao Piauí. O *metier* jornalístico naquele momento foi uma ferramenta bastante utilizada de forma contundente, com intuito de promover interpretações equivocadas sobre o comunismo no Piauí.

Mas afinal o que é mesmo o comunismo? É com essa indagação evidenciaremos uma definição sobre o comunismo proposta por Dulce Pandolfi que possui um estreita relação com o estudo do comunismo no Brasil. Seguindo o raciocínio de Pandolfi, o comunismo passa a ser um visão de mundo compartilhada por todos aqueles vinculados a uma tradição que se

⁷⁷ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

⁷⁸ O estopim vem aí. *Jornal O Dominical*, Teresina, p.01, 10 jan. 1960.

consolidou com a vitória da Revolução Russa de 1917 e se identificou com o modelo de sociedade que foi implantado na URSS⁷⁹.

No que tange ao entendimento em torno do comunismo, nesse mesmo contexto, com base na historiadora Marylu Alves de Oliveira, percebemos a força dos padres enquanto líderes políticos com um forte poder de mobilização social, à medida que os discursos contra o comunismo se ampliavam no Piauí, os padres enquanto lideranças políticas – me refiro por não estarem ligados a política oficial – possuíam um forte poder em direcionar os fiéis as questões de seu interesse. Segundo Oliveira:

[...] pôde-se observar esse aspecto, quando, por exemplo, alguns religiosos[...] orientaram os trabalhadores para que não aderissem a qualquer proposta que tivesse viés comunista. [...] a orientação do padre Mateus, que teria direcionado a sua organização camponesa para uma proposta católica, após alertar que os comunistas queriam cooptá-la.⁸⁰

Nem todos os religiosos se posicionavam nessa perspectiva conservadora quanto aos costumes e práticas políticas da sociedade. A exemplo disso, em suas memórias tocantes à vivência ainda no Piauí, Sebastião Bráz relembra a atuação do Padre Joaquim Nonato, cujo discurso era atrelado a uma dimensão política de cunho mais progressista, que estimulava seus fiéis a uma reflexão política mais crítica, principalmente com o ocaso da ditadura de Getúlio Vargas. Segundo ele:

Tinha um padre Joaquim Nonato, ele era um padre vigoroso, ele era um homem de, ele parecia mais um brigão de rua, lutador de rua, tinha uma voz forte, ele era forte, ele era um orador que contagiava as massas, e era um homem, era um padre politizado, eu hoje posso fazer essa análise que o padre Nonato era, aqui ele conduzia os fiéis no sentido também político, né. Por que aqui teve de 1937, se não me falha a memória, até 45, nós tivemos aqui no, no, em Teresina um interventor da ditadura Vargas, que era o Leônidas de Castro Neves. E eu me lembra que já próximo ao desgaste da ditadura Vargas, o regresso dos nossos pracinhas da Europa, aquela situação não podia permanecer e naturalmente aqueles que se sentiam oprimidos passaram a elaborar os seus programas e a participar mais ativamente e dentre esses aí o padre Joaquim Nonato. Eu me lembro que ele na igreja lá quando ia para o púlpito ele colocava as questões nacionais da redemocratização, solicitava o povo participar da luta nacional.⁸¹

No entanto, a figura do Padre Joaquim Nonato não representava a posição vigente da Igreja Católica no Piauí durante o período estudado, de forma que o discurso conservador

⁷⁹ PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros**: memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995.

⁸⁰ OLIVEIRA, Marylu Alves de. **Da terra ao céu**: culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964). 2016. 532 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

⁸¹ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

continuava a aflorar em seu principal veículo de imprensa. Mapeando esses acontecimentos, podemos construir o lado conservador da Igreja Católica que, principalmente em meados da década de 1950, era perceptível enxergar o seu posicionamento político a partir do *O Dominical*. Para além das questões políticas, as tensões também se estendiam para o campo social, havia uma necessidade da Igreja Católica em controlar as práticas sociais – não somente as que se aproximavam do comunismo – que deturpavam os bons costumes para a manutenção de uma sociedade tradicional como também manter o discurso católico eminente no contexto social da cidade de Teresina. Ângela Maria Macedo de Oliveira em *Imagens dissonantes? A família teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950* nos posiciona diante dessas questões:

[...] as estratégias de ação da Igreja Católica objetivando tutelar a sociedade, manter uma influência sobre as práticas cotidianas. O discurso católico com forte teor prescritivo de rígidos princípios morais procurava manter a sociedade afastada das novidades tentadoras do mundo moderno.⁸²

Conforme pode ser observado no trabalho de Oliveira, o discurso empregado tanto pelos membros da Igreja Católica como também pelos escritores que ficavam responsáveis por veicular tais reportagens, permanece evidente o objetivo primordial em colocar todas as práticas que extrapolavam o modo de existência católica como um mal que assolava a sociedade da época. Assim, a Igreja Católica começa a delimitar o seu espaço enquanto instituição conservadora e com tendências a apoiar o golpe que se desencadearia em 1964.

Vale ressaltar que as interdições produzidas pelos discursos proferidos nas páginas dos jornais, estas mesmas que nos permitem falar, outrora nos controlam e encaminham a exclusão ou ao poder a quem as domina, mesmo sabendo que não possuímos o direito de dizer tudo. Michel Foucault nos alerta para os processos que circundam os discursos, lembra ainda que ocorre um processo de operacionalização em que suas etapas encaminham tal discurso aos poderes e perigos. Segundo Foucault:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.⁸³

⁸² OLIVEIRA, Ângela Maria Macêdo de. **Imagens Dissonantes? A família Teresinense: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950**. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História do Brasil, Cchl, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

⁸³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

Tomando a reflexão lançada pelo filósofo francês, em torno dos discursos produzidos a partir de determinados lugares sociais de saber-poder, é possível perceber que as reportagens que circulavam no jornal *O Dominical* acabam por direcionar parte da sociedade piauiense contra o comunismo, situação que se agravaria mais adiante com a chegada dos militares ao poder, esse cenário acabaria por trazer reflexos na cena política local.

Na política piauiense havia um clima de tensão muito grande, isso ocorreu devido à forte disputa ao pleito eleitoral pelo cargo de governador do Estado do Piauí nas eleições de 1958. Naquele momento, as disputas políticas no Estado, refletindo os embates a nível nacional, se processavam entre os partidos políticos União Democrática Nacional (UDN) e Partido Social Democrático (PSD), disputa a qual, em seguida, se integraria o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Alguns jornais que compunham a imprensa piauiense faziam piadas e utilizavam metáforas para atacar o candidato ao cargo de governador Francisco das Chagas Caldas Rodrigues, como ressalta a historiadora Flávia de Sousa Lima em sua obra *Imprensa e discurso político: as disputas pelo poder no Governo Chagas Rodrigues*⁸⁴. Com a morte do até então candidato ao cargo de governador do estado Demerval Lobão, Chagas Rodrigues assume o seu lugar e consegue ser eleito governador do estado assumindo o cargo no ano seguinte, em 1959.

Imperava nesse momento um discurso de renovação na política piauiense, porém, devido à proximidade com as classes trabalhadoras e por dirigir um programa de governo que objetivava uma aproximação com as massas, Chagas Rodrigues era alvo de constantes ataques ao ponto de seu governo ser denominado pela oposição como um “governo comunistas”. Esses discursos ficam mais evidentes ao modo que ocorre uma iniciativa as Ligas Camponesas⁸⁵ no Piauí. Segundo a historiadora Marylu Oliveira:

A forma de governar de Chagas Rodrigues, que diferia dos seus antecessores, priorizando a economia do Estado e buscando aproximação com as massas - exemplo disto foi a iniciativa as ligas camponesas no Estado - provocando imediata reação nos políticos conservadores, fato que pode ser percebido na rápida ruptura da coligação, PTB-UDN, que elegeu Chagas Rodrigues governador do Estado.⁸⁶

⁸⁴ LIMA, Flávia de Sousa. **Imprensa e discurso político: as disputas pelo poder no Governo de Chagas Rodrigues** (Piauí, 1959-1952). 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

⁸⁵ As Ligas Camponesas foi um movimento encabeçado por Francisco Julião especificamente em Pernambuco onde através de suas articulações políticas conseguiu aprovar um projeto de lei de desapropriação do Engenho Galiléia em favor dos moradores. Para saber mais sobre as Ligas Camponesas e Francisco Julião. Ver: PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **Francisco Julião: Em luta com seu mito, Golpe de estado, Exílio e Redemocratização do Brasil**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

⁸⁶ OLIVEIRA, Marylu Alves de. 2016. p. 29.

Levando em consideração esse episódio, fica nítido que o clima de tensão no Piauí era evidenciado cada vez mais. Partindo desse contexto, as matérias que circulavam em 1959 nas páginas d’*O Dominical* começam a ganhar força no sentido de evidenciar as “atrocidades” – assim denominavam as consequências do comunismo no mundo – cometidas pela Rússia em seu programa de conquistas em busca de um nivelamento mundial com os Estados Unidos. Isso fica evidente em uma matéria de abril de 1959 intitulada *Monstruosidade*, que expressava nas seguintes palavras a relação do mal que o comunismo causava:

O fato é que, para os comunistas, a liberdade humana pouco vale e o respeito pelos direitos do homem é coisa de somenos quando se trata de obter vantagens econômicas de grande vulto. As minas são postas em funcionamento à custa de sofrimento de horríveis por pessoas condenadas a trabalhos forçados e num sistema mais repugnante de exploração do homem.⁸⁷

É perceptível um esforço incessante em mostrar o lado sempre negativo do comunismo em suas matérias, se o objetivo era atingir a política local esse fato pode até ter sido alcançado, porém, a clara evidência que ocorria uma intencionalidade em afastar a todo custo o comunismo do Piauí. A partir dessas questões podemos evidenciar que o jornal passa a atuar no contexto das práticas discursivas e na produção de sentidos na sociedade, Mary Jane Spink salienta que os sentidos que são construídos passam a influenciar diretamente nossos comportamentos, que são compostos por uma série de interações, cognições, percepções e atitudes⁸⁸.

No interior das condições apontadas, a década de 1960 passa a ser um campo de solo fértil para os editores do jornal *O Dominical*. É notável a adoção de uma postura cada vez mais alinhada com a política que se encaminhava no Brasil – nesse ponto nos referimos ao projeto de golpe encabeçado pelos militares – isso ficava mais evidente ao passo em que no Piauí outros jornais também incitavam essa perseguição em massa. Em janeiro de 1960 em matéria cuja chamada era *Combate ao comunismo pelo aprimoramento social* o alto escalão da igreja passa a traçar diretrizes para o combate ao comunismo:

[...] De acordo com as declarações do delegado colombiano, Dom Túlio Botero Salazar, publicadas pelo jornal *El Espectador*, a Conferência Episcopal Latino-Americana que acaba de ser realizada no vizinho povoado de Fomeque decidiu empreender em toda a América um programa construtivo de superação social para combater o comunismo de forma positiva. [...] Especificamente na Colômbia, o pensamento é que será necessário combater o comunismo desde o próprio seio da família, de pais e filhos, quando começa a moldar-se a consciência dos homens...⁸⁹

⁸⁷ *Monstruosidade*. *O Dominical*. Teresina. p.2, 15 mar. 1959.

⁸⁸ SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos*. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 1-21.

⁸⁹ *Combate ao comunismo pelo aprimoramento social*. *O Dominical*. Teresina. p. 1, 17 jan. 1960.

Isso acaba por repercutir no cenário local, uma vez que o debate social em torno da perseguição aos comunistas acaba por gerar uma série de conflitos, com o direcionamento por parte dos membros da igreja católica a tendência é que as práticas que envolviam a “caçada” contra esse grupo deveriam se estender para o ceio familiar. As introspecções vividas pelos sujeitos que acabavam por fazer parte do cenário em que as matérias do jornal escolhiam como seu alvo primordial, uma discussão em torno da humilhação acabar por emergir. O campo das sensibilidades nos proporciona perpetrar essa análise, porém, recorreremos primeiramente as definições sobre a humilhação. Segundo Christina da Silva Roquette Lopreato define a humilhação do seguinte modo:

Humilhação é um sentimento moral, fruto de uma relação assimétrica de comportamento depreciativo por parte de quem humilha, que fere a autoestima de quem vivencia a experiência dolorosa de ser tratado com desprezo. Humilhar significa depreciar o outro, afirmar que a posição inferior e subalterna do outro. A humilhação atinge a identidade moral do indivíduo e causa impacto sobre o seu autoconceito.⁹⁰

Diante da definição de humilhação, à luz da concepção de Lopreato, podemos entender que os governos militares – que antes mesmo de chegar ao poder em 1964 – já articulavam para que fosse necessário instituir uma caça ao comunismo no Brasil. Assim podemos perceber que era necessário eliminar a ideologia e seus propagadores. Humilhar a partir das reportagens não seria suficiente para barrar as ações comunistas. Porém, instruir no imaginário coletivo que o comunismo era algo prejudicial ao país era necessário.

Delineando as análises direcionadas aos jornais, emerge uma questão. Demarcando a década de 1960 seria possível dizer que jornais são partidos? Retomando a partir dessa inquietação que podemos observar o posicionamento político – não que isso tenha sido observado anteriormente – dos jornais. Francisco Weffort nos coloca em um panorama de percepções políticas dos jornais a partir de seu texto intitulado *Jornais são partidos?* que em suas reflexões indicam o seguinte ponto em relação ao posicionamento partidário dos jornais:

O problema é que embora se pareçam, às vezes, com partidos, jornais são, de fato, empresas e um público de leitores é muito mais um público de consumidores do que de adeptos de uma causa política. Esta é a diferença mais significativa entre a opinião de um partido e a opinião de um jornal. As opiniões de um jornal são, normalmente, parte de uma mercadoria que envolve também palavras cruzadas, histórias em quadrinhos e anúncios classificados.⁹¹

⁹⁰ LOPREATO, Christina da Silva Roquette. O respeito de si mesmo: humilhação e insubmissão. In: MARSON, Izabel et al (Org.). **Sobre a humilhação: Sentimentos, gestos, palavras.** Uberlândia: Edufu, 2005. p. 248.

⁹¹ WEFFORT, Francisco. *Jornais são partidos?* **Lua Nova**, v.1, n.2, p.37-40, jul/set.1984.

Se concordarmos com a perspectiva de Weffort, é possível afirmar que *O Dominical* acabar por ser enquadrado dentro do cenário partidário, pois visto a reflexão proposta por Weffort, o jornal acaba por transparecer o seu posicionamento político e, desse modo, atinge um alvo específico ao propor diálogos com as questões políticas vigentes no Brasil daquela época. A dimensão partidária em relação ao posicionamento do corpo editorial do jornal *O Dominical* é parte de um projeto direcionado pela própria igreja católica. Essas diretrizes que eram propostas nas mais diversas alas e escalões eclesiásticos, acabam por repercutir em outros níveis de escalas sociais.

Segundo a historiadora Lucilia de Almeida Neves Delgado em seu texto intitulado *Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970)* é possível entender o catolicismo no Brasil partindo de questões que ultrapassam apenas o âmbito religioso, estabelecendo conexões e diálogos com as mais diversas esferas que compõem a sociedade. As novas convergências que a igreja se propunha realizar acabavam por culminarem em pontos que anteriormente foram levantados pelos discursos militares que imperavam nos antecedentes do Golpe de 1964. Segundo Delgado:

A grande preocupação está na luta contra o comunismo, os protestantes, os espíritas e a mentalidade laicizante. Toda a linguagem religiosa está direcionada pela preservação de ordem moral, pelo respeito às autoridades constituídas e pelos valores religiosos católicos. Como sabemos, a linguagem (o discurso) é instrumento como as coisas, com capacidade de induzir os indivíduos, determinando valores e concretizando propostas. Há um fortalecimento do conceito de Igreja-docente. Daí a ênfase dada ao magistério eclesiástico. A Igreja-discente é construída pelos leigos, que devem aprender a seguir os ensinamentos da hierarquia.⁹²

A nova concepção de como a igreja católica passava a se posicionar acabar por repercutir no comportamento dos fiéis, a partir disso a cúpula religiosa acaba por encaminhar discursos no sentido de educar socialmente para evitar as “preocupações” que a autora se refere, porém, a justificativa para tal, perpassa a questões em torno de constituir uma igreja cada vez mais solidificada e com características pautadas nas questões de aproximação com a política empregada pelos militares.

Nesse contexto, podemos evidenciar os caminhos necessários a serem percorridos pelos militares em torno da finalidade de concretização do golpe de 1964, assim o contexto da política local acaba por se fazer necessário e a partir dela a aproximação da igreja em uma tentativa de

⁹² DELGADO, Lucilia de Almeida Neves et al. *Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano o tempo da ditadura: regime militar e movimento sociais em fins de século XX**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 93-131.

domesticar os comportamentos sociais. É importante notar que o conservadorismo proposto pela igreja católica acabava por se fazer necessário dentro das questões políticas do estado do Piauí. As eleições de 1958 acabaram por ser um marco divisor e um termômetro para relações políticas que se faziam presente no Estado. Assim a contribuição do Jornal *O Domincal* passa a ser de extrema importância no contexto das decisões políticas.

Era necessário entender o contexto em que as esquerdas que não concordavam com o golpe de 1964 estavam inseridas. Segundo o historiador Daniel Aarão Reis Filho, as organizações comunistas brasileiras cultivaram com dedicação o mito da revolução inevitável⁹³. A revolução proposta no contexto dos ares de tensão que se aclimatava deixava claro o desejo revolucionário de uma geração – e aqui nos referimos aos comunistas – de resistir contra a onda de autoritarismo que o Brasil se encaminhava naqueles anos que posteriormente seriam decisivos para o contexto político do país. Poderíamos afirmar que *a revolução faltou ao encontro?*⁹⁴. Se tomarmos por base as diretrizes lançadas pelas organizações comunistas a revolução se fez presente no sentido de organizar as tarefas e propostas para a atuação de seus membros que para isso havia uma dinâmica, proposta direcionadas pelas próprias organizações conduziam os militantes a um debate a estudos teóricos e debate político teórico interno.

Ao inserirmos o golpe que se instaura na sociedade brasileira após os anos de 1964 é possível perceber que o estado de repressão e intolerância em que os brasileiros passavam a conviver foi algo que deixou marcas que podem ser notadas até os dias atuais. Desse modo, a compreensão de um acontecimento que passa a ser um marco histórico para o país é algo passível de análises, e são essas análises fomentadas por quem de fato teve uma experiência com o golpe militar que efetivamente nos fomentaram com uma visão subjetiva inserida no processo ligado aos desencadeamentos do golpe civil-militar. O historiador passa a ter um papel excepcional e de extrema importância: tomar os relatos do passado e a partir deles buscar vestígios que nos ajudem a compreender os acontecimentos no tempo, nos fazer pensar que as questões em torno dos estudos envolvendo a ditadura civil militar no Brasil ainda devem ser consideradas importantes e não devem ser entendidas como uma temática esgotada, pelo contrário, ao modo que se estuda esse período mais questionamentos surgem e pairam sobre esse período sombrio da história do Brasil.

⁹³REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro:** os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 181.

⁹⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro:** os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990. p.108.

Os esforços em torno dos estudos desenvolvidos em relação a esse período levam em consideração outros aspectos importantes, tais como os estruturais, que se enquadram em um tempo relativamente longo. Isso, porém, não seria algo suficiente para explicar ou pelo menos esclarecer os aspectos do autoritarismo e as arbitrariedades provocadas pelos militares, que seus discursos estavam ali para “restabelecer a ordem”. É nesse contexto, em que as vivências sociais pautadas nas prescrições católicas e, também, no discurso anticomunista, que Sebastião Bráz observará suas condições sociais e decidirá partir para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades.

2.3 “Olhei para minha carteira de identidade e li: ‘Válida em todo território nacional’”: a decisão em ir para o Rio de Janeiro

*Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, céu, mar
Praia sem fim
Rio, você foi feito prá mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão
Copacabana, Copacabana*

*Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
Pousar*

Samba do Avião - Tom Jobim (1963)

As belezas e os encantos encontrados na cidade do Rio de Janeiro da década de 1950 certamente levariam Sebastião Bráz a escolher a cidade maravilhosa como seu futuro refúgio. Não seria por menos, afinal é algo bastante convidativo experimentar uma cidade recheada de novidades, um “novo mundo” bem distante de Teresina que principiava a modernização. Tom Jobim não poupou esforços e distribuiu elogios a cidade ao escrever sua música “Samba do Avião”, em 1963, por meio de uma linguagem que busca ressaltar as belezas e os encantos encontrados na cidade do Rio de Janeiro dessa época, porém a cidade maravilhosa não era tão maravilhosa como parecer ser, pelos menos essas não eram as circunstâncias primeiras vivenciadas por nosso sujeito. Para um nordestino recém-chegado ao Rio de Janeiro, o panorama que se encontraria era de algumas dificuldades, um cenário novo e diferente da realidade que o habitava em Teresina. Nesse contexto, buscando melhores perspectivas de vida, Sebastião Bráz decide mudar-se para o Rio de Janeiro, cidade que seria o cenário vivenciado por ele desde 1952 aos dias atuais em que escrevo esse texto.

A sua chegada até a dita Cidade Maravilhosa, ocorre logo após Bráz concluir seus estudos na cidade de Teresina. O jovem Sebastião Bráz estava habilitado a exercer a função que exigia determinada destreza, esta por sua vez, foi adquirida através do curso de torneiro mecânico concluído na Escola Técnica Industrial de Teresina, cidade se modernizava, porém, Sebastião Bráz não via perspectivas de trabalho voltado para o campo de formação por ele adquirido durante os anos que estudou na capital. Ao perceber que o campo de atuação naquele segmento era ainda longínquo, o jovem Sebastião provoca uma indagação a esse respeito: “como utilizar a formação em torneiro mecânico, em uma cidade onde a indústria para tal ofício não estava em ascensão?”, tal fato faz com que ele decida buscar mecanismo e contatos que o levariam até ao Rio de Janeiro.

Teresina começava a deixar de ser atrativa aos olhos do nosso sujeito. O desejo em mudar-se falou mais alto, motivando de forma mais efetiva a sua mudança para outra cidade. Essa busca por novos ares, conhecer novos espaços e vivenciar novas experiências possibilitaria ao nosso personagem a ingressar no universo que ele jamais imaginaria. É nesse cenário sedutor que Sebastião Bráz nos deleita com uma breve narrativa sobre a sua decisão em ir para o Rio de Janeiro:

A escola quando, naquela época a escola, quando o aluno concluía o curso, mandava, os que queriam ir naturalmente, mandavam para a Fábrica Nacional de Motores, que fica lá em Xerém, no subúrbio do Rio de Janeiro [...]. E eu, mas eu tive um contato com o pessoal que vinha de Xerém para cá, vinha passear, vinha de férias, ver os familiares, e como é que é Xerém? Xerém fica lá no subúrbio, zona rural, tal e tal. Eu falei não, isso não é o meu caminho, eu quero ir é para o Rio de Janeiro, eu quero é participar, meu pensamento. Eu

quero participar, eu quero ver o Rio de Janeiro, eu não quero ver Xerém não. E aí quando eu, eu fui para o exército, fechei minha matrícula, no outro ano em 52, em junho de 52 eu voltei para a escola terminei o meu curso, peguei o meu canudozinho, [...]. É, bom, e aí eu olhei na minha identidade e vi assim: Válida em todo território nacional. Então eu vou mim bora porque aqui em Teresina eu não tenho campo de trabalho, aqui não tinha indústria, né. O Brasil era muito pobre, extremamente pobre, aqui não tinha uma indústria, as indústrias eram umas cascas de coco no subúrbio ninguém crescia com aquilo ali.⁹⁵

Conforme pode ser observado, o próprio direcionamento escolar, após a conclusão do curso de torneiro mecânico, o possibilitava buscar um posto de trabalho nos grandes centros urbanos do Brasil. Esse é um dos motivos que o levaria a mudar de cidade como também a formação adquirida por meio da escola, isso proporcionaria realizar esse trajeto, porém, esse não seria apenas um dos interesses de Sebastião Bráz, o vislumbre pela cidade maravilhosa também o levaria a tomar essa decisão.

O Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960 já possuía uma estrutura bem diferenciada em relação a Teresina. A cidade já vinha passando por um processo de modernização urbana desde o início do século, que reflete nas características da cidade como um cartão postal do Brasil. Porém a realidade experienciada por Sebastião Bráz foi bem diferente da que podia ser encontrada na cidade do Rio de Janeiro. A praia de Copacabana e outros cartões postais como o Cristo Redentor, Pão de Açúcar era algo bem distante da realidade que Sebastião Bráz disfrutaria nos primeiros dias e meses após se estabelecer no Rio de Janeiro. O ano era 1952, momento em que o país passava por uma série de instabilidades, principalmente no campo político. Decidir migrar para o Rio de Janeiro nesse período se tornava uma situação permeada por algumas particularidades, principalmente devido ao período de tensão social que se refletiria alguns anos depois com o Golpe de 1964 arquitetado pelos militares e com a participação de uma parcela da sociedade civil.

Decidir abrir mão do conforto do seu lar, deixar sua família no Piauí e iniciar uma longa jornada até o Rio de Janeiro não seria tarefa fácil, as dificuldades começaram a aparecer antes mesmo de chegar ao seu destino final, pois, segundo Sebastião Bráz, seu traslado até o Rio de Janeiro se efetivaria por intermédio de seu cunhado, José Justo, que conseguiu uma carona com um amigo que o levaria até Rio de Janeiro. É nesse contexto de adversidades que Sebastião Bráz se estabelece na cidade do Rio de Janeiro. Os problemas certamente começavam a aparecer, e um deles surgiu logo aos primeiros dias em que chegou a “cidade maravilhosa”. Em

⁹⁵ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

seus relatos em torno da sua chegada ao Rio de Janeiro o fato de ter que dividir um quarto com sete pessoas torna a moradia desconfortável:

Quando eu fui morar lá na vila Cosme era um quarto com sete pessoas no quarto, né, beliche. Eu não tava acostumado com aquilo e tinha um camarada que ele tinha um problema respiratório muito sério lá, que não podia fechar, não podia deixar a janela aberta⁹⁶

Conviver em coletividade era uma das circunstâncias vivenciadas por Sebastião Bráz naquele momento, provido de poucos recursos financeiros essa era a única condição que ele tinha a sua disposição para permanecer na cidade. O Brasil se desenvolvia e o Rio de Janeiro era palco dessas transformações, dessa forma, não demorou muito para que a coisa tomasse outro direcionamento em relação ao seu campo de trabalho, o que permitiria usufruir de uma condição melhor do que a inicialmente vivenciada por ele. A esse respeito, a narrativa oral entregue por nosso personagem nos possibilita compreender o drama e o calvário que é ser nordestino nas grandes metrópoles, as dificuldades e os dilemas para sobreviver em um cenário atípico e diferenciado que se apresenta nas grandes cidades.

Esta mesma oralidade também nos permite utilizá-la como um suporte dos acontecimentos, assim, por meio da História Oral a possibilidade de desfrutar os métodos para decompor, sintetizar, criar, interpretar, destruir e recriar criticamente determinado presente, é por meio das multiplicidades do método que a História Oral pode tentar entender o presente, sua matéria básica⁹⁷. Por meio desse método e das narrativa empregada por Sebastião Bráz, podemos compreender os caminhos por ele percorridos, o que nos possibilita buscar um entendimento e compreensão dos aspectos encontrados na época de suas vivências. Assim, contextualizar suas narrativas com o cenário político em que o Brasil se encontrava nas décadas de 1950 e 1960 é uma chave fundamental para entendermos o contexto social em que nosso sujeito adentra na cidade.

A partir dos jornais que circulavam nesse período, foi possível perceber que as questões políticas tanto a nível de Brasil como também no contexto internacional estavam passando por uma inconstância que repercutia na realidade social brasileira. O discurso anticomunista ganhava força e adeptos no mundo inteiro, no Brasil esse discurso se torna ainda mais intenso. As falas que criminalizavam o comunismo estavam bastante acentuadas e apresentavam uma escalada no país, e é justamente durante esse período que Sebastião Bráz se aproxima das questões políticas, pois a sua atuação e participação de forma mais ativa ocorre de fato no Rio

⁹⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

⁹⁷ CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história**: para ler a história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.69

de Janeiro quando passa a ter contato com outros núcleos de sociabilidade bem diferentes do que encontrava em sua cidade natal.

Alguns dias após estar estabelecido na cidade do Rio de Janeiro, Sebastião Bráz consegue um emprego na fábrica de vidros no subúrbio carioca, esse local marcaria o início da sua trajetória política. Nessa perspectiva, Sebastião nos proporciona entender este acontecimento, pois foi justamente em seu ambiente de trabalho que ele tomaria uma das decisões – de acordo com ele próprio – mais importantes de sua vida, momento este onde ocorre o primeiro contato e aproximação com as a questão do trabalhador, com base em seu depoimento:

Cheguei numa sexta-feira na terça-feira comecei a trabalhar numa fábrica de vidro, uma fábrica muito grande que devia ter 4 mil trabalhadores que era um contingente muito grande, terça-feira. Na quinta-feira, lá dentro da fábrica tinha uma mangueira muito grande, na quinta-feira o pessoal da fábrica reuniu dentro de baixo daquela mangueira lá, que um camarada chamado Bernardo, era um cara loiro, bigode loiro, alto, eu gravo bem essas coisas, foi quem tava conduzindo a reunião. Os problemas tratados eram problemas da classe trabalhadora, você vê o Rio de Janeiro que eu encontrei. Os trabalhadores estavam se organizando, já havia uma organização que reunia, capaz de reunir dentro da fábrica, né, dentro da fábrica. Eu cheguei e ai o camarada: Oh jovem senta aqui. Eu cheguei me sentei ali, fiquei ouvindo aquela explanação toda, novidade pra mim. Aquilo tudo era novidade, era um mundo novo pra mim.⁹⁸

A admiração que Sebastião Bráz expressa ao ter contato com as questões sociais que envolviam os trabalhadores era algo inédito em suas experiências, o jovem Sebastião vivenciou um processo de organização da classe trabalhadores. Isso ocorria de forma mais intensa nos grandes centros urbanos, que contavam com uma massa de trabalhadores bem maior e que buscava mecanismo de organização dentro dos núcleos de representatividade de suas categorias, como ressalta Heloísa Buarque de Holanda:

Nas grandes cidades, o movimento operário que crescia desde os anos iniciais da década de 1950 levava adiante um vigoroso processo de lutas, expelindo velhos pelegos do Estado Novo e fortalecendo seus mecanismos de reivindicação econômica e pressão política.⁹⁹

A efervescência desse movimento já era observada, o aspecto que buscaremos ressaltar nesse ponto é justamente observar o momento em que Sebastião Bráz tem o primeiro contato com as questões ligadas tanto ao operariado no Brasil, como também, em torno do debate político que permeava a condição dos trabalhadores. Entender que os espaço de trabalho não se

⁹⁸ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

⁹⁹ HOLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e Participação nos Anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.8.

restringiam apenas como locais destinados a execução das tarefas e atividades voltadas para a produção, mas também serviam – mesmo que de forma indireta – como espaços para que os trabalhadores pensassem as condições ligadas tanto a forma estrutural como a classe operária se organizava como também o papel de conscientizar o jovem trabalhador enquanto sujeito inserido nesse processo. Ao pensarmos o momento político e econômico que o Brasil passava durante esse período, é importante para que possamos compreender a luta da classe de trabalhadores experienciada por nosso sujeito. As sucessivas greves que aconteciam em diversas partes do país – principalmente nos grandes centros urbanos – era uma demonstração que a classe operária no Brasil se organizava para combater as injustiças deixadas pelo sindicalismo pelego do Governo de Getúlio Vargas.

O Ministério do Trabalho, fortalecido, em grande medida, pelas iniciativas engendradas pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), sob a batuta de Vargas, assumiria um papel de fundamental importância na questão ligada as demandas dos trabalhadores da época. Isso ocorria em virtude das políticas que seriam empregadas a partir daquele ano em relação aos trabalhadores no Brasil, o clima de tensão política demonstrava uma crescente, acentuada pela questão dos trabalhadores que lutavam por reajustes salariais, melhores condições de trabalho, entre outras reivindicações, que eram expostas pela classe trabalhadora no Brasil. Até então a política ligada ao trabalho empregada anteriormente se restringia aos acordos propostos pelo sindicalismo que sofria com a direta intervenção do estado e suas negociações pouco vantajosas para os trabalhadores.

Assim, a retomada pelo debate em torno do trabalhismo no Brasil era algo propício para o momento, isso ocorre de forma mais intensa quando João Goulart assume o Ministério do Trabalho e propõe acabar com velhas práticas que prejudicavam as relações entre os sindicatos, os trabalhadores e o Estado. O historiador Jorge Ferreira possui importante contribuição sobre esse aspecto em *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e a cultura política popular (1945-1964)*, pois desenvolve estudos a esse respeito, o que possibilita entender esse momento e os mecanismos empregados por João Goulart para promover aproximação dos trabalhadores realizando ações que incentivavam e promoviam o diálogo da classe:

O diálogo entre comunistas e trabalhistas nos meios sindicais, o estilo político do ministro também incluía prestigiar a posse de dirigentes das organizações de trabalhadores, sobretudo aqueles que expressassem a vontade da categoria – exatamente o contrário do que ocorria até então, quando o Ministério do

Trabalho apoiava sindicalista submissos as orientações políticas do governo.¹⁰⁰

Aproximação das esquerdas dentro dos espaços de trabalho exercia, nesse contexto, o papel facilitador do diálogo e dos problemas enfrentados pelos trabalhadores. No caso de Sebastião Bráz, encontrar os trabalhadores discutindo as próprias mazelas da classe que acabara de fazer parte, fez com que o jovem desenvolvesse um demasiado interesse por este movimento. A causa sindical começava a ganhar força no cenário nacional, isso obrigava os trabalhadores a buscarem uma organização dentro dos seus núcleos de atuação. É justamente esse momento de organização que Sebastião Bráz vive na condição de operário, que permaneceu durante muito tempo no Rio de Janeiro. Essa mesma questão o faz entender os problemas da classe a que fazia parte e necessitava de mudança, esses acontecimentos acabam por influenciar e forjar o sujeito que mais adiante se dedicaria de forma mais ativa militância, Sebastião Bráz nos faz entender como o trajeto e os espaços por ele percorridos nesse primeiro momento contribuiriam para a tomada de suas decisões partidária alguns anos que antecedem o Golpe de 1964.

Sebastião Bráz se constitui, portanto, como signo de um tempo, signo de um conjunto de experiências juvenis que buscavam nos sentidos um posicionamento concreto dentro de uma sociedade marcada pelo impulso desenvolvimentista das cidades brasileiras em franco processo de modernização, direcionada pela moral e bons costumes propagados pela Igreja Católica, ditames que padronizavam os comportamentos sociais de uma época. Ao se desvencilhar dos costumes vivenciados em sua época, Sebastião experimenta o aprendizado de seu tempo, isso fez com que ele pudesse escolher outros caminhos, que o levariam a uma outra dimensão existencial. A necessidade de moldar a si mesmo o fez diferente, enquanto seus irmãos optariam por viver na cidade sem grandes projeções pessoais, Sebastião Bráz não se contentava com o que tinha, o desejo em buscar sempre algo melhor para si o torna um sujeito em constante modificação e emoldurado por seu pensamento de sempre seguir adiante, apesar das dificuldades impostas durante toda sua trajetória de vida.

Daniel Lins em *Bob Dylan a liberdade que canta* nos permite fazer uma reflexão sobre tais comportamentos de uma época. De um modo semelhante a Dylan, Sebastião Bráz transforma a si mesmo, a necessidade de se reinventar ao seu modo o fez alçar grandes voos. O privilégio do homem em relação aos outros seres é poder dar a si mesmo sua própria forma, pois o homem é, ao mesmo tempo, a “matéria”, argila inicialmente indeterminada, e o escultor que

¹⁰⁰ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 108-109.

informa essa matéria¹⁰¹, dar forma a si como condição essencial da vida e de sua própria existência. Esses eram, portanto, alguns dos fatores que sustentavam o desejo de buscar novos ares por Sebastião Bráz na medida que compreendia a sua própria condição existencial. No próximo capítulo passamos a analisar de que maneira esse personagem se insere nos espaços políticos do Rio de Janeiro, bem como sua inserção na Juventude Comunista daquela cidade, ponto de partida para a compreensão de sua vivência no âmbito da luta contra a ditadura civil-militar que se avizinhava.

¹⁰¹ LINS, Daniel. **Bob Dylan**: a liberdade que canta. Brasil: Edições Ricochete, 2017. p. 10-11.

3 A LINGUAGEM DA REVOLUÇÃO: Sebastião Bráz e o *corpo-militante-partidário* brasileiro

3.1 “Naquele momento eu entrei na luta por esse Brasil”: inserção na juventude comunista

*Tudo o que mais nos uniu separou
Tudo que tudo exigiu renegou
Da mesma forma que quis recusou
O que torna essa luta impossível e passiva
O mesmo alento que nos conduziu debandou
Tudo que tudo assumiu desandou
Tudo que se construiu desabou
O que faz invencível a ação negativa*

*É provável que o tempo faça a ilusão recuar
Pois tudo é instável e irregular
E de repente o furor volta
O interior todo se revolta
E faz nossa força se agigantar*

*Mas só se a vida fluir sem se opor
Mas só se o tempo seguir sem se impor
Mas só se for seja lá como for
O importante é que a nossa emoção sobreviva
E a felicidade amordace essa dor secular
Pois tudo no fundo é tão singular
É resistir ao inexorável
O coração fica insuperável
E pode em vida immortalizar*

Mordaça – Paulo Cesar Pinheiro & Eduardo Gudín (1975)

Embora a canção de Paulo Cesar Pinheiro e Eduardo Gudín tenha sido composta em 1975, alguns anos já encaminhado o Golpe de 1964 e nos demonstre um pouco do lado autoritário e repressivo da ditadura civil-militar, não se torna distante temporalmente para tratarmos as questões que permeavam a sociedade brasileira naquele período, a juventude e as

esquerdas ganhavam espaço cada vez mais entre os núcleos sociais, isso acabava por evidenciar os anseios da parcela jovem da sociedade brasileira que desejava mudanças nos aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais do país. Um ponto crucial para compreendermos esse momento de euforia é observar que nem toda a juventude compartilhava esse pensamento.

As divergências existiam, porém, como a própria letra da canção nos evidencia, era necessário provocar uma revolta no interior de si e dessa mesma juventude que buscava mudar a realidade vivenciada até então pelo Brasil. É importante compreender que nem todos os jovens se identificavam com os acontecimentos que o país experimentava naquele período. O sentimento de revolta servia como peça do quebra-cabeça que montava a juventude que desejava revolucionar sua geração e seu tempo. É nesse cenário de aspirações e divergências juvenis que Sebastião Bráz opta por escolher um caminho a seguir. Certo ou errado, não podemos fazer tais afirmações, mas sim entender que o momento em que Sebastião Bráz decide ingressar na militância política assume o papel de lutar por ideias que se aprofundam ao modo que começava a compreender o universo político em que era inserido naquele momento.

O ideário contestador da década de 1960 passava a exercer forte influência tanto nos anos que antecederam o golpe, como também o pós-1964¹⁰². É envolto neste processo de tensão nos mais diversos setores da sociedade que Sebastião Bráz decide então participar ativamente da militância política. Assim, compõe o núcleo de atuação jovem, a juventude comunista. Segundo narra em sua entrevista, é durante um momento de lazer no intervalo do trabalho na fábrica onde ele exercia seu ofício que recebe o convite de um dos colegas de trabalho para participar de um momento de sociabilidade e lazer, o que proporcionaria de forma leve manter um diálogo sobre outras questões políticas discutidas por eles. Em meio a diversão, ele é então convidado a fazer parte da juventude comunista que segundo seu depoimento se deu da seguinte maneira:

Lá mais tarde chega esse mesmo garoto que falou comigo lá na fábrica: escuta eu queria bater um papo contigo. Pois não. Eu vou levar mais dois companheiros nós vamos lá profundo por causa do barulho aqui. Nós fomos, era uma casa grande, era um apartamento, lá atrás, lá profundo lá, ficamos na cozinha lá, a gente fechou a porta e começamos a conversar. Olha isso assim, pá, pá... o mundo tá assim, hoje existe o campo socialista e tal, a gente trabalhador tem que lutar por isso aí também e tal, nós aqui somos da juventude comunista, nós temos um núcleo aqui na Penha e nós não podemos perder oportunidade uma pessoa como você fazer parte assim da luta e tal. Ai depois daquele negócio todo, de toda a exposição, eu falei assim: me inscreve aí nesse negócio aí. Me inscreve aí. E naquele momento ali eu entrei na luta, na luta, na luta, na luta por esse Brasil que tá aí. Foi naquele momento ali que

¹⁰² RIDENTI, Marcelo. Que história é essa? In: REIS FILHO, Daniel Aarão. **Versões e ficções**: o sequestro da história. São Paulo: Perseu Abramo, 1997. p.12.

eu comecei a dá minha participação política ao movimento operário e a defesa do povo brasileiro e a soberania nacional.¹⁰³

A narrativa de Sebastião Bráz a respeito de sua entrada na luta comunista no Brasil, presente no trecho acima, carrega muito daquilo que Pierre Bourdieu chamaria de ilusão biográfica, ou seja, esse processo de configuração do passado de forma a construir uma linearidade com as vivências que os personagens trazem em seu presente.¹⁰⁴ Ao dizer que “naquele momento” ele começava sua “participação política no movimento operário e a defesa do povo brasileiro e da soberania nacional”, Sebastião desenvolve uma narrativa, um relato autobiográfico, que, conforme Bourdieu, “propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica [...] têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado de sentido da existência* narrada”¹⁰⁵.

Tomando a narrativa construída, percebemos que, ao optar por seguir o caminho que naquele momento para si parecia ser o mais conveniente, Sebastião Bráz nos permite compreender o contexto de um período no qual uma geração que buscava por mudanças se constitui através do meio político, atuando de forma direta no enfrentamento ao autoritarismo imposto pelos militares em virtude do Golpe de 1964. Deve-se ressaltar que as contestações promovidas durante a década de 1950, e sobretudo em 1960, não se restringiam apenas a questões políticas, mas sim a um padrão de sociedade que há muito tempo servia de manutenção para o conservadorismo encontrado na sociedade brasileira.¹⁰⁶

Naquele momento histórico, as artes passavam a revolucionar esse período. Música, cinema, teatro eram parte do conjunto que ao se interligar com os ideários de um tempo conectavam toda uma geração e produziam os sentidos necessários para que elas assim coexistissem dentro dos espaços nos quais se propunham atuar. Assim, os corpos dos sujeitos assumiam um papel fundamental na constituição dessa geração. Em torno desse aspecto, nos aproximamos das reflexões propostas por Edwar de Alencar Castelo Branco em *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália*. Ao promover o debate a partir dos corpos, Castelo Branco aponta a existência de duas vertentes, sendo uma na qual nosso sujeito de enquadra. Para tanto, discutiremos brevemente aqui o sua percepção em torno do *corpo-militante-partidário*, que se constitui da seguinte forma:

¹⁰³ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 2006. p. 183.

¹⁰⁵ BOURDIEU, 2006. p. 184.

¹⁰⁶ Para uma discussão mais ampla a respeito, ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Pode-se dizer que, se o modo tradicional de fazer política pressupunha uma exclusão do corpo do cenário político, isto é, se o corpo-militante-partidário é uma máquina que apenas nos limites da política – estudantil, de partido, etc. – se torna visível e dizível como, exclusivamente, um depositário da razão e da militância [...] o corpo-transbunde- libertário, requebrante, desbundado, é um contraponto a este corpo militante. Mais do que gesticular dentro do universo político instituído por mudanças que não afetem aquele universo, mas apenas as posições dos sujeitos em seu interior – e naquele momento acreditava-se que o mundo era experimentado coletivamente, pela classe –, este corpo transbunde se oferece como o depositário, em si, de uma nova possibilidade de relação não exatamente entre nós e eles, mas entre o eu e o mundo, o que implicava uma politização do cotidiano que questionava as formas dominantes de pensamento em suas dimensões microscópicas.¹⁰⁷

Assim, a forja do *copo-militante-partidário* está ligada intrinsecamente com o que o autor chamaria de emergência da pós-modernidade¹⁰⁸ brasileira, circunstância em torno da qual os valores outrora solidificados pelas regras da modernidade eram liquefeitos e comprimidos em torno de outros modos de existência e, conseqüentemente, outros modos de fazer política. Nesse sentido, foram construídas as relações sociais por Sebastião Bráz e membros de sua geração que, assim como ele, enxergaram na militância política uma forma de demonstrar a suas inquietudes juvenis, como também, a sua disposição por lutar por questões que estavam para além dos seus interesses individuais. Isso implica em buscar compreender estes mesmos aspectos que estão ligados a um tempo, com a relação de subjetividade que constitui nosso sujeito enquanto militante. Desse modo, complementa Cavalcante Júnior, ao apontar que:

Os anos sessenta, portanto, formaram um universo multifacetado no interior do qual coexistiram várias possibilidades de vir-a-ser. Assim, se os corpos-militantes acabaram se tornando, entre todas estas possibilidades, a mais visível no final dos anos sessenta, tornando-se potencialmente a legítima representante de toda a rebeldia juvenil da época, isso se deu pela existência de práticas discursivas que condicionaram o múltiplo a se revelar como uno, sob a forma do movimento estudantil vivenciado em 1968.¹⁰⁹

Além de observarmos a sua atuação política, é interessante buscar entender que a constituição desse *corpo-militante-partidário* não deve ser pensada separadamente dos processos que o levariam a tal condição, pois ao escolher atuar ativamente no movimento de

¹⁰⁷ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos dos dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. 2004. 289 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. p.78.

¹⁰⁸ O conceito de pós-modernidade é pensado, aqui, no contexto retratado por Edwar de Alencar Castelo Branco como uma experiência histórica iniciada no contexto da década de 1960 no Brasil, e que toma por referência um conjunto de outras experiências históricas processadas no mundo ocidental, onde os paradigmas da modernidade deixam de funcionar como lastros sociais para o mundo em que se vive. Para uma leitura mais ampla a respeito, ver: HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

¹⁰⁹ CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento**: um estudo sobre a constituição do *Movimento Estudantil* como uma categoria histórica. 2007. 135 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina. p. 125.

esquerda que contestava os ditames impostos pelos militares, Sebastião Bráz adentra em um processo de subjetivação de si. A subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social¹¹⁰, dessa forma o jovem Sebastião era emoldurado a partir de uma ideia construída nos grupos aos quais fazia parte. Tomado por estes aspectos, nosso sujeito inicia sua participação política na cidade do Rio de Janeiro. Uma das características que marcava a sua atuação inicialmente na juventude comunistas era a promoção de ações que visavam estabelecer relações de proximidades aos problemas enfrentados pelas populações mais carentes, que sobreviviam no subúrbio carioca. Na companhia de sua esposa, Sebastião Bráz nos relata um pouco de suas experiências ao iniciar a militância políticas juntamente com sua companheira, Maria Alice:

Eu fui militando, fui aprendendo na juventude pra mim foi um aprendizado. Ainda teve ainda uma questão importante: fui me casar com uma paraibana, também uma mulher muito valente que não teve dificuldade nenhuma, ela não teve dificuldade nenhuma de assimilar o mundo que ela vivia e aí os dois, nós dois entramos para a juventude comunista. Militamos, fizemos uma série de campanhas ali naquela região de Vicente de Carvalho, a gente participava de clube, participava das organizações da, associações de bairro ali.¹¹¹

É visível, na fala de Sebastião Bráz, que as questões dos afetos, das sensibilidades, aparecem como um elemento bastante importante em sua trajetória de militância. Nesse sentido, reforça a “valentia” de sua Maria Alice, uma paraibana, onde é possível observar o reforço da imagem de fortaleza do nordestino e, mais fortemente, da nordestina, a figura da “mulher-macho” reforçada na canção de Luiz Gonzaga, conforme mostra o trabalho de Durval Muniz de Albuquerque Júnior.¹¹²

Sebastião Bráz tinha na figura de sua mulher, Maria Alice de Lima Bráz, uma companheira, que durante sua atuação política esteve ao seu lado participando ativamente dos movimentos que contestavam a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Maria Alice, juntamente com Sebastião Bráz, foi uma das fundadoras do Grupo Tortura Nunca Mais no Estado do Rio de Janeiro. Ela realizou com dedicação umas das atividades mais delicadas que envolveu as arbitrariedades provocadas por este período: ficou encarregada por realizar a busca dos restos mortais dos desaparecidos políticos durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Maria Alice de Lima Bráz cristaliza-se na memória da cidade do Rio de Janeiro, em sua homenagem

¹¹⁰ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.31

¹¹¹ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹¹² Para uma discussão mais ampla a respeito desse discurso sobre as questões de gênero no Nordeste, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do falo. Uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2012.

a rua na qual morou os últimos anos de sua vida recebeu o seu nome, tal ritual memorialístico nos permite entender este acontecimento como um lugar de memória conforme nos mostra Pierre Nora pois os lugares de memória nascem e vivem do sentimento¹¹³, que tornam-se presentes nas sensibilidades e afetividades presentes nos relatos de Sebastião Bráz. Além de questões em torno da memória algo muito mais valiosos se caracteriza por trás dessa homenagem.

O papel da mulher, que por diversas vezes era vista como dona do lar, no caso de Maria Alice, além da figura materna e do lar, também carregava a figura da mulher militante e que teve sua participação ativa contra as forças repressoras da ditadura no Brasil. Como reforça Ary Albuquerque Cavalcanti Junior, no período ditatorial brasileiro, muitas mulheres participaram ativamente no processo de resistência política¹¹⁴, Maria Alice era uma dessas tantas mulheres que lutaram por um país melhor.

Também segundo o relato, havia uma necessidade de dialogar com a população mais carente e, a partir dela, entender as mazelas enfrentadas pela população das comunidades desprovidas das ações assistencialistas do Estado na cidade do Rio de Janeiro. A Juventude Comunista, nesse sentido, atuava com um núcleo onde o sujeito recém inserido nas atividades políticas aos poucos tomava conhecimentos e começava a entender que além dos aspectos ligados diretamente o viés político era necessário compreender as necessidades da sociedade em que estava inserido e a partir dessas reflexões buscar mecanismos para modificar tal realidade. Buscando atuar de forma a conscientizar a população, Sebastião Bráz nos relata algumas de suas ações enquanto membro atuante na juventude comunistas:

Participávamos muito da vida do bairro, das lutas políticas de apoio aos nossos congressistas, de cobranças das assembleias, dos deputados. Havia era muito atuante aquela coisa. Havia certas diferenças porque a gente acompanhava, fazia com que o povo, a nossa luta fazia com que o povo discutisse o problema de quem ele votou, o que que tá fazendo. ¹¹⁵

Disseminar a conscientização de classe, fazer com que o povo enxergasse e cobrasse políticas públicas era parte do papel atuante da militância na juventude comunistas do Rio de Janeiro. Esse processo de conscientização promovido pela juventude comunista, naquele momento era apenas uma das formas que ele se utilizava para buscar entender boa parte dos

¹¹³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

¹¹⁴ CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. **Três mulheres e uma história de luta pela democracia**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2019. p. 33.

¹¹⁵ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

problemas estruturais enfrentado no Brasil. A geração em que o jovem Sebastião estava inserido, demonstrava que atuação dos grupos militantes deveriam ir para além dos interesses partidários. Buscar promover o bem-estar social por meio destas ações, de certo modo, gerava um sentimento de pertencimento por meios dos grupos e das comunidades que eram acolhidas por estas ações.

Dessa maneira, o jovem Sebastião Bráz assumia uma postura que o encaminharia para o ingresso de fato ao Partido Comunista Brasileiro. No entanto, ele já experimentava o que de fato era ingressar em uma célula partidária como o PCB. A esse respeito, Dulce Pandolfi nos possibilita compreender o quão importante para um militante era fazer parte do Partido Comunista Brasileiro, havia para aquele sujeito todo um significado e princípios que determinavam o ingresso, algo que iria para além das questões individuais, muito mais além do que adentrar ao Partido era a certeza de integrar um movimento que para além da luta, implicava em refletir o seu envolvimento com a sua forma de existir no mundo. Segundo Pandolfi:

O ingresso num partido comunista não é um ato apenas formal. Embora existiam diferentes maneiras de abraçar a causa comunista e também diferentes tipos de inserção na estrutura partidária – ou seja, um eleitor é distinto de um simpatizante, que por sua vez é distinto de um militante de base e de um dirigente –, entrar para um partido comunista é, sobretudo, adotar um o “espírito do partido”. Pressupõe um envolvimento não apenas político, mas também existencial. A abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia ao comodismo, a devoção integral à causa são sentimentos que devem nortear a vida de um comunista.¹¹⁶

A ligação entre o militante e o partido se fazia necessária pela necessidade de formalizar a sua vinculação partidária, entretanto, o objetivo principal da militância era a luta pelo comum e em prol da coletividade. Assim, Sebastião Bráz vai sendo moldado a partir *corpomilitante-partidário* que se fazia necessário no processo de constituição do militante, a forma tradicional de se fazer política naquele momento vai aos poucos forjando o sujeito que, consciente das suas obrigações com a sociedade do seu tempo, assumia o compromisso de lutar pelo bem comum. Fazer laços com outras organizações que também estavam dispostas a contribuir nesse processo era de fundamental importância, assim, Sebastião Bráz nos demonstra um pouco da relação em que a juventude comunista de seu tempo desenvolveu com o movimento estudantil, especificamente a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Naquele momento histórico, a UNE, criada em 1935, sob a batuta da figura de Getúlio Vargas, vivia uma transição, na qual deixava de ser um braço atrelado ao governo, que, através

¹¹⁶ PANDOLFI, 1995. p. 35.

dele, exercia controle sobre as movimentações estudantis, e passava a ser um movimento independente e, na maior parte das vezes, na contramão do governo. De acordo com João Batista Vale Júnior, houveram dois momentos no movimento estudantis. O primeiro sendo o da “filiação ao campo conservador, debitário de uma prática política corporativista hegemônica”, e o segundo “nos estortes finais da ditadura civil-militar implantada no Brasil em 1964”.¹¹⁷ Localizado nesse segundo, Bráz coloca:

A UNE sempre foi uma peça muito importante na luta, na luta, inclusive na luta do povo brasileiro, né. Eu por diversas vezes participei de muitas coisas lá na UNE, no Flamengo, na sede da UNE que quando veio o golpe militar tocaram fogo, incendiaram a UNE acabaram com a organização e a ainda tocaram fogo lá no prédio. O fascismo da ditadura, tacou logo fogo demonstrando, assim como o (trecho inaudível) mandou tocar fogo no estande lá do parlamento alemão, também aqui tocaram fogo na UNE, tocaram fogo em algumas organizações de massa, de povo, destruíram, né. Então a UNE era uma vanguarda estudantil política, essencialmente política, de vanguarda, uma política de vanguarda dos estudantes. Ali era a sua trincheira, ali na UNE havia todos os dias, qualquer dia que você fosse na sede da UNE tinha debate, tava aberta sempre ao debate, a coisa. O a escolha sua era só opcional quem ia falar que você interessava ver, mas qualquer dia que você fosse lá o debate tava lá, era os estudantes eram uma categoria que aprendiam, se formavam os intelectuais, mais a cabeça tava boa, né.¹¹⁸

Conforme pode ser observado no relato, Sebastião Bráz compreende a UNE como uma instituição que assumiu um papel importante em relação a militância, o própria relação dos militantes comunistas com o movimento estudantil fortalecia os laços entre os núcleos de atuação desses grupos. Como o próprio Sebastião Bráz no proporciona entender a partir de seu relatos, a UNE exercia o papel de colocar em debate as questões do povo brasileiro, promovendo ações que busquem alertar a sociedade o perigo que se avizinha com a crescente subida do autoritarismo pregados pelos militares em decorrência do golpe de 1964. Não há como negar a importância do movimento estudantil durante o período da Ditadura Civil-Militar no Brasil, dessa maneira, é interessante observarmos como esse movimento tem força e influência direta na formação do corpo de militância que se formava a partir da aproximação de tais movimentos como a UNE, Juventude Comunista, Juventude Católica o próprio PCB e tantos outros núcleos de atuação jovem que podem ser observados durante esse momento da história do Brasil.

Sebastião Bráz, após ter sua militância consolidada no contexto da luta contra a Ditadura Civil-Militar no Brasil, nos proporciona compreender as formas de emergir de uma juventude

¹¹⁷ VALE JÚNIOR, João Batista. **Longe demais das capitais?:** cultura política, distinção social e movimento estudantil no Piauí (1935-1984). 2010. 311 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. p. 289.

¹¹⁸ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

que clamava por mudanças. Assim como ele, outros jovens também conseguiram vislumbrar na militância política uma perspectiva de lutar por um Brasil que buscasse através do bem comum superar as diferenças encontradas na sociedade daquele período. As ilusões de uma juventude que contestava uma época era a maior expressão de que o País naquele momento parecia caminhar em direção a mudanças significativas.

3.2 “A militância para mim foi um aprendizado”: a forja do *corpo-militante-partidário* no contexto da luta

*Eu sou militante, eu sou uma cara militante
Dentro da militância eu sei o que eu vou fazer
Eu lia o que o partido pretendia e interpretava
Como fazer, eu fiz questão de ser militante.*
Sebastião Bráz Filho

*Um revolucionário político é um patriota ardente,
Ele é um lutador pela libertação de seu país,
Um amigo de sua gente e da liberdade.*
Carlos Marighella

Um militante é construído a partir dos sonhos de seu tempo, movido pela vontade de mudar a realidade do país. Ser militante era algo que fazia parte de um acordo que por muitas vezes era pago com a vida em prol de um ideal maior. Assim Sebastião Bráz era moldado como um “ser militante” ao longo do tempo e de sua trajetória de luta, como o próprio Carlos Marighella nos provoca, o revolucionário, o militante, jamais deixa de lado o seu ideal contestador, que, por diversas vezes, vai a lutar, sem talvez pensar nas consequências que poderá lhe trazer, algo maior o estimula a se manter firme na jornada pelo seu povo e liberdade do seu país. Felix Guattari também nos permite pensar o militante, ou revolucionário, porém, nos coloca algo que se desloca para a além das esquerdas, das contestações e qualquer outra forma de resistir. Para Guattari militar é agir, pouco importam as palavras, o que interessam são os atos.¹¹⁹ Partindo dessas ações, Sebastião Bráz milita durante todo o período da Ditadura Civil-Militar. De fato, agir deve ser um característica natural do militante, estar pronto para agir

¹¹⁹ GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981. p.12.

é um recurso que por diversas significava manter-se vivo em meio a tantas opressões impostas pelos militares.

Entender o contexto da militância foi essencial para Sebastião Bráz absorver os signos de seu tempo, emanados pelos grupos que participava. Ninguém nasce militante, mas o sujeito acaba por ser receptor das ideias do seu tempo, e, como uma peneira, passa a sondar os significados das experiências que fazem parte de sua vida. A própria narrativa de Sebastião Bráz ao afirmar que a “a militância para si foi um aprendizado” converge de encontro com o sistema de signos proposto por Deleuze. Assim, os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato, um ser, como se emitissem signos a serem decifrados, interpretados¹²⁰, são essas interpretações, significados e os signos que constituem o sujeito.

Em meio ao cenário das esquerdas no Brasil, o *sujeito signo* Sebastião Bráz, munido das experiências que adquiriu durante a militância junto a juventude comunista, agora passava a compor um núcleo inserido em uma militância mais adulta, madura e experiente. Nesse contexto atua de forma mais intensa nas ações que envolviam a sua participação de forma mais intensiva em relação a ditadura civil-militar no Brasil. Assim, podemos ressaltar que a partir de 1964 Sebastião Bráz assume novos desafios dentro da militância o preparando para adentrar no cenário da repressão e autoritarismo. Isso pode ser verificado não apenas nas narrativas do nosso sujeito, mas tantos outros jovens que sonharam mudar a realidade do povo brasileiro por meio da militância política. Nesse contexto, Alfredo Sirkis nos possibilita entender a partir de sua narrativa memorialística aos acontecimentos e suas experiências nos anos de chumbos em sua obra *Os Carbonários*. Sendo assim, podemos entender de fato que o papel militante dos sujeitos que optaram ser oposição ao regime autoritário da ditadura civil militar brasileira era algo que possuía um significado, uma militância consciente, onde as ações tinha direcionamento, onde a juventude que optou por seguir esse caminho utilizava os mecanismos que dispunham naquela época para conscientizar ou tentar chamar a atenção da sociedade para as mazelas que o povo carregava. Nesse sentido, Sirkis no relata com uma dosagem generosa de sua sensibilidade, um dos momentos em que podemos ver na prática o que a juventude contrária ao autoritarismo se manifestava em vias públicas:

Fui pelas margens da multidão até a cabeça da passeata. Dobrávamos a Nilo Peçanha em direção à avenida Rio Branco. O coração aos pinotes, a emoção jorrando no sangue. Olhei para trás já éramos mais de três mil, a manifestação engrossava constantemente! Das janelas dos escritórios começou a chover papel picado, muita gente aplaudia. Na esquina da Rio Branco alguém jogou, do oitavo andar, um rolo de papel higiênico que foi se desbobinando no ar,

¹²⁰ DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.4

graciosamente, como uma serpentina gigante. O toque carnavalesco. – ABAIXO A DITA-DURA! ABAIXO A DITA-DURA! ABAIXO A DITA-DURA! Os edifícios da avenida pareciam vibrar ao fragor do desafio. Nas calçadas, à margem da passeata, que se espalhava por entre automóveis imóveis e ônibus apinhados, crescia a multidão de curiosos. [...] Eu gritava a plenos pulmões e chamava, com os braços, o pessoal dos ônibus e das calçadas – O POVO ORGANI-ZADO/ DERRUBA A DITA-DURA! SÓ O POVO ORGANI-ZADO/ DERRUBA A DITA-DURA! A nova palavra de ordem, puxada por um grupinho compacto a cabeça da manifestação, pegou imediatamente e se alastrou ao longe, rumo a retaguarda. O “derruba” bem sonoro ecoava nos prédios. Parecia antecipar a queda inelutável do regime.¹²¹

Esse nesse cenário que a juventude em que Sebastião Bráz fez parte se organizava e expunha sua opinião, que divergia do que era posto pelos militares. A chegada dos militares ao poder fez com que Sebastião Bráz passasse a atuar na militância política de forma tradicional, desde a seu ingresso na juventude comunista e a tomada de decisão em fazer parte do movimento esquerdista contra o golpe de 1964. Naquele instante, assumiria também o papel de tornar-se parte do *corpo-militante-partidário*, que, por sua vez, passava a enxergar na política tradicional um depositário da razão e da militância.¹²² Dessa maneira, Sebastião Bráz se enquadrava como esse corpo que conjecturava com as ideias políticas da esquerda, que se evidenciaram a partir dos anos de 1960. Por mais que as manifestações culturais no Brasil dessa época tenham ganhado notoriedade em relação a produção cultural brasileira, Sebastião Bráz concretizava sua atuação militante, não pelo lado intelectual, mas pela sua atuação pessoal nas ações políticas. Esse *corpo-militante-partidário* era validado a partir das ações que requeriam do militante um determinado grau de maestria para exercer as suas funções dentro dos movimentos de esquerda, como por exemplo a panfletagem, técnica utilizada pela esquerda militante, como alternativa em tentar transmitir seus ideais a sociedade. Assim, Sebastião Bráz no permite entender como ocorriam essas ações, que ele fez parte por diversas vezes. Segundo ele:

A panfletagem geralmente os assuntos panfletagem às vezes eles eram reprimidos pela polícia, né. Eu nunca fui preso pelo DOPS, eu sempre fui muito zeloso na questão da segurança. Então eu vou te dizer. Maria fazia uma lata de vinte, a gente comprava os tabletes de cola, ela botava aquela cola pra derreter com água, depois botava cal, né, botava cal, e fazia uma cola com cal, você pintava o muro, não tinha diabo que arrancasse aquilo do muro, nem chuva, levava era anos. E aí a gente dividia aquilo, botava nuns baldes, eu ou outro companheiro qualquer, a gente se dividia, dois ficavam num extremo e num outro extremo com um apito, com um apito e o restante ficava na colagem. Você pegava a brocha, passava a brocha na parede o outro vinha e

¹²¹ SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 52-53.

¹²² CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos dos dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. 2004. 289 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. p.78.

jogava o papel, pá, o outro vinha com a brocha por cima, pá, pá, pá, pá, pá. E aí quando a polícia vinha com rádio patrulha um bocado de coisa, (só de apito) você largava tudo no chão e sai caminhando. Os caras passavam e nem se apercebiam. Ia caminhando lá, ia embora, voltava lá pra atividade. Então ali Vicente, nós tivemos na época muita poucas prisões.¹²³

As atividades militantes, como a panfletagem em locais públicos, eram parte da estratégia utilizada pela esquerda, assim Sebastião Bráz participava dessas ações juntamente com outros membros da militância, Sebastião Bráz não chegou a participar da luta armada, mas contribuiu de forma significativa na promoção de ações em que houvesse contato direto com a população. Na sua percepção, dialogar com o social era um dos caminhos possíveis para promover o esclarecimento entre as massas, o seu envolvimento com as causas populares se destinava a dialogar com a sociedade. É importante ressaltar que por diversas vezes Sebastião Bráz recebeu convites para ingressar a luta armada, porém, na sua percepção, a luta armada não era o caminho mais adequado a seguir. Assim, por meio destes contatos, Sebastião conhece Stuart Angel¹²⁴, que fez o convite a ele pessoalmente em sua casa. É possível observar a complexidade e as várias formas em que o *corpo-militante-partidário* necessitava se organizar para manter-se ativo na luta contra a ditadura civil militar, a luta armada era um dos caminhos a seguir e trouxe a oportunidade de Sebastião Bráz manter contato com os principais líderes dos movimentos de resistência à ditadura civil-militar. Nessas idas e vindas, entre convites e conversas casuais, Sebastião Bráz acolhe em sua residência Stuart Angel, que fez parte de sua convivência durante determinado tempo, assim como explica Sebastião Bráz:

Um dia o Pedro aparece lá em casa acompanhado de mais duas pessoas né, um rapaz moreninho baixo, pequeno assim, moreno e um outro cara loiro de bigode loiro olhos azuis né, e o Pedro entra aqui e tal entramos fomos lá para a cozinha da minha casa, aí ele disse: “olhe esse companheiro e tal” mas não disse o nome, ninguém falava nome nem nada, bom aí, numa brincadeira a gente falou então vamos fazer o seguinte aqui todo mundo é Pedro, não é, olha aí Pedro fala agora aí tua vez, ô Pedro fala aí, todo mundo é Pedro e ficamos lá na discussão e o rapazinho o Pedro o motorista foi embora e esse Pedro loiro ficou lá em casa e nós ficamos discutindo as questões até muito tarde da madrugada, ele foi lá me convidar para fazer parte da luta armada.¹²⁵

¹²³ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹²⁴ Stuart nasceu em Salvador (BA) em 11 de janeiro de 1945, filho da estilista Zuleika Angel Jones, conhecida como Zuzu Angel, e de Norman Angel Jones. Foi criado no Rio de Janeiro, onde fez seus estudos e entrou na Faculdade de Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 18 de agosto de 1968, casou-se com Sônia Maria Lopes de Moraes. Iniciou sua militância política na Dissidência Estudantil do Partido Comunista Brasileiro da Guanabara, (que mais tarde passou a se chamar MR-8). Em 1969, tornou-se dirigente da organização, estando à frente de operações armadas do grupo. Para mais informações ver: Comissão da Verdade do Rio de Janeiro. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: CEV-Rio, 2015. p. 196.

¹²⁵ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

Além do convite para participar da luta armada, um fato interessante nos chama atenção: por mais simples que fossem os encontros e mesmo sem representar qualquer tipo de risco aparentemente, a segurança e o sigilo deveriam estar presente a todo momento. Quanto menos informações soubessem um do outro, menos riscos ambos correriam caso caíssem em uma emboscada armada pela polícia política. Até então, Sebastião Bráz não sabia que o sujeito a quem foi apresentado e ele como “Pedro”, na verdade se tratava de Stuart Angel. Após acolher Stuart, Sebastião propõe-se a ajudá-lo em qualquer coisa que precisasse, porém não poderia aceitar o convite para entrar na luta armada, pois, segundo ele, sua opinião era divergente em relação aos caminhos apontados para o embate proposto pela luta armada. Dessa maneira, a sua justificativa era que:

Naquela altura eu já tinha um posicionamento a respeito da questão da luta armada, estava havendo muita queda, mas muita queda, muito assassinato e eu achava que a esquerda que estava indo na luta armada eles tinham que se reorganizar dar um... como dizia o Lênin dar um passo atrás para se reorganizar né, para se reorganizar e eles não estavam entendendo isso, e aí essa questão foi discutida e eu falei eu não vou participar da luta armada por que não há uma estrutura capaz de manter, é um massacre o que está havendo né, tantos militantes entram na luta como serão esmagados, presos, esmagados e torturados não tá havendo o apoio, a ditadura criou uma propaganda de terrorismo em cima daqueles patriotas de um maneira muito virulenta que assombrou o povo, aquela gente eram os terroristas que estavam acabando com a República, quando quem estava acabando com a República eram eles lá.¹²⁶

Por mais que a luta armada fosse uma das vertentes de resistir a regime opressor, Sebastião Bráz não acreditava que esse era o caminho mais adequado para demonstrar o seu descontentamento com a situação do Brasil, mesmo assim Sebastião Bráz deu, em certa medida, apoio logístico a alguns membros com ligação direta a luta armada, o exemplo que citamos anteriormente do seu contato com Stuart Angel se prolongaria por muito tempo, Stuart passou a frequentar a casa de Sebastião Bráz de forma frequente. De acordo com pesquisas e levantamentos realizados no Relatório Final da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, acredita-se que Sebastião Bráz tenha o abrigado em sua casa até a véspera de sua prisão. Sobre esse aspecto cabe ressaltar as diferenças que eram possíveis de serem encontradas dentro da própria esquerda. Segundo Daniel Aarão Reis, com as arbitrariedades cometida pelo governo militar a partir de 1964, surge uma necessidade de reagir, assim sendo, se organizaram e se autodenominaram a esquerda revolucionária¹²⁷, que se alinhava com as tendências a qual Sebastião Bráz é convidado a participar, era justamente esse pensamento e essa vertente que

¹²⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹²⁷ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p.42-43.

fez com que Sebastião Bráz não adentrasse por essa vertente de luta. O entendimento de Sebastião era que haveriam outros caminhos para se lutar. Mesmo assim, ainda com um posicionamento concreto sobre este aspecto, Sebastião Bráz manteve o apoio aos sujeitos que optaram por seguir essa vertente, como Stuart.

Stuart Angel passa então a conviver quase que diariamente com Sebastião Bráz em sua residência, as portas de sua casa estavam sempre abertas – nas palavras de Sebastião – para “acolher a ele e qualquer outro companheiro que se sentisse na rua”, assim Sebastião nos relata:

Mas as portas da minha casa estão abertas para você, para você e para qualquer companheiro que se sentir na rua. A partir de hoje, toda vez que você precisar dormir um sono tranquilo você pode bater a qualquer hora na minha porta, isso era setembro de 1969, de setembro de 1969 até o dia 14 de maio de 1971 nós tivemos contato regular com Stuart, ele chegava a qualquer hora na minha casa, 3 horas da madrugada, 11 horas, 5 horas da tarde, na hora do almoço, dormia lá.¹²⁸

A relação construída entre Sebastião e Stuart se prolongou durante todo o período em que ele fez parte de sua convivência, mesmo sabendo do risco que ele e sua família corriam ao abrigá-lo em sua casa, Sebastião Bráz não deixou transparecer que seu “hóspede” estava sendo procurado pela ditadura. Em meio a esta convivência, entre idas e vindas, um acontecimento envolvendo Stuart Angel despertou a curiosidade da vizinhança. Ao participar de uma das ações envolvendo a luta armada a qual fazia parte Stuart é ferido, como não poderia se deslocar até um hospital para buscar atendimento, parte do tratamento para a recuperação de Stuart foi realizado na residência de Sebastião Bráz:

Num movimento lá que eles foram fazer, ele levou um tiro no joelho né, o sogro dele, o professor Moraes, que era Coronel do Exército foi quem arranhou um colega que ia tratar dele, clandestinamente tratando dele lá, quando ele melhorou ele foi lá para minha casa que nós terminamos de tratar lá o... o camarada ia dar banho de luz lá em casa com ele lá, ele não podia caminhar, ele ficou uns dois meses lá em casa conosco e aí como ele era branco e minha mulher também era branca ai não é meu primo é meu parente, é meu parente ele caiu e coisou a rótula né, a rótula do joelho, o pessoal via que era no joelho, ele caiu bateu com a rótula deslocou a rótula e tal essa desculpa lá e ele ficou conosco esses 3 meses lá curando do joelho.¹²⁹

A articulação para garantir a recuperação da saúde de um militante dependia do esforço conjunto dos mais diversos sujeitos, o *corpo-militante-partidário* era fruto destas relações, a sua constituição está ligada diretamente aos suportes necessários para que os esforços conjuntos pudessem, em certa medida, amparar aquele sujeito que naquele momento encontrava-se em

¹²⁸ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹²⁹ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

situação vulnerabilidade em relação a ditadura. Havia a necessidade dos sujeitos se articularem entre si, colocando em movimento esse corpo de militância, assim como Sebastião Bráz fez com Stuart Angel, Frei Betto fez com Carlos Marighella, ao relatar a questão do apoio necessário para poder dar continuidade a algumas ações envolvendo a esquerda que se doou para o enfrentamento direto aos militares.

Além da militância por meio da luta armada, o apoio logístico semelhante ao que foi prestado a Stuart, era de extrema importância para a manutenção das ações, podemos citar alguns encontros em locais estratégicos que eram agenciados por sujeitos que não levantavam qualquer tipo de suspeita em relação a vigilância dos militares. Frei Betto, por exemplo, nos demonstra com bastante precisão a importância de existirem esses ambientes para reunião, que por sua vez eram possíveis de acontecer por meio destes contatos que davam todo o suporte logístico necessário. Dessa maneira, Frei Betto nos proporciona entender com esses encontros aconteciam: “Dias após o primeiro encontro, Osvaldo e eu já estivemos de novo com Marighella, nos fundos da sapataria da família de João Antônio, na Liberdade. Conversamos, então sobre o apoio logístico que um grupo de frades dominicanos poderia oferecer à ALN”.¹³⁰ Assim como o fragmento citado anteriormente, Sebastião Bráz era uma figura de grande importância na estrutura logística que a esquerda poderia contar. Ainda por meio do contato amistoso com Stuart Angel, Sebastião Bráz mais uma vez passava a ter sua segurança ameaçada. Isso ocorre devido a necessidade de transportar com urgência um sujeito a qual nome codinome era “João” que se encontrava em situação vulnerável, tornando-se alvo fácil para os militares. Dessa maneira, Start então expõe a questão a Sebastião Bráz:

Um dia ele chegou para min e falou assim olha nós temos uma pessoa ai que está em um determinado lugar, aí que nós temos que tirar ele de lá hoje, isso só vim saber o porquê tempos depois, nós temos que tirar ele de lá hoje e ai eu vim ver o que você podia fazer, o quê que é possível você fazer, não não tem problema não pode marcar comigo aí o local de encontro que eu vou botar ele num local seguro, não tem problema não. Aí marcamos 8 horas lá no Irajá em frente a uma padaria que eu conheço lá, aí ele chegou num Corcel de teto de... Corcel II corcelzinho de teto de vinil com aquele personagem ali dentro ele dirigindo eu entrei no carro também, eu tinha ganho um apartamento da COHAB mais não tinha me mudado,[...] quando eu ganhei esse apartamento da COHAB, aí eu acertei com Maria , Maria vai lá no apartamento nós já tínhamos botado luminária, acende o apartamento todo sobe com as crianças para lá e tal porque ai vai chegar gente não há suspeita nenhuma, eu não vou chegar lá olhando para um lado e para outro, aí eu entrei com o Stuart, o Pedro e o fulano que era o João, o João, subimos. Maria tinha levado janta, esse cidadão sentou lá, nós sentamos lá, conversamos, uma pessoa alegre, alegre,

¹³⁰ BETTO, Frei. **Batismo de sangue**: a luta clandestina contra a ditadura militar - dossiês Carlos Marighella e Frei Tito. 11. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2000. p.57.

uma pessoa de uma personalidade muito forte e conversamos lá até umas tantas lá e fomos embora e ele ficou lá no apartamento.¹³¹

Mais uma vez, Sebastião Bráz estava exercendo um papel de extrema importância em relação ao apoio logístico dado as ações da esquerda, embora a ajuda pareça ser inofensiva, o risco de ser preso era uma constante na vida dos militantes da esquerda. Apesar de não saber de fato quem seria esse sujeito que Stuart Angel levaria para sua casa, é importante entendermos todo o contexto em que uma ação como esta requeria dos seus participantes, pois como sabemos, qualquer deslize poderia resultar em prisões e mortes. De fato assumir a responsabilidade de ser militante implicava em assumir perigos a própria vida e de seus pares. O fato é que como próprio Sebastião nos relata entra no carro na qual estava “o personagem” como ele se refere ao sujeito, sendo assim, apesar de Sebastião ser apenas o guia que os levaria até um local seguro para abrigá-lo, uma vez que o trajeto realizado por eles poderia ser alvo de uma interceptação por parte dos militares, por mais que são estivesse na linha de frente o apoio logístico que Sebastião empreendia em momentos como esse o submetia a uma situação de vulnerabilidade.

O episódio em torno da salvaguarda de Stuart Angel pode ser apontado como exemplo significativo da inserção de Sebastião Bráz no contexto da militância de esquerda no Rio de Janeiro dos anos 1960. Era, portanto, parte de uma experiência que atravessava não apenas a ditadura e as experiências macropolíticas, mas também, um conjunto de questões micropolíticas, algumas políticas da amizade, configuradas como um exercício ético de cuidado de si¹³², na medida em que sujeitos tais como eles buscavam, nas suas lutas em comum, formas de configurar afetos.

Esse contexto, no qual se percebe a forja de uma certa vivência de luta, constitui o momento no qual a vivência de trabalho de Sebastião Bráz e sua inserção no Sindicato dos Aeroviários aparece como uma culminância de sua atuação política junto às forças de combate ao regime civil-militar no Brasil.

3.3 Sebastião Bráz e a luta sindical: trabalho, militância e clandestinidade

*Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu*

¹³¹BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹³² Para uma reflexão mais ampla a respeito desse debate, ver: ORTEGA, Francisco. **Por uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

*A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu...*

*A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda viva
E carrega o destino prá lá ...*

*Roda mundo, roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração...*

*A gente vai contra a corrente
Até não poder resistir
Na volta do barco é que sente
O quanto deixou de cumprir
Faz tempo que a gente cultiva
A mais linda roseira que há
Mas eis que chega a roda viva
E carrega a roseira prá lá...*

Chico Buarque de Holanda – Roda Viva (1968)

Os tempos não eram fáceis. Quem se opusesse sentiria a truculência da ditadura civil-militar. Esse é o contexto que o letrista e músico Chico Buarque analisa cirurgicamente na canção *Roda Viva*, lançado no álbum *Chico Buarque de Hollanda – Volume 3*, de 1968. Na canção, o compositor afirma que “tem dias que a gente se sente como quem partiu ou morreu”, parte de uma percepção de que tratava-se, naquele momento, de uma luta que parecia perdida. No entanto, a experiência histórica daquele ano indicaria que o *corpo-militante-partidário* não entregaria a guerra de mãos beijadas. Essa narrativa, parte da forja de uma *subjetividade revolucionária* na década de 1960, cabe em uma construção bastante popular em torno do golpe civil-militar de 1964 e seus desdobramentos. O historiador Idelmar Gomes Cavalcante Júnior analisa o ano de 1968, para além da imagem do suposto “ano que não terminou”, conforme indica Zuenir Ventura, como um dispositivo discursivo cuja eficácia se confirmou ao longo das décadas seguintes, pois, segundo ele:

[...] Essas operações que confirmam 1968 como um importante dispositivo discursivo no presente, mesmo após quase quatro décadas, só se tornaram possíveis graças a um investimento linguístico que, afrontando a explicitude do calendário, significou 1968 como um ano que jamais terminou [...]. Esta implicação o mantém vivo, pulsante, potencial representativo ao qual se recorre toda vez que se fala na rebeldia juvenil dos anos sessenta e, mais especificamente, no movimento estudantil. Este último se tornaria o fenômeno mais visível naquele penúltimo ano da década de sessenta. Em parte devido à efetiva presença de legiões juvenis nas ruas das grandes cidades brasileiras, mas também como resultado de um investimento discursivo que capturaria os acontecimentos daquela época e os alojaria na história do Brasil como uma espécie de ícone perpétuo. Espelho poderoso em cujo reflexo as sucessivas gerações de estudantes deveriam se reconhecer.¹³³

Fruto de um conjunto profundo de operações discursivas, 1968 é o ano que demarca essa memória de militância na qual se inseriram tantos personagens, como os já citados Carlos Lamarca, Stuart Angel, Frei Betto, Carlos Marighella e Alfredo Sirkis, cuja narrativa em *Os carbonários* termina por também reforçar essa imagem de um ano interminável, onde o romantismo das gerações que saíram às ruas em busca de uma revolução por vir demarcou e eternizou as experiências. Como um dos muitos carbonários, sujeitos que vivenciaram e trouxeram para o presente a experiência desse passado idealizado, Sebastião Bráz promove, ele também, suas memórias do período, na qual, após a inserção na juventude comunista, insere-se também na luta sindical junto ao Sindicato Nacional dos Aeroviários no Rio de Janeiro.

Na entrevista concedida em 2019, Bráz relembra as experiências junto ao sindicato, um dos desdobramentos de sua inserção nesse espaço da vivência política na capital fluminense no período em questão:

Olha, o sindicato eu tinha experiência no sindicato como militante do sindicato, eu não tinha experiência no sindicato como dirigente. Eu cheguei no Rio de Janeiro, eu fui militar no Sindicato dos Metalúrgicos. Eu trabalhava no setor dos metalúrgicos fui militar no Sindicato dos Metalúrgicos, participei de algumas greves dos metalúrgicos depois fui trabalhar na aviação e também participei dos movimentos dos aeroviários. Como eu era aeroviário, participei de 3 ou 4 lá durante meu período de trabalho lá. Participei das greves, tive participação nas greves e depois aí em 1963 compuseram uma chapa e me convidaram para participar da chapa e eu fui colocado como secretário da chapa do sindicato eu não tinha experiência como dirigente e nós fomos eleitos no momento muito complicado muito difícil de muita agitação. [...] ¹³⁴

¹³³ CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento:** um estudo sobre a constituição do *Movimento Estudantil* como categoria histórica. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

¹³⁴ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

Conforme indica Jorge Ferreira, em seu livro *O imaginário trabalhista*, o movimento sindical brasileiro entre 1945 e 1964 foi tratado pela literatura especializada com uma conotação negativa, vinculada à imagem do populismo de Getúlio Vargas, que ajudou a fortalecê-los. Nesse sentido, segundo o autor, “o trabalho sistemático de desmerecimento das lutas dos trabalhadores do passado atuou com muita eficácia no modo de pensar das gerações que se formaram após o golpe militar que depôs João Goulart”¹³⁵. Nesse sentido, as memórias de Sebastião Bráz sobre sua inserção nesse movimento apontam que sua vivência profissional como aeroviário e sua atuação na militância comunista indicaram o caminho para que ocupasse lugar de liderança na atividade sindical, o que levou ao episódio da greve que precisou administrar assim que passou a ocupar lugar na diretoria do mesmo, em 1963:

[...] Eu me lembro que o Juraci que era o presidente... nós fomos à Bahia resolver um problema da nossa sede. Nós pegamos um avião aqui. Quando nós saltamos em Salvador, tivemos que pegar o primeiro avião de volta porque estava havendo um problema sério aqui com os aeroviários. Uma parcela do pessoal tinha entrado em greve, estava um tumulto na aviação e estava fazendo falta o secretário e o presidente. Então foi assim, um época muito difícil até isso... E aí eu vou lhe dizer: logo em seguida, três meses depois que nós tínhamos assumido a direção do sindicato, nós tínhamos um companheiro que ele era Coronel da Aeronáutica também, Paulo de Mello Bastos [...], Comandante Paulo de Mello Bastos. E aí o Mello Bastos, ele era piloto da Varig, piloto internacional da Varig, o Melo Basto é um herói nosso lá da Europa da Guerra de 45, condecorado. Pois bem, e aí ele tinha ele foi eleito para a federação e a eleição da federação lhe dava imunidade, como eu também no sindicato eu tinha imunidade a empresa não podia mandar ir embora, eu tinha que voltar para a empresa, só que o Rubem Berta em uma loucura dele exonerou o Melo Bastos da empresa, botou na rua e aí criou-se um problema por que nós tínhamos que garantir a imunidade nossa e fomos a luta e decretamos um greve, e quem era o ministro do trabalho era o Almino Afonso. Almino Afonso deu uma declaração como ministro a greve é rigorosamente ilegal e o presidente apoiou-se no termo no ministro e considerou também a greve ilegal [...]¹³⁶

À época coronel e, posteriormente, comandante da Força Aérea Brasileira, Paulo de Mello Bastos atuaria como figura de destaque no contexto, em sua disputa com o então ministro do Trabalho e Emprego do governo do presidente João Goular, Almino Monteiro Álvares Afonso, que, mesmo vinculado ao PTB, estabeleceu uma relação de confronto com os líderes da greve dos aeroviários. No entanto, segundo a narrativa de Sebastião Bráz, tal disputa passaria a envolver mais um personagem importante nesse processo, o próprio presidente da República, João Goulart:

¹³⁵ FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 10.

¹³⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

[...] Mas foi um tumulto que você não imagina... e aí o Jango, numa sabedoria, manda o emissário. [...] Manda o emissário ao Rubem Berta dizer o seguinte, se você dentro de 24 horas não admitir o Mello Bastos eu vou decretar a intervenção na empresa e vou colocar o Mello Bastos como presidente. Varig, a maior empresa de aviação naquela época, se você não admitir o Melo Basto eu vou decretar a intervenção e vou colocar o Melo Basto como presidente, vou lhe depor e colocar o Melo Basto como presidente da empresa. Você não imagina o ódio que um negócio desses causa no meio da burguesia né, uma linguagem dessa do Presidente, pois bem, tudo isso foi somado para o Golpe Militar [...] ¹³⁷

Colocado por Jorge Ferreira, ao analisar sua trajetória desde os tempos de ministro do Trabalho do presidente Getúlio Vargas como “o ministro que conversava”¹³⁸, o já presidente da República João Goulart se posicionaria de forma contrária ao seu próprio ministro do Trabalho, acatando a pauta dos grevistas e enviando como emissário Rubem Berta, funcionário da empresa, que, em 1945, havia proposto a ideia de criação da Fundação dos Funcionários da Varig¹³⁹, a fim de indicar a figura de Mello Bastos à presidência da empresa, sob ameaça de intervenção.

A visão de Sebastião Bráz, profundamente marcada pelo seu lugar de fala junto à militância comunista, enaltece em seu vocabulário um conjunto de sentimentos e ressentimentos ligados ao contexto de época, principalmente à chamada “burguesia” do período, atribuição que conectaria tal fato como um dos elementos que, somados a outras experiências de época, outrora discutidas nesse trabalho, tais como o anticomunismo, contribuiriam para a emergência do golpe de 1964, o qual colocaria o Sindicato dos Aeroviários na clandestinidade. Em entrevista anterior, concedida em 2015, Bráz analisaria algumas análises sobre o golpe, visto por ele como fruto de uma fragilidade política ocasionada dentro do governo de Getúlio Vargas, isso atrelado a uma série de insatisfações que já vinha permeadas de conflitos nos mais diversos setores da sociedade brasileira:

O golpe militar ele não foi um acontecimento de 64, ele é fruto de um preparação que já vinha na nossa história de muito tempo, uma das coisas que eu posso lhe dizer quase que com certeza é que Getúlio quando criou a Petrobras criou também o ódio entre os militares integristas, porque nas forças armadas é como qualquer outra organização ela tem facções das mais diversas, e aí tanto é que tem grupos atuantes que Getúlio deu um tiro no peito, preferiu não entregar o poder que eles queriam de volta que era o golpe que eles queriam dar naquele período, e Getúlio se suicida e modifica o curso daquela

¹³⁷ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹³⁸ FERREIRA, 2005, p. 97

¹³⁹ A fundação viria, posteriormente, a ser chamada Fundação Rubem Berta.

história toda, mas todos eles continuam tramando, ai vem com a eleição de Juscelino os levantes de Aracaça e Jacareacanga os quais foram feitos por militares da aeronáutica, inclusive um dos dirigentes desse levante era o brigadeiro João Paulo Burnier, [...] então não é uma coisa que foi criada em 64, e ai a história do golpe militar ela está presa a uma serie de organizações internacionais a serviço de grandes grupos internacionais o bad e a cia foram muito atuante, todo mundo sabe que o embaixador americano foi um dos dirigentes do golpe aqui no Brasil abertamente, mesmo porque dez anos depois o departamento de estado americano publica documentos que o e embaixador do Brasil reproduziu dos quais tá lá a atuação do Mr. Lincon Gordon e de um coronel que era muito amigo ai do presidente Castelo Branco [...] eram pessoas que vieram aqui para o Brasil para preparar o golpe, para desencadear o golpe militar.¹⁴⁰

De acordo com a fala de Sebastião Bráz, podemos compreender que o golpe militar foi algo planejado previamente e por vários setores que possivelmente sentiram seus interesses afetados, desse modo ele descreve sua experiência como o golpe através de uma subjetividade em que a descrição dos acontecimentos se dão com uma riqueza de detalhes impossível de ser percebida pela historiografia brasileira oficialista.

Esses acontecimentos contados por sujeitos que não são lembrados historicamente, tendo, porém, tem suas contribuições dentro do processo de atuação dentro de uma ditadura nos remete as análises à luz de Maurice Halbwachs, o qual, ao refletir a respeito do processo de rememoração, afirma que:

Dentro e um conjunto de depoimentos exteriores a nós, é preciso trazer como semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças[...] nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sétimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer.¹⁴¹

O pensamento de Halbwachs em relação os depoimentos de externos nos fazem praticar os instintos e as lembranças que se instalam dentro de nossas próprias memórias, fazendo assim com que o processo de rememoração aconteça de forma sistemática e organizada, desse modo, a necessidade da testemunha em relação a memória que é reconstruída se torna essencial para ao entendimento de lembranças e suas possíveis compreensões.

A efetiva necessidade de entender o golpe civil-militar partindo de uma visão individualista e subjetiva do senhor Bráz é tentar buscar uma explicação do ponto de vista não oficial para os acontecimentos que por sua vez prejudicaram a sociedade brasileira, assim podemos buscar uma análise mais efetiva e detalhada, diferente do que já se tem escrito sobre o desencadear do golpe militar na historiografia oficial.

¹⁴⁰ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

¹⁴¹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

Ainda tratando as experiências vividas por Bráz durante a ditadura militar, podemos elencar a forte repressão que viveu quando esteve à frente do sindicato dos aeroviários do Rio de Janeiro, o sindicalismo nesse momento passava por uma séria repressão, a ditadura, por sua vez, queria pôr fim ao direito de contestar dos trabalhadores, o que se efetivava por meio dos sindicatos que representavam a classe de trabalhadores organizada, porém, antes de chegarmos a esse ponto, devemos lembrar a atuação da militância comunista durante o golpe militar, que, segundo Bráz, se efetiva da seguinte forma:

O golpe para nós, o partido alimentava a ilusão do esquema militar do governo, o partido não se preparou apesar de todos esses antecedentes de ameaça de golpe, o partido não se preparou o partido caiu no ilusionismo de que a coisa iria se dar de tal maneira através do esquema militar do governo, ele não se preparou, e de repente não aconteceu nada disso, o esquema militar do presidente Jango não funcionou, não existia mesmo né, o general que era responsável pelo esquema não era um general de muito prestígio nas forças armadas ele não teve força de coisa nenhuma era o Assis Brasil e o golpe foi desencadeado, e nós os comunistas militantes passamos a ser a grande vítima do golpe militar, e os dirigentes do partido ficaram atônicos com aqueles acontecimentos, o Apolônio de Carvalho que eu considero uma das pessoas mais importante do movimentos comunista brasileiro ele cita em seu livro vale a pena sonhar detalhes sobre essa questão aí.¹⁴²

A militância se viu despreparada diante do ataque dos militares ao poder, como Sebastião Bráz relata em sua fala, as articulações criadas pelos militantes não foram suficientes para conter o golpe, iludidos com o sonho socialista, os comunistas, de caçadores do regime militar viram a presa diante da atitude inesperada dos militares. O sistema militar, falho, causado por um colapso nas relações políticas dentro do governos de Jango, impulsiona ainda mais a conquista militarista sobre a resistência e toda a sociedade brasileira. Conforme relata o próprio personagem da pesquisa, citando o autor de *Vale a pena sonhar*, Apolônio de Carvalho¹⁴³, publicado em 1997 como uma das memórias de ex-militantes contra a ditadura, tratava-se de uma experiência reacionária que tomava de assalto um amplo conjunto de setores da sociedade brasileira.

Durante todo o período da ditadura civil-militar, a clandestinidade passa a ser um acontecimento de grande importância, visto que a vida clandestina dos militantes que vivam diretamente para o enfrentamento contra o regime ditatorial sofria radicais mudanças, devido

¹⁴² BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

¹⁴³ Apolônio de Carvalho foi um militante comunista de importante participação na luta contra o regime, foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), atuou ativamente no processo de resistência à ditadura, onde foi preso e torturado pelo regime militar. Ver: CARVALHO, Apolônio de. **Vale a pena sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

as questões ligadas a segurança e a necessidade de se criar falsas identidades sociais que se faziam necessárias, que por muitas vezes serviam como instrumento para escapar dos órgãos de repressão e se camuflar diante da sociedade.

A intenção dos militares em tentar sufocar a classe sindical nacional, em primeiro momento, mostra-se eficaz. No entanto, ainda que o objetivo principal seja alcançado, é nesse momento que boa parte dos membros dessas organizações começam a cair na clandestinidade, clandestinidade esta que, segundo Izabel Priscila Pimentel da Silva:

[...] também marcou de forma indelével a trajetória destes ex-militantes de organizações revolucionárias brasileiras. Cair na clandestinidade era, acima de tudo, uma tentativa de sobrevivência para estes militantes políticos. Ao ingressar em uma organização de esquerda ou tornar-se clandestino o militante rompia de forma radical com toda sua vida anterior.¹⁴⁴

O fragmento de Silva nos demonstra os impactos diretos e indiretos que a clandestinidade provocava na vida de um militante, mostrando ainda que a clandestinidade era algo muito mais complexo do que simplesmente trocar de nome. As consequências de estar na clandestinidade eram tão devastadoras a ponto de se tornar um momento vazio na vidas desses indivíduos.

A clandestinidade também passa a ser algo marcante a vida de Sebastião Bráz, após a sua prisão no Presídio Frei Caneca, localizado no Rio de Janeiro, onde encontravam-se também outros presos políticos. Naquele local, passou por uma série de interrogatórios nos quais afirma ter se mantido firme com suas palavras. Após ser preso juntamente com os demais membros no sindicato dos aeroviários, Sebastião Bráz no relata em seu depoimento os momentos de pânico e de tortura psicológica em que viveu durante sua prisão. Segundo Bráz:

Aeroviários e Aeronautas que fomos presos naquele primeiro estágio é aquilo que Hélio Pelegriño chama de a ditadura acanhada, a ditadura ainda não tinha se consolidado ainda tava preparando a ditadura para dar as grandes mordidas, e nós fomos presos, não tenho conhecimentos de que nenhum de nós foi submetido a tortura física como depois, isso poucos tempos depois na criação da OBAN em São Paulo se começou o massacre dos presos políticos, entretanto o tratamento dado é o tratamento que era dado aos inimigos que éramos nós trabalhadores, líder sindicais, homens de vanguarda de categoria, então nós fomos dentro desses parâmetros ai nós sofremos aquela repressão psicológica muito grande né, todos nós, e alguns dos nossos companheiros Mero Bastos, Oto Camelo do Norte, Osorio Pacheco, Martineli e uma série de

¹⁴⁴ SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Memórias de Um Pretérito (Im)Perfeito: História Oral da Luta Armada no Brasil. In: **XI Encontro Nacional de História Oral**, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

companheiros nossos todos tiveram que cair na clandestinidade até conseguir sair do país e ser exilado.¹⁴⁵

Nesse entendimento, Bráz nos remete a uma situação subjetiva na qual é decretada a ilegalidade da prática sindical, ensejado assim em sua prisão juntamente com seus companheiros de luta. É nesse momento que podemos perceber que mesmo com uma atuação não tão repressiva em relação ao enfrentamento armado aos militares, o tratamento que foi empregado ao senhor Bráz não se difere dos que foram presos pela luta armada.

As experiências de passar alguns dias preso em um presídio de presos políticos foi algo inovador na vida deste sujeito. Logo após sua prisão e ter sua liberdade restabelecida, o senhor Bráz, durante a clandestinidade, vivencia um fato marcante em sua trajetória de luta: a ele e a sua esposa, Maria Alice, foi delegada a função de buscar as restos mortais dos companheiros que estavam desaparecidos e que haveriam sido mortos força esmagadora da repressão trazida pela ditadura civil-militar. Segundo Bráz, as busca se davam da seguinte forma:

[...] Tudo que foi possível fazer para impedir que fossem encontrados esses camaradas nossos, esses companheiros nossos... foi feito pela ditadura militar. Uma grande quantidade de companheiros nossos foram enterrados como indigente no cemitério de Perus, no governo da Erundina, quando a Erundina era prefeita de São Paulo tem um série de companheiros que nós encontramos lá que foram enterrados como, inclusive a Soninha, esposa do Stuart e filha do coronel João Luiz de Moraes e dona Cléa Moraes, foi encontrada lá em São Paulo enterrada com o nome de Esmeralda, então assim eles mesmo fizeram tudo para que não encontrasse, eu tive uma tarefa muito grande também nessa questão dos desaparecidos políticos, porque me foi dada, na época eu tava no grupo tortura nunca mais, me foi dada a responsabilidade de cuidar das ossadas desse pessoal, e aí eu entrei em contato com um diretor do Hospital de Bom Sucesso naquela época e aí nós arranjamos lá um depósito onde colocamos essas ossadas, que eram pra ser examinadas, dentadura, etc. Existia um pessoal que veio até da argentina para fazer esse tipo de qualificação, mas essas ossadas como eu falei anteriormente já estavam em um estado muito avançado de depreciação então resolve-se fazer um monumento lá em Ricardo de Albuquerque no cemitério.¹⁴⁶

Sebastião Bráz nos redimensiona dentro de um cenário de atrocidades que eram provocados durante o regime de exceção que o país vivia, o fato de se buscar tais ossadas dentro de cemitérios foi uma forma utilizada por esses grupos para tentar minimizar a dor da perda dos familiares que por vezes mantinham a esperança de reencontrar seus entes queridos. As experiências atrozetas relatadas por ele conectam-se com um conjunto de outras experiências, que integraram as narrativas concedidas ao projeto Brasil, Nunca Mais, coordenado por Dom

¹⁴⁵ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

¹⁴⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

Paulo Evaristo Arns, conforme pode ser observado no fragmento a seguir, onde é descrito o processo de tortura, tratado como “método”, no contexto da formação dos militares:

De abusos cometidos pelos interrogadores sobre o preso, a tortura no Brasil passou, com o Regime Militar, à condição de “método científico”, incluído em currículo de formação de militares. O ensino deste método de arrancar confissões e informações não era meramente teórico. Era prático, com pessoas realmente torturadas, servindo de cobaias neste macabro aprendizado. Sabe-se que um dos primeiros a introduzir tal pragmatismo no Brasil, foi o policial norte-americano Dan Mitrione, posteriormente transferido para Montevidéu, onde acabou seqüestrado e morto. Quando instrutor em Belo Horizonte, nos primeiros anos do Regime Militar, ele utilizou mendigos recolhidos nas ruas para adestrar a polícia local.¹⁴⁷

Este processo de tortura, narrado por Sebastião Bráz e descrito no livro, levando à morte de diferentes companheiros, estimulava que diferentes grupos buscassem a clandestinidade como forma de sobrevivência. Nesse sentido, a clandestinidade significou, naquele momento histórico, tornar-se um exilado dentro de seu próprio país¹⁴⁸, todo esse cenário que passava a ser rotina cotidiana de Sebastião Bráz, nos remete a uma busca analítica em tentar compreender as relações em que os indivíduos se encontravam durante todo o período da clandestinidade. Trata-se de uma experiência que ganha força em diversas outras narrativas que abordam aqueles que se opuseram ao regime. Em *Os carbonários*, o próprio Alfredo Sirkis retoma suas narrativas sobre as vivências da violência sofrida, colocando sobre como estas traziam questionamentos sobre a validade da revolução mesmo para os militantes mais engajados. A certo ponto de sua narrativa, onde descreve de que forma a prisão e a tortura levavam à ambivalência de sensações pelos sujeitos que ali estavam submetidos:

E se eu não aguentar o pau? E se eu abrir? Se eu provocar quedas, mortes? Nessas alturas do campeonato, não dá mais para mistificar. Não abriu nada quem morreu no pau. Ou alguns caras velhos, muito experientes, um ou outro herói, como Bacuri.¹⁴⁹

Conforme pode ser visto, não apenas naquilo que é narrado por Sebastião Bráz, mas em outros carbonários do contexto vivido pelas militâncias que lutavam contra a ditadura civil-militar no Brasil, as atividades cotidianas sofriam alterações imensuráveis, tendo em vista que, a segurança e a necessidade de se encontrar com os demais companheiros de militâncias passa

¹⁴⁷ ARNS, Paulo Evaristo (Org.). **Brasil, nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 32.

¹⁴⁸ SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Memórias de Um Pretérito (Im)Perfeito: História Oral da Luta Armada no Brasil. In: **XI Encontro Nacional de História Oral**, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

¹⁴⁹ SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários**. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 423.

a ser algo bastante arriscado, logo havia uma necessidade de não saber o nome pessoal do indivíduos que faziam parte da sua rede de relacionamento, isso poderia colocar em risco todo um planejamento estratégico ou um encontro para transmitir alguma informações importantes para os membros da militância que passavam a viver no anonimato.

Diante do contexto analisado, é possível perceber que Sebastião Bráz encontrava-se, diante de um conjunto de experiências vivenciadas, inserido no contexto do corpo-militante-partidário brasileiro do período. Configura-se, assim, a partir de suas memórias, no interior de uma identidade desejada pelo grupo militante no qual vinculava, seja ele a juventude comunista ou o sindicato dos aeroviários. Assim, envolve-se no processo que redundaria em sua prisão e ao seu julgamento, uma dentre as experiências traumáticas que seriam vivenciadas pelo personagem central do trabalho, e das quais trata o próximo capítulo.

4. AS VIVÊNCIAS DO TRAUMA: inquérito, prisão, perdas pessoais e diagnósticos do presente

4.1 “Naquele dia ali, eu fui preso pelas coisas que eles achavam que eu deveria responder”: o Inquérito Policial Militar para apurar atividades subversivas

*Sebastião Bráz Filho, Aeroviário, brasileiro
Casado, com trinta e quatro anos de idade,
Natural do Estado do Piauí, Filho de Sebastião
Bráz de Sousa e de Maria Bráz do Nascimento,
Denunciado como incurso nas sanções
dos artigos 7º, 10º e 13º da Lei 1802/53.*

No dia 26 de junho de 1964, a Justiça militar instaurava um inquérito militar no sindicato Nacional dos Aeroviários, com objetivo de apurar atividades subversivas, sendo denunciados alguns membros do Sindicato, entre eles Sebastião Bráz. A Segunda Auditoria da Marinha era a instituição responsável por conduzir do inquérito e processo relacionado às denúncias de subversão que vinham do sindicato. Nesse momento, as perseguições que outrora vinham acontecendo, agora ficavam evidentes, assim, por meio do Judiciário, a decisão de instaurar tal inquérito fazia parte do processo necessário para manter a classe trabalhadora isolada e sem questionar as decisões políticas que os governos militares adotariam a partir daquele ano.

O fragmento exposto acima, a descrição de Sebastião Bráz e seu arrolamento como réu no processo que o denunciava em vista dos artigos 7º, 10º e 13 da Lei 1802/53, é parte de um rol de documentos que denotam ações de repressão do regime político vigente no Brasil contra grupos de sujeitos da sociedade civil. Abordá-lo implica em um cuidado especial com um dado arquivo, a fonte judicial, cuja dimensão, enquanto documento histórico, traz consigo a necessidade de uma percepção apurada sobre o próprio documento enquanto um evento. Conforme indica Durval Muniz de Albuquerque Júnior, é preciso estar atento não apenas para a “dimensão cognitiva, racionalizante, intelectual do trabalho com as fontes”, mas também com as suas “dimensões afetivas, sensíveis, corporais, desejanter, emocionais, passionais de seu contato com o passado, de seu contato mediado pelos vestígios, pelos sinais, pelos rastros, pelos signos do passado”¹⁵⁰.

Observar o documento judicial no qual Sebastião Bráz é tornado réu de um processo-crime evidencia, portanto, uma circunstância que, para além da dimensão racional, é também

¹⁵⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 67.

afetiva e emocional, uma dimensão traumática de sua experiência. Observa-se a necessidade dos agentes políticos do governo de configurar inimigos e puni-los de forma exemplar. Nesse contexto, era necessário criminalizar os sujeitos que porventura viessem a se envolver em situações que o estado a seu bel prazer considerar subversiva. Sebastião Bráz, enquanto membro ativo do Sindicato dos Aeroviários, no entendimento do Estado e da Justiça Militar, cometia os seguintes crimes, segundo a Lei 1802/53:

Lei 1.802/53 “Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social, e dá outras providências”

Art. 5º - Tentar, diretamente e por fato, mudar, por meios violentos, a Constituição, no todo ou em parte, ou a forma de governo por ela estabelecida.

Art. 7º - Concertarem-se ou associarem-se mais de três pessoas para a prática de qualquer dos crimes definidos nos artigos anteriores.

Art. 10. - Filiar-se ou ajudar com serviços ou donativos, ostensiva ou clandestinamente, mas sempre de maneira inequívoca, a qualquer das entidades reconstituídas ou em funcionamento na forma do artigo anterior.

Art. 13. - Instigar, preparar, dirigir ou ajudar a paralisação de serviços públicos ou de abastecimento da cidade.¹⁵¹

O Estado havia criado mecanismos para justificar as ações contra o sindicato e seus aliados. Nesse sentido, percebe-se que havia a necessidade de institucionalizar os meios a serem utilizados contra quem fosse considerado subversivo. Levando em consideração o inquérito policial militar, devemos observar no primeiro momento o contexto da criação da Lei 1.802/53, que define “os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social”. Se observarmos o art. 5º da referida lei, observamos facilmente a fragilidade da jurisprudência que a rege, pois, segundo o artigo compor o Sindicato Nacional do Aeroviários estaria indo de encontro com os princípios constitucionais brasileiros, pois, segundo a legislação, isso estaria condicionado a modificar a forma de governo por ela estabelecida.

O próprio Estado passa nesse momento a evidenciar os próprios mecanismos usados para coagir os sujeitos que não aceitavam a forma como o país estava sendo conduzida. Estava, naquele contexto histórico, baseado na Doutrina de Segurança Nacional, instrumentalizada no Brasil, mas cuja base se dava nos Estados Unidos, criada após a Segunda Guerra Mundial, no contexto da divisão política entre o mundo ocidental capitalista e o mundo soviético socialista. Sua proposta, de caráter geopolítico, pensada no sentido de construção de uma ordem internacional, passa a servir, segundo Nilson Borges, “para abolir dois dos princípios

¹⁵¹ BRASIL. Lei 1.802, de 5 de janeiro de 1953. Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 5 jan. de 1953. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/11802.htm > Acesso em: 10 setembro 2019.

fundamentais do regime democrático liberal: a subordinação dos militares ao poder civil e a não intervenção no processo político”¹⁵².

No interior das questões propostas por essa doutrina, era considerado crime se três ou mais pessoas se associarem ou se concentrarem, dessa forma, o objetivo em questão seria fragmentar os grupos para que não houvesse mobilização, porém, isso não era suficiente para que a classe trabalhadora dos aeroviários pudesse recuar as imposições criadas por meios deste mecanismo legal da lei. Levando em consideração toda essa discussão, é importante ressaltar que em uma análise mais profunda em relação a lei 1802/53 foi possível constatar que os artigos que a compõem se armam para criminalizar quem porventura fosse considerado ofensivo ao Estado. Essa ideia fica nítida na observância do art. 13, que tange a questão das paralisações. Seria impossível a classe trabalhadora, especificamente dos Aeroviários, demonstrar insatisfações com a suas questões trabalhistas, se não por meio das manifestações que englobava as graves e paralisações, ou seja, a necessidade do trabalhador se organizar para fazer as suas reivindicações.

Levando em consideração o contexto no qual o país se encontrava pós-golpe de 1964, Sebastião Bráz no permite compreender, a partir de suas experiências juntos ao Sindicato Nacional dos Aeroviários, todo o contexto da perseguição que foi promovido para tentar desmobilizar as esquerdas que se organizavam nos mais diversos setores da sociedade. No caso de Sebastião Bráz, o sindicato serviu como um alicerce para que essa esquerda pudesse organizar a classe trabalhadora sobre o seu papel, desse modo nosso sujeito no permite entender como houve o processo de intervenção do sindicato:

Pós-64, a vanguarda mais atuante em principio foi a UNE, foi a UNE, que resistiu ao golpe né, os trabalhadores perderam as suas organizações eu por exemplo eu era secretário do Sindicato Nacional dos Aeroviários e o sindicato sofreu intervenção imediata né, eu fui mandado de volta para empresa eu tenho, até te mandei essa carta ai que o Evaldo de Freitas Neto o interventor me devolvendo a empresa isso aconteceu não foi só comigo mais com todos os sindicatos, os sindicatos foram frutos de intervenção dos interventores, e alguns interventores eram até militares as organizações populares toda elas sofreram o peso da ditadura, isso fez com que toda essa vanguarda de luta que não eram só comunistas eram a vanguarda democrática né, recusasse e ficasse imobilizada, porque não tinha mais as suas sedes, não tinha mais as suas condições né, teve que se reorganizar e levou algum tempo¹⁵³

¹⁵² BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 32.

¹⁵³ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

Desestruturar as organizações, como os sindicatos, nesse momento era parte da estratégia aplicada pelos militares. Era necessário, nesse sentido, desmobilizar a classe trabalhadora para que fosse possível evitar qualquer tipo de organização com finalidade de luta contra o sistema instituído. Além dos dispositivos jurídicos que foram criados durante esse período, a narrativa entregue por Sebastião Bráz nos possibilita entender a necessidade de se colocar em uma clandestinidade forçada, quando falamos nessa perspectiva, estamos no referindo aqui aos mecanismos que interviam diretamente nas instituições criadas pelos trabalhadores como também por meio das legislações que proibiam as reuniões. Não restam dúvidas de que havia a necessidade de enfraquecer a esquerda nesse momento. Considerando o contexto em análise, o personagem conta sua passagem pela polícia e a abertura do processo no qual seria “convidado” a falar sobre a atuação sindical e a militância comunista:

Nós fomos, eu voltei na Cruzeiro do Sul novamente e depois eu recebi um emissário soldado, foi na minha casa lá levar uma requisição para que eu comparecesse ao DAC [Departamento da Aeronáutica Civil], onde eles instauraram o processo policial militar e eu compareci lá onde foi instaurado o processo onde naquele dia ali eu fui preso pelas coisas que eles achavam que eu deveria responder.¹⁵⁴

Fica evidente no fragmento acima que as questões que pareciam de ordem para o governo e as forças militares eram de interesse deles. Sebastião Bráz estabelece em sua fala a ideia de que tratavam-se de questionamentos que “eles achavam” que o sujeito interrogado deveria responder, essencialmente, questões que denunciassem alguma conspiração comunista organizando-se no interior do Sindicato dos Aeroviários e em grupos civis não-organizados da Aeronáutica.

Analisar esse momento de tensão social nos primeiros meses após o golpe de 1964, utilizando como fontes os arquivos jurídicos, nos permite entender como os sujeitos comuns, como Sebastião Bráz, têm sua vida totalmente modificada por conta das suas decisões políticas, como ressalta Arlete Farge em relação aos arquivos:

O arquivo não escreve páginas de história. Descreve com palavras do dia a dia, e no mesmo tom irrisório e trágico, onde o importante para a administração é saber quem são os responsáveis e como puni-los. Perguntas e respostas sucedem, cada queixa, cada auto é uma cena na qual se diz aquilo que normalmente não vale a pena ser dito. E mesmo ainda escrito, os pobres não escrevem, ou muito pouco, sua biografia (o arquivo judiciário, domínio do pequeno delito antes de ser o do grande crime, mais raro, guarda mais incidentes de pouca importância do que assassinatos graves, e exhibe a cada página a vida dos mais carentes).¹⁵⁵

¹⁵⁴ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

¹⁵⁵ FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017. p.14.

Os arquivos judiciários nos possibilitam entender o contexto em que a ditadura civil-militar constrói seu aparelhamento por meio da Justiça Militar, Sebastião Bráz passa a ser perseguido e acusado de crimes que ele próprio não reconhece, por isso afirmou que após 1964 o Estado o manteve preso “pelas coisas que eles achavam que eu deveria responder”, ou seja, o acusaram de forma arbitrária que se comprovaria alguns anos depois com o fim do inquérito policial militar. O fato é que durante todo o processo na Justiça Militar Sebastião Bráz e seus companheiros aliados a causa sindical passaram a ser alvo de várias investigações, havendo a necessidade de frequentemente comparecer aos órgãos de segurança pública para prestar esclarecimentos ao Estado.

Essas constatações foram possíveis a partir de uma análise do processo judicial envolvendo a participação de Sebastião Bráz no que a ditadura considerou como atividades subversivas como aponta o auto interrogatório do inquérito policial militar instaurado contra o sindicato e os seus membros, no caso Sebastião Bráz, segundo interrogatório um questionamento foi feito a Sebastião Bráz no que diz respeito da imputação que lhe era feita e se tem fatos a alegar ou provas que justificassem a sua inocência, nesse sentido a resposta de Sebastião Bráz foi categórica como um estratégia para livrar-se das acusações pois, devemos levar em consideração que o Tribunal que ali se encontrava era o da ditadura. Segundo o interrogatório Sebastião Bráz respondeu do seguinte modo:

Quer declarar que não é comunista e que nunca fez parte desta agremiação, nem de nenhuma outra qualquer organização política e partidária, que sua atuação se restringia, somente dentro do sindicato, do qual era secretário, que essa entidade não tem caráter político, mais sim, exclusivamente, de interesse de classe, que de resto deixa ao seu defensor, o que melhor convier sustentar em prol de sua defesa.¹⁵⁶

Conforme pode ser percebido no fragmento acima, Sebastião Bráz se utiliza de uma estratégia na qual nega sua condição de comunista e participante das iniciativas sindicais e partidárias, das quais, efetivamente, participava. Tal atitude remonta ao personagem analisado pelo historiador Carlo Ginzburg no livro *O queijo e os vermes*, o moleiro Menocchio, que, perseguido pela Inquisição, termina, no primeiro julgamento ao qual é submetido, por negar as ideias que defendia. Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Ginzburg, ao utilizar-se do método indiciário em sua pesquisa, tem como preocupação central “a explicação da teia

¹⁵⁶ BRASIL. Superior Tribunal Militar. Apelação nº 38.810. Guanabara, RJ de 1971. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: Poder Judiciário. 1971. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br>>. Acesso em 25 Fev. 2020.

discursiva e das práticas que a sustentam”¹⁵⁷, utilizando-se, para tanto, de uma estratégia de silêncio.

Havia uma necessidade de sobrevivência, o que fundamenta o uso do silêncio por aquele que poderia ser visto como um “criminoso da palavra”¹⁵⁸, ou seja, um personagem que se utilizava do seu lugar de fala, enquanto membro de grupos de esquerda e de um sindicato, para mobilizar pessoas na luta contra o regime político instituído no país. Afirmamos isso, pois o Tribunal ao qual Sebastião Bráz se encontrava naquele instante, além de militar, tratava-se do “Tribunal da Ditadura”, daí a necessidade de, diante da situação, manter-se protegido e entregar no depoimento o mínimo de informações possível, pois como temos observado, os mecanismos utilizados pela ditadura necessitavam de pequenos deslizes para incriminar aos que ela perseguia. Sebastião Bráz foi preso durante esse processo, porém ressalta que não foi torturado na prisão, mas que já sabia que a prática da tortura já era utilizada em algumas situações, que segundo ele:

Lá no setor da aeronáutica onde nós estávamos presos na 3ª zona aérea isso, nenhum companheiro nosso me reportou que tenha dito esse tipo de companheiros importantes, quadros importantes foram coagidos prestaram depoimento foram pressionados, o brigadeiro que comandou o inquérito lá era o brigadeiro Gil Biró Mendes de Moraes né, ele fumava um cigarro de palha e batia com o cigarro assim, há mas você e tal, com aquele cigarro de palha no dedo, mas constrangimento de depor ser obrigado a falar as coisa né, quero saber e tal, isso não teve, mas teve até ameaça, alguns companheiros da cruzeiro do sul foram ameaçados de levar o eletrochoque, as polícias vinham lá tinha o quarto deles lá, ameaçaram mas não chegaram, eu não tenho conhecimento naquela época, mas depois a tortura foi institucionalizada.¹⁵⁹

A prisão dos membros do sindicato nacional das aeroviários representa um momento de fragilidade da classe. Ao narrar a experiência da prisão, Sebastião Bráz nos possibilita entender o autoritarismo que era praticado durante os atos de interrogatórios, como também o constrangimento de prestar depoimento diante da figura que representava a ditadura, o qual estava ali para incriminar, mesmo que sem provas. O papel de quem presidia o inquérito era fazer com os indiciados caíssem em contradição. Nesse contexto, também existiam as ameaças que, apesar de não ter sido o caso de Sebastião Bráz, companheiros de trabalho de outras instituições receberam ameaças de tortura física, como próprio Sebastião Bráz cita em sua narrativa. O objetivo desses ataques, como ele ressalta, era de fato, institucionalizar a tortura,

¹⁵⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. In: _____. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Curitiba: Prismas, 2017. p. 115.

¹⁵⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 2017. p. 116.

¹⁵⁹ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 22 out. 2019.

como um mecanismo necessário para os militares combaterem o que considerassem “subversão”. Sobre o contexto da tortura, Daniel Aarão Reis ressalta que:

Havia os oficiais treinados nos sofisticados serviços de inteligência a e contra informação, acostumados a ler e analisar textos políticos e organogramas de organizações clandestinas, e a dar instruções que viabilizassem a tortura como método de coleta de informações.¹⁶⁰

É perceptível, portanto, a aproximação da narrativa de Sebastião Bráz com a questão posta por Reis, legitimando nas prisões a prática da tortura como mecanismo institucionalizado para a coleta de informações consideradas essências pelos agentes repressores da ditadura. A narrativa de Sebastião Bráz, quando se refere ao seu interrogatório, carrega uma carga sentimental interessante de observarmos, pois, como o sujeito nos retrata, o momento do interrogatório poderia provocar outros desdobramentos no andamento do processo em que era acusado.

Cabe ressaltar aqui a importância dos depoimentos de testemunhas que foram sendo convocadas ao longo do processo, já que apontavam outras versões e por vezes quebravam a tese de subversão sustentada pelos militares. A exemplo dessa situação, utilizaremos o depoimento de Murilo Pinheiro, que também fazia parte da classe dos aviários no Rio de Janeiro. Murilo era natural de São Paulo e tinha 55 anos de idade na época do depoimento. Segundo os autos do inquérito, o depoimento de Murilo ocorreu em 8 de maio de 1969 na sala de sessão da 2ª Auditoria da Marinha, sediada na cidade do Rio de Janeiro. Após lidas as denúncias em relação a Sebastião Bráz, a testemunha de defesa relata em seu depoimento que:

Conhece Sebastião Bráz Filho, conheceu nesta cidade, que retifica para dizer que conheceu Sebastião nos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, que os mesmo acusados [...] desfrutavam o melhor conceito em seus ambientes de trabalho, que matinha contato constate com os mesmos, que teve ocasião de partilhar com os mesmo em suas atividades sindicais, que os mesmo eram autênticos líderes sindicais, sempre trabalhando pelos interesses de suas respectivas categorias, que nunca teve notícia que os mesmos pertencessem a organização clandestina, que nunca tomou conhecimento no Sindicato, no que concerne a atividades/subversivas.¹⁶¹

O depoimento prestado por Murilo Pinheiro entrega alguns elementos que desconfiguram em certa medida as acusações imputadas a Sebastião Bráz, reforçando inclusive os laços de amizade que possuíam. É possível, mais uma vez, observar como as políticas de

¹⁶⁰ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p.65.

¹⁶¹ BRASIL. Superior Tribunal Militar. Apelação nº 38.810. Guanabara, RJ de 1971. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: Poder Judiciário. 1971. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

amizade se constituem, na medida em que Murilo Pinheiro utiliza-se dessa ética configurada nas relações de afeto e na construção de subjetividades em comum.¹⁶² Murilo passa então a ressaltar as qualidades da atuação sindical de Sebastião Bráz, evidenciando que “sempre trabalhou pelos interesses de suas respectivas categorias”. Murilo reforça ainda que desconhece qualquer tipo de associação com organizações clandestinas e atividades subversivas no âmbito do sindicato praticadas por Sebastião Bráz, essa afirmativa em certa medida já se tornava suficiente para deslegitimar as acusações, porém não eram suficientes. O fato é que a todo momento havia a necessidade de resistir as acusações feitas pelos militares, mesmo assim, o depoimento de defesa a todo instante contrariava as acusações. O processo envolvendo o movimento sindical onde Sebastião Bráz é envolvido se estende por um longo período de tempo.

Ao analisarmos as fontes jurídicas, cada documento nos traz novas possibilidades de analisar um fato especificamente – no caso o envolvimento de Sebastião Bráz com o Sindicato –, porém abre a possibilidade de percebermos a necessidade e olhar para o contexto geral da situação. Assim como Sebastião Bráz era processado, outros sujeitos também passavam pela mesma situação e pelas mesmas acusações, o que nos chama atenção nesse momento é a quantidade de pessoas que faziam parte da luta sindical, e por esse simples fato a ditadura militar precisava mantê-los afastados da classe, pois representavam perigo ao Estado. Facilmente encontramos trechos do processo em que os sujeitos eram rotulados de comunistas, o que não quer dizer que não eram, entretanto, havia a necessidade de passar a ideia que os comunistas nesse momento eram os responsáveis por toda aquela “desordem” da qual eles eram apontados durante aquele período.

Dessa maneira, podemos verificar essas questões ao analisarmos uma parte específica do processo onde o arquivo estudado à época era considerado “confidencial”. Por sua vez, essa confidencialidade possui informações que eram compartilhadas entre os órgãos de informação e repressão da ditadura, que a todo instante monitoravam quem porventura levantasse alguma suspeita. Segundo Heloisa Sterling, até 1967 a ditadura se utilizou da estrutura de repressão já existente nos estados, mobilizando os Departamentos de Ordem Política e Social, subordinados às Secretarias de Segurança Pública e os policiais civis lotados nas Delegacias de Furtos e Roubos, famosos pelo uso da violência e a prática da corrupção. A máquina de repressão começou a tomar nova forma em maio de 1967, com a criação do Centro de Informações do Exército (CIE). O CIE atuava simultaneamente na coleta de informações e na repressão direta

¹⁶² ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. São Paulo: Graal, 2008.

e foi provavelmente a peça mais letal de todo o aparato da ditadura. Tão temido quanto o CIE era o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), criado em 1957 e o Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA), montado em 1970.¹⁶³

Cabe observar, conforme indica Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que todo documento histórico é constituído por tropos linguísticos, onde se arquiteta o texto. Esses tropos possuem um conjunto, nem sempre claro, mas possível de ser investigado, de intencionalidades, na medida em que “um documento é um espaço, com suas marcas e signos”, que ajuda a perceber que desejos existem do ponto de vista de quem o produz.¹⁶⁴ Nesse desejo de produzir uma certa ideia a respeito do personagem que era interrogado, é possível perceber que o Estado se aparelhava das formas mais sofisticadas na produção de suas próprias linguagens. É nesse momento que o CISA, por meios dos seus documentos de informação, nos permite entender a intencionalidade em promover e apontar como comunista os opositores da ditadura militar, nesse sentido em 1 de fevereiro de 1971 nos arquivos confidenciais do CISA o documento de informação relacionado ao Sindicato Nacional dos Aeroviários nos fornece as seguintes informações:

Em atenção ao documento de referência, este Centro informa o que consta em seus arquivos a respeito dos abaixo relacionados. Rafael Puciarelli [...] membro da diretoria deposta. Ativo nas assembleias e reuniões de diretoria, com atividade subversivas, elemento de Juracy e Othon Canedo Lopes. Apontado como comunista ativo, na sindicância realizada no Sindicato Nacional dos Aeroviários. Tomou posse como membro da diretoria do Sindicato em 26 de abril de 1963. [...] Citado em depoimento de Sebastião Bráz Filho, em 29 de junho de 1964, na Diretoria de Rotas, a qual disse que compareceu a uma reunião na sede da Gazeta Sindical onde estavam presentes Othon, Juracy, Jaime e Rafael.¹⁶⁵

Pelo teor de informações e as expressões que são utilizadas para evidenciar algumas nuances da atuação política e sindical de Rafael Puciarelli, o fragmento do auto do processo nos permite afirmar que os órgão responsáveis por prestar informações confidenciais conseguiam infiltrar alguns de seus membros dentro dessas organizações sindicais, pois as informações prestada no relatório do CISA são bastante específicas e nos demonstram situações

¹⁶³ STARLING, Heloisa. **Brasil Doc.** Arquivo Digital. 2020. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/brasildoc/temas/2-orgaos-de-informacao-e-repressao-da-ditadura/2-3-cisa/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

¹⁶⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades.** São Paulo: Intermeios, 2019. p. 76.

¹⁶⁵ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Resposta Pedido de Busca:** nº 054. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1971. Disponível em: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br>>. Acesso em 25 Fev. 2020.

que provavelmente eram restritas aos membros do sindicato, como o próprio relatório cita a intensa participação de Puciarelli em assembleias e reuniões, que segundo a documentação, eram consideradas atividades subversivas. Por meio do cruzamento das informações, era possível também estabelecer a conexão com outros sujeitos. O fato de Sebastião Bráz o conhecer e tê-lo citado em seus depoimentos faz com esses órgãos comecem a fazer o cruzamento dos dados dos depoimentos evidenciando assim a rede de relações que eram estabelecidas entre os sujeitos envolvidos ao Sindicato Nacional dos Aeroviários.

Diante do exposto, o processo político-jurídico ao qual Sebastião Bráz foi submetido indica uma atuação do Estado como instrumento repressor da sociedade, capaz de indiciar figuras pelo seu potencial subversivo junto a outros grupos sociais. Trata-se, conforme já foi dito, não apenas de um processo-crime, mas de uma experiência-limite, na qual o personagem central desse trabalho, juntamente com outros companheiros, torna-se parte de uma série de traumas que atravessam não apenas sua experiência passada, mas também seus desdobramentos no contexto de lutar por uma democracia brasileira, passando, dentre outros elementos, por perdas pessoais, que evidenciavam e tornavam mais latentes as perdas políticas. Cabe a indagação, no tópico a ser discutido a seguir, de quais as percepções que esse personagem passa a ter do tempo presente em meio ao processo disruptivo que passa a ser observado, mesmo em tempos de democracia.

4.2. Para além do “combate nas trevas”: perdas e danos de uma atuação macropolítica

Como em uma luta, o cenário que se encontrava era de guerra declarada. De um lado lutavam para tentar reestabelecer a democracia no Brasil e do outra a manutenção de sua ausência. O fato é que em uma luta apenas um vence, porém até a vitória existe um longo caminho a ser percorrido. Nesse caminho houveram perdas e ganhos nos mais diversos aspectos da vida dos sujeitos que optaram por resistir ao regime imposto pelos militares. Sebastião Bráz vivenciou uma vitória ao final de processos em que a ditadura civil-militar buscou um conjunto de meios possíveis para incriminar diversos sujeitos envolvidos com a causa sindical. Apesar disso, Sebastião conseguiu provar sua inocência e contestar as teses de subversão das quais era acusado.

No entanto, a despeito do “combate nas trevas” – utilizando-se, metaforicamente, da referência-título da obra de Jacob Goreneder¹⁶⁶ – nos apropriamos da expressão para

¹⁶⁶ GORENEDER, Jacob. **Combate nas Trevas**: as esquerdas brasileiras da ilusão perdidas a luta armada. São Paulo: Ática, 1996.

exemplificar de fato o combate, tanto para os que optaram pela luta armada como também aos que resistiam de outras formas, como foi o caso de Sebastião Bráz, que foi perseguido em sua atuação militante carregando as marcas desse combate nas trevas até hoje em sua memória. Para além das questões de ordem macropolítica, as perdas que foram acontecendo durante toda a luta de resistência contra Ditadura deixaram marcas. Durante uma análise nas fontes documentais, foi possível constatar um momento que aparentemente parecia ser algo natural, a não ser pelo fato de estar recebendo um corpo de um dos companheiros mortos durante a ditadura. Na documentação expedida pelo Serviço Nacional de Informações – SNI do Rio de Janeiro em 30 de outubro de 1980 temos as seguintes informações:

Os restos mortais dos ativistas da Ação Libertadora Nacional (ALN) Alex de Paula Xavier Pereira e Iure Xavier Pereira, chegaram aos Aeroporto Santos Dumont dia 18 de outubro, por volta de 17:30 horas, provenientes da cidade de São Paulo. [...] A senhora Zilda Xavier Pereira, mãe dos ex-ativistas, aguardava os restos mortais de seus filhos acompanhada de inúmeras pessoas [...] No local, uma bandeira era desfraldada, com dizeres “ Comitê Brasileiro pela Anistia”, em branco, aplicado sobre um fundo vermelho.¹⁶⁷

A vigilância era constate, havia a necessidade de sempre monitorar os militantes, que, em situação atípica como esta, poderiam entregar alguma pista de alvos importantes de operações que por ventura poderiam vir acontecer durante a ditadura. Desse modo, se faz necessário refletir a partir das informações que a documentação no proporciona analisar, que havia uma necessidade de protestar, o que acontece quando a bandeira pela Anistia era desfraldada sob o caixão. Esse ato, carregado de significado, traz consigo a mensagem de que a militância estava atenta as atrocidades cometidas pela ditadura. Ainda sobre a documentação, foi possível constatar a importância do rastreamento de os sujeitos que ali compareceram no ato fúnebre do sepultamento das vítimas da ditadura, dessa maneira, segundo o documento:

As mortuárias foram levadas para o cemitérios de Inhaúma, pela Kombi placa RJ PT-8545, e, do cortejo, participaram os carros portadores das placas: a) RJ/NR – 6168 de Paulo Roberto Bonfim da Fonseca b) RJ/NR – 6982 de Augusto Cezar Vannucci c) RJ/ST – 2495 de Manuel Caeiro Barreiro d) RJ/OX – 4869 de Sebastião Bráz Filho [...] Pelo adiantamento da hora o sepultamento não pode ser realizado e os caixões foram conduzidos para a residência localizada á rua Almirante Alexandrino,2600. Dia 19, pela manhã, os restos mortais foram depositados no jazigo perpetuo da família, na quadra 46, de n° 43.324.¹⁶⁸

¹⁶⁷ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Informação n° 184**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1980. p. 1. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

¹⁶⁸ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Informação n° 184**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1980. p. 2. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

Conforme pode ser visto, havia um aparato efetivamente montado para que fosse possível coletar todas as informações e assegurar que os restos mortais de fatos repousariam em paz no cemitério. Além de perseguir, prender, torturar, matar e garantir que os restos mortais, nesse caso, chegassem ao seu destino final, as estruturas do governo ditatorial promoviam uma série de arbitrariedades contra os seus opositores, de forma que necessitavam, mesmo após a morte, monitorar o destino final de seus “inimigos”. Nesse sentido, os órgãos que monitoravam as ações dos opositores ao regime precisavam coletar o máximo de informações possíveis para posteriormente, em um caso de necessidade, pudessem realizar o cruzamento dessas informações que poderiam ser úteis no futuro, o que justificaria, nesse caso, a necessidade das informações contidas nesse relatório.

É possível, a partir das análises aqui realizadas, observar que, desde a entrega dos restos mortais, endereço onde os corpos foram velados e uma minuciosa lista dos carros que ali estiveram presentes, deixar claro que havia a necessidade “mesmo após o alvo ser abatido” de verificar possíveis movimentações que para a ditadura poderiam ser suspeitas. O contexto da morte de um militante nesse momento representava uma perda para todo o movimento de resistência contra a ditadura. Quando nos referimos as “perdas e danos” fica claro o exemplo que citamos para exemplificar a expressão, pois o baque se torna ainda maior quando se atinge um familiar, e era chegada a vez de Sebastião Bráz sentir ainda mais de perto a dor de uma das perdas irreparáveis.

Por mais estratégias que os militantes de esquerda pudessem desenvolver, os mecanismos desenvolvidos pela ditadura estavam bem aparelhados para seguirem seus monitoramentos e perseguições. Numa dessas ações, foi possível identificar uma mulher chamada Olinda de Lima Bráz, segundo a documentação, foi possível verificar que esta, por sua vez, compunha o núcleo que a priori incomodava a ditadura por dois motivos: o primeiro por se tratar de um grupo ligado ao movimento de anistia e o segundo por ser um núcleo feminino pela anistia.

Nesse contexto, foi elaborado pelo CISA um documento elencando os integrantes do Movimento Feminino Pela Anistia (MPFA)¹⁶⁹, movimento surgido no Brasil em 1975 e que consistia, no seu nascedouro, em uma articulação formada, a princípio, por mulheres paulistas, tendo como objetivo conquistar a anistia para as pessoas presas ou exiladas pelo regime autoritário vigente no país. Segundo Ana Rita Fonteles Duarte, o MPFA “juntou-se a outros

¹⁶⁹ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Componentes do movimento feminino pela Anistia**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1980. p. 2. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

movimentos criados ou liderados, entre as décadas de 60 e 80, do século XX, na América Latina, especialmente, na região do Cone Sul, por mulheres mobilizadas sob motivos semelhantes”¹⁷⁰. Esse era apenas o primeiro indício que a participação feminina também estava ligada aos movimentos de resistência à ditadura civil militar no Brasil.¹⁷¹

Alguns anos depois, especificamente em 8 de julho de 1983, o CISA emitia um novo documento de informações, agora com o conteúdo mais sofisticadas. Olinda de Lima Bráz filha de Sebastião Bráz aparecia nesse momento como integrante do grupo revolucionário que participava de luta armada durante a ditadura civil-militar brasileira, que foi intitulado Movimento Oito de Outubro (MR-8). Dessa forma, o documento nos revela as seguintes informações:

Olinda de Lima Braz (em casada: Olinda Braz Moço) é filha de Sebastião Bráz Filho e de Maria Alice de Lima Braz; DLN: 29 nov 55/Rio de Janeiro; Identidade: 3.555.070/ IFP/SSP-RJ; Carteira Profissional: 42.451/Série 027/RJ; Local de Trabalho Sindicato dos Psicólogos do Município do Rio de Janeiro (Rua de Catete, 142/2º andar – Tel:205-7242 Rio de Janeiro/RJ), onde foi admitida em 02 Mai 82, na função de auxiliar de Tesouraria”.¹⁷²

A princípio, as informações eram superficiais, uma vez que, no primeiro momento, a necessidade da ditadura era, basicamente, coletar as informações pessoais da pessoa listada. No entanto, verificamos que havia certa intencionalidade em monitorar Olinda Bráz, que já vinha sendo alvo das investigações do Cisa como componente do grupo feminino pela anistia. Na pesquisa documental realizada, não foi possível identificar sua presença em outros arquivos subsequentes, pois há uma quebra de continuidade na documentação, só reaparecendo novamente em 1983. Acreditamos, porém, que, pelo fato do processo na autoria militar em nome de seu pai, Sebastião Bráz, ainda estar em curso, Olinda Bráz começa a ser investigada, já que também fazia parte do sindicato, mesmo ocupando uma função que não apresentasse grande hierarquia dentro dessa organização. Não obstante, o fato de estar associada a classe faria com que o regime vigente no Brasil a considerasse como figura apresentadora de riscos à ordem estabelecida. Em sequência, o documento nos fornece com ainda mais detalhes informações de movimentações de Olinda Bráz:

No dia 23 de Dez 82. Olinda de Lima Braz compareceu à residência de Newton Novaes Barra Filho (MR-8/RJ), situada á Rua Santo Amaro. 33/401

¹⁷⁰ DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Memórias em disputa e jogos de gênero: o Movimento Feminino Pela Anistia no Ceará (1976-1979)**. 2009. 232 p. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 22.

¹⁷¹ Sobre a atuação das mulheres durante a ditadura civil militar no Brasil ver: CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. **Três mulheres e uma história de luta pela democracia**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2019.

¹⁷² CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **MR-8/ RJ – Olinda de Lima Bráz**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1983. p.1. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

– Tel:265-7481 Glória –RJ/RJ, onde pegou determinada quantidade de exemplares do Jornal “Hora do PC” (MR-8) e efetuou o pagamento de exemplares anteriormente recebidos.¹⁷³

O documento dá a entender que Olinda Bráz começava a representar perigo a ditadura, uma vez que começavam a enxergar suas atitudes como alinhamentos à prática de atividades subversivas. O fato de estar aparentemente adquirindo jornais que faziam parte da imprensa alternativa, segundo o documento ligado ao MR-8, como o periódico de orientação comunista *Hora do PC*, fez com que os membros do CISA fizessem um acompanhamento em relação às suas “atividades suspeitas”. Passados alguns dias, uma nova investida era realizada pelos agentes do CISA no intuito identificar alguma informação relacionada a Olinda Bráz:

No dia 26 Jan 83, um militante não identificado do MR-8/RJ compareceu à residência de Olinda de Lima Bráz, que, na oportunidade, residia a Rua Projetada do Canal 337/ Bloco 7/ Apto 204 – Conjunto Aerobita – Ilha do Governador – Rio de Janeiro/RJ, Local onde, aparentemente, realizavam-se frequentes reuniões.¹⁷⁴

Estabelecendo aquilo que Walter Benjamin chamaria de um “escovar da história a contrapelo”¹⁷⁵, é possível verificar que havia, por parte das figuras vinculadas ao regime civil-militar, a necessidade de, a todo instante, associar as atividades cotidianas que eram monitoradas pelos agentes do CISA com atividades ligadas ao movimento MR-8. Pelo que consta do documento de informações os agentes do CISA, presumiam que reuniões de cunho subversivo eram praticadas na residência de Olinda Bráz, porém o documento não apresenta nenhuma informação que de fato assegure que essas “frequentes reuniões” eram de fatos realizada nesse ambiente. Percebe-se, assim, a intencionalidade dos agentes da ditadura de estabelecer uma nomeação, um vínculo partidário e ideológico, buscando meios para tentar criar situações que poderiam estar ligados às atividades cotidianas de Olinda, mas que, para a ditadura, passava a apresentar riscos, conforme o próprio documento procura evidenciar. Uma militante atuante obviamente não era vista com bons olhos pela ditadura, a todo instante eram atualizadas a informações em relação a suas movimentações.

Levando em consideração o processo de levantamento de informações por parte dos órgãos de informações do governo militar, não foram encontrados mais documentos

¹⁷³ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **MR-8/ RJ – Olinda de Lima Bráz**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1983. p. 2. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

¹⁷⁴ CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **MR-8/ RJ – Olinda de Lima Bráz**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1983. p. 2. < <http://bnmdigital.mpf.mp.br> >. Acesso em 25 Fev. 2020.

¹⁷⁵ Para um debate mais amplo a respeito, ver: BEMVINDO, Vitor. “Escovar a história a contrapelo”: contribuições de Walter Benjamin para a concepção dialética de história. **Revista Trabalho Necessário**, n. 18, v. 35, p. 20-37, 2020.

relacionados a Olinda Bráz após 1983, porém um episódio marca a vida de Sebastião Bráz até os dias de hoje. No dia 10 de outubro 1987, Olinda de Lima Braz morreu em um acidente automobilístico que, segundo seu pai, Sebastião Bráz, Olinda faleceu nos moldes em que faleceu a Zuzu Angel: em uma incógnita para a família.¹⁷⁶ O estado nunca assumiu a autoria dessas mortes, porém, a partir dos indícios apresentados por toda documentação que foi discutido durante esse texto, não nos resta dúvida de que Olinda Bráz foi um alvo abatido pela ditadura civil-militar. É preciso lembrar a todo instante a sociedade das atrocidades cometidas pela ditadura civil-militar, lembrar passa a ser um ato de resistência, resistir é manter viva a esperança de que situações como essas vividas por Sebastião Bráz e tantos outros brasileiros que se dedicaram integralmente para o restabelecimento da democracia no Brasil jamais se repitam.

Nas duas entrevistas realizadas com Sebastião Bráz, ainda que bastante marcadas por memórias traumáticas relativas à sua vivência política, há poucas reminiscências relativas à morte de sua filha, além daquela trazida no que foi citado acima. A memória, conforme é possível observar na leitura de Maria Paula Nascimento Araújo e Myrian Sepúlveda dos Santos, é construída a partir de um processo seletivo, que passa também, pelo processo de esquecimento, notadamente quando se trata de memórias traumáticas. As autoras, ainda que trabalhando com memórias de traumas ocorridos no Holocausto, no bombardeio a Hiroshima ou na Guerra do Vietnã, servem para a compreensão de que “o esquecimento, em alguns casos, pode ser não só uma escolha, como também uma dádiva”¹⁷⁷. Ainda que o episódio do falecimento de Olívia não seja parte de um esquecimento involuntário de Sebastião Bráz, é visível que seu silenciamento seletivo contribui para a compreensão que se toca em uma dimensão de dor, bastante difícil de acessar ao pesquisador porque ainda é bastante difícil para o personagem da pesquisa. Nesse sentido, configura um momento em que a voz que, ao longo de um longo tempo, desejou falar a respeito de suas memórias de militância, por alguns instantes, cala, silencia diante da dor pessoal, que, em diversos aspectos, se mistura ou, em alguma medida, consegue até mesmo se sobrepor à dor coletiva.

¹⁷⁶ BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

¹⁷⁷ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 79, dez. 2007. p. 103.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando, em 1998, Alfredo Sirkis publicava suas memórias da guerrilha, imaginava publicar para uma sociedade brasileira ávida por democracia após duas décadas de ditadura. O tempo era de fazer uma revisão histórica do processo traumático vivido entre as décadas de 1960 e 1980, um “balanço geral” da história experienciada. Na esteira de suas memórias e de tantas outras, novas experiências, nascidas e desenvolvidas em outros lugares do Brasil e por outros personagens, vão servindo de material para que seja compreendido de que modo os tempos da ditadura foram experimentados, sofridos e configuraram traumas em personagens que enveredaram pela perspectiva da militância.

Por mais que se desenvolvam os estudos sobre a Ditadura Civil-Militar no Brasil, ainda há uma grande demanda de pesquisas a serem realizadas, há muitos casos ainda sob a penumbra desse período da História do Brasil, principalmente na atualidade, onde a ciência passa a ser atacada e o conhecimento produzido é colocado em xeque a todo instante. Desse modo, a presente dissertação buscou, a partir das experiências de Sebastião Bráz Filho, entender aspectos singulares sobre a época compreendida pela ditadura civil-militar no Brasil.

A princípio, havia a necessidade de entender o contexto de desenvolvimento da cidade de Teresina durante a década de 1950, pois esse era o cenário em que o jovem Sebastião Bráz estava inserido, entender as particularidades da cidade e o contexto social em que nosso personagem viveu durante o tempo que morou na capital era matéria-prima para realizarmos as discussões presentes nesse trabalho, era necessário também conhecer todo o trajeto desde sua saída da cidade de Oeiras- PI até sua chegada em Teresina. Nessa época, a cidade passava por período de desenvolvimento e urbanização, o que nos influenciou a fazermos uma discussão sobre o processo de desenvolvimento e modernização da cidade até o momento em que Sebastião Bráz decide ir embora de Teresina em busca de novos ares e uma melhor perspectiva de vida na cidade do Rio de Janeiro.

Nesse cenário de mudanças, buscamos entender a sua inserção política no contexto da ditadura militar, o que seu deu logo após sua chegada ao Rio de Janeiro. Havia uma grande diferenciação de realidade se compararmos a Teresina, porém foi o cenário de adversidades que Sebastião Bráz encontrou que o fez ter contato com as primeiras questões políticas da sua vida. Analisar a suas experiências após 1950 nos fez entender o quanto era importante perceber o nordestino recém-chegado a uma grande metrópole, para além da sua chegada as questões políticas encontradas e as discussões envolvendo o ambiente de trabalho foram

substancialmente interessantes para compreendermos o contexto da inserção na luta contra a ditadura civil militar no Brasil por parte de Sebastião Bráz.

O Brasil logo após logo após os primeiros anos da década de 1960 vinha passando por um momento de instabilidade política que manteve acirrado o clima de tensão social até 1964, quando ocorre o golpe arquitetado pelos militares com a contribuição de parte da sociedade civil. Nesse momento, as experiências políticas de Sebastião Bráz nos permitem entender o emergir de uma juventude que não aceitava o momento político para o qual o Brasil se encaminhava naquela época, enxergando na militância de esquerda uma alternativa para resistir a imposições e truculência que se avizinhava com a tomada do poder pelos militares. É nesse cenário que analisamos a atuação política de Sebastião Bráz, desde o seu primeiro contato com as questões políticas no Rio de Janeiro passando por todo o seu processo de militância junto ao Sindicato Nacional dos Aeroviários. Entender essa relação e, principalmente suas escolhas, nos proporcionou entender como se forja noção de *corpo-militante-partidário* que buscamos discutir ao longo dessa dissertação, nessa perspectiva a construção de um *carbonário* se faz presente em nossa análise sobre Sebastião Bráz.

Ao modo que as questões políticas ganhavam força no Brasil, durante a Ditadura Civil-Militar, maior eram os desafios em se manter ativos na luta, nessa perspectiva, buscamos entender as redes de relacionamento que eram construídas durante esse período, pois dessa maneira se estabeleciam alguns vínculos que nos proporcionaram tecer análises a partir dos aspectos em torno das políticas de amizade que eram estabelecidas durante a militância.

Ressaltamos também a perseguição que o Estado estabeleceu contra os sujeitos que se opunham à Ditadura, Sebastião Bráz e seus companheiros foram alvos de investigações durante boa parte do período em que estiveram à frente da causa sindical. Nesse sentido, conseguimos estabelecer a institucionalização dos mecanismos de perseguição que eram utilizados pelos militares para barrar qualquer tentativa que fosse considerada “subversiva”. Assim, o processo instaurado contra os membros sindicais foi nitidamente compreendido com a atitude interventora dos militares a organizações sindicais da época, uma vez que vários sindicatos passaram por situações semelhantes.

Mesmo após o fim da Ditadura Civil-Militar no Brasil ainda há um ressentimento das questões que outrora marcaram o passado de um geração, e esse foi um dos objetivos que buscamos evidenciar neste trabalho de dissertação de mestrado, por meio do conhecimento científico e de um grande esforço feito por meio na coleta de entrevistas e análises de fontes para que fosse possível esclarecer, ou pelo menos apontar alguns caminhos, que nos direcionassem para a solução, estimulando também o interesse da comunidade acadêmica para

que nunca deixe cair no esquecimento este período sombrio que infelizmente faz parte da história do nosso país.

Os tempos, conforme pode ser visto, não são fáceis. No entanto, é preciso carregar a certeza de que os brasileiros que morreram resistindo durante todo o período em que os militares estiveram nos governos não foi em vão. Estimular pesquisas como esta são mote para entendermos que, por mais adversidades que o Brasil venha passar, ainda assim há esperança de vivermos em um país onde a liberdade de expressão e o posicionamento político possam ser respeitados. Que o conhecimento científico seja possível, como também dar luzes e esclarecimentos a situações que por anos permaneceram no obscurantismo das ideias. Que com a conclusão deste texto tantos outros Sebastões, Marias e Olindas virem mártires na história da luta contra a ditadura e principalmente sejam luzes para esclarecer esse período obscuro da história do nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

FONTES HEMEROGRÁFICAS

Combate ao comunismo pelo aprimoramento social. **Jornal O Dominical**. Teresina. p. 1, 17 jan. 1960.

Esteios de nossa riqueza. **Jornal do Piauí**, Teresina, p.3, 11 de junho de 1953.

Monstruosidade. **Jornal O Dominical**. Teresina. p.2, 15 març. 1959.

O empréstimo da Prefeitura. **Jornal A Cidade**, Teresina, p.4, 17 de maio 1952.

O estopim vem aí. **Jornal O Dominical**, Teresina, p.1, 10 jan. 1960.

Reforma na rede elétrica. **Jornal A Cidade**, Teresina, p.4, 14 dez. 1951.

DOCUMENTOS OFICIAIS

PIAUÍ. Interventor. **Relatório do Interventor Federal Leônidas de Castro Melo**. Teresina. DEIP, 1940.

BRASIL. Superior Tribunal Militar. **Apelação nº 38.810**. Guanabara. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro: Poder Judiciário. 1971.

BRASIL. Lei 1.802, de 5 de janeiro de 1953. Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 5 jan. de 1953. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/11802.html > acesso em: 25 set. de 2019.

CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Componentes do movimento feminino pela Anistia**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1980.

CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **Informação nº 184**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1980.

CISA, Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica. **MR-8/ RJ – Olinda de Lima Bráz**. Rio de Janeiro: Ministério da Aeronáutica, 1983.

ENTREVISTAS

BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2015.

BRÁZ FILHO, Sebastião. Entrevista concedida a Eugênio Brito Rocha. Teresina: 2019.

BIBLIOGRAFIA

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2017.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fgv, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A gente é cria de frases: sobre história e biografia: sobre história e biografia. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 13-27, jan. 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Curitiba: Prismas, 2017.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do falo**. Uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. 1968: o levante das palavras. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (org.). **História, cinema e outras imagens juvenis**. Teresina: Edufpi, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história**. São Paulo: Intermeios, 2019.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 79, p. 95-111, dez. 2007.

ARNS, Paulo Evaristo (Org.). **Brasil, nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

BEMVINDO, Vitor. “Escovar a história a contrapelo”: contribuições de Walter Benjamin para a concepção dialética de história. **Revista Trabalho Necessário**, n. 18, v. 35, p. 20-37, 2020.

BETTO, Frei. **Batismo de sangue: a luta clandestina contra a ditadura militar - dossiês Carlos Marighella e frei Tito**. 11. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. p. 13-42.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 2006.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Apolônio de. **Vale a pena sonhar**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Fazer ver o que vemos: Michel Foucault – por uma história diagnóstica do presente. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 11, n. 3, p. 321-329, 2007.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos dos dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. 2004. 289 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

CAVALCANTE JÚNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento**: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como categoria histórica. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina.

CAVALCANTI JUNIOR, Ary Albuquerque. **Três mulheres e uma história de luta pela democracia**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves et al. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano o tempo da ditadura**: regime militar e movimento sociais em fins de século XX. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Memórias em disputa e jogos de gênero**: o Movimento Feminino Pela Anistia no Ceará (1976-1979). 2009. 232 p. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 108-109.

FICO, Carlos. **O golpe de 1964**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Fgv, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** 25. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

GODÓI, Emília Pietrafesa. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: UNICAMP, 1999.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas – a esquerda brasileira**: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Cultura e Participação nos Anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Flávia de Sousa. **Imprensa e discurso político**: as disputas pelo poder no Governo de Chagas Rodrigues (Piauí, 1959-1952). 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3**: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2017.

LINS, Daniel. **Bob Dylan**: a liberdade que canta. Brasil: Edições Ricochete, 2017.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. O respeito de si mesmo: humilhação e insubmissão. In: MARSON, Izabel et al (Org.). **Sobre a humilhação**: Sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: Edufu, 2005.

MEDEIROS, Antônio José. **1968**: uma geração contra a ditadura. Teresina: Quimera, 2014.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. A cidade dos sonhos. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). 2. ed. Teresina: Edufpi, 2015.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 5, p. 171-183, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Ângela Maria Macêdo de. **Imagens Dissonantes? A família Teresinense**: entre prescrições católicas e práticas culturais na década de 1950. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História do Brasil, Cchl, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. Esteja preso comunista! Breves considerações sobre práticas anticomunistas no Pós-Golpe Civil-Militar de 1964 no Piauí. **Crítica Histórica**, Maceió, v. 5, n. 10, p.109-132, dez. 2014.

_____. **Contra a foice e o martelo:** considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969 uma análise a partir do jornal "O Dia". Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

_____. **Da terra ao céu:** culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964). 2016. 532 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** São Paulo: Graal, 2008.

ORTEGA, Francisco. **Por uma política da amizade:** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros:** memória e história do PCB. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995.

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **Francisco Julião:** Em luta com seu mito, Golpe de estado, Exílio e Redemocratização do Brasil. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

REIS, Daniel Aarão. (Org.). **Versões e ficções:** o sequestro da história. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

_____. **A revolução faltou ao encontro:** os comunistas no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) encantos Modernos:** Histórias da cidade do Recife na década de vinte. 2. ed. Recife: Ed. UFPE, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Brasil:** uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. Memórias de Um Pretérito (Im) perfeito: História Oral da Luta Armada no Brasil. In: **XI Encontro Nacional de História Oral**, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

SILVA, Stéfany Marquis de Barros; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. "Mini-metrópole" X "Superprovíncia": Sensibilidades e corporalidades urbanas em Teresina na década de 1970. In: COSTA, Lucas Rafael Santos; FONTINELES FILHO, Pedro Pio (Org.). **(Re) escritas plurais:** história, historiografia e temporalidades. Teresina: Edufpi, 2019.

SIRKIS, Alfredo. **Os Carbonários.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

SPINK, Mary Jane; FREZZA, Rose Mary (Org.). Práticas Discursivas e Produção de Sentidos. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano:** Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TORQUATO NETO. **Os últimos dias de Paupéria**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

VALE JÚNIOR, João Batista. **Longe demais das capitais?:** cultura política, distinção social e movimento estudantil no Piauí (1935-1984). 2010. 311 p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

VENTURA, Zuenir. **1968:** o ano que não terminou. 14. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

WEFFORT, Francisco. Jornais são partidos? **Lua Nova**, v.1, n.2, p.37-40, jul/set.1984.